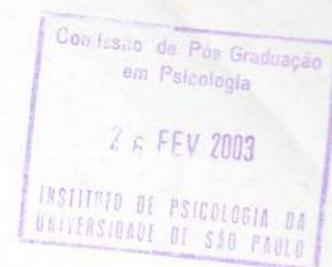


KAREN RIBEIRO



OS PADRES OPERÁRIOS NAS LEMBRANÇAS DE UMA COMUNIDADE:
um estudo de memória e prática política

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

SÃO PAULO
2003

KAREN RIBEIRO

OS PADRES OPERÁRIOS NAS LEMBRANÇAS DE UMA COMUNIDADE:
um estudo de memória e prática política



Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira

SÃO PAULO

2003

OS PADRES OPERÁRIOS NAS LEMBRANÇAS DE UMA COMUNIDADE:
UM ESTUDO DE MEMÓRIA E PRÁTICA POLÍTICA

KAREN RIBEIRO

BANCA EXAMINADORA

liboye

(Nome e Assinatura)

Marilene Proença R. de Souza

Eclia Bosi. Bosi

(Nome e Assinatura)

Paulo de Sales Oliveira

(Nome e Assinatura)

Paulo de Sales Oliveira

Dissertação defendida e aprovada em: 24 / 03 / 03

Aos meus pais: Alvino e Inez.

Ao Francisco, sempre.

Ao Professor Paulo de Salles Oliveira pela orientação cuidadosa e comprometida.
Às Professoras Ecléa Bosi e Marilene Proença Rabello de Souza pelas contribuições
precisas.
Aos amigos e amigas da comunidade que proporcionaram a concretização deste trabalho.

SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
Capítulo I – Memória e comunidade.....	01
1. Introdução ao tema	01
2. Encontro entre pesquisadora e comunidade	02
3. Práticas e condições de vida	06
4. Memória como referencial	08
5. A formação de uma comunidade de base	11
6. Não-violência-ativa	17
7. Fé e política	24
Capítulo II – A construção de uma comunidade de destino	28
1. O bairro nascente	28
2. Religiosidade de uma comunidade	30
3. Salão-capela: espaço compartilhado	39
4. A missa	44
5. Comunidade de destino	56
Capítulo III – Relatos de convivência: lembranças de uma comunidade eclesial de base ...	65
1. Acolhimento	65
2. Um caso de violência	70
3. Partilha	75
4. Abrigo.....	87
5. Práticas cidadãs	90

6. Problematização de gênero	103
7. Convívio família	113
Capítulo IV- Legado da comunidade eclesial de base.....	119
1. A comunidade hoje: tentativas de apagar as marcas do passado	119
2. Adversidades e enfrentamentos	135
3. Caminhos de preservação da memória: fragmentos de continuidade	144
4. Resistência ao esquecimento de uma prática	157
Capítulo V – Considerações finais	167
1. Ensinamentos enraizados	167
2. Anexos.....	179
A. Roteiro de observação	179
B. Roteiro de entrevista	180
C. . Desenho idealizado pelo, padre Domingos Barbé para representar o Partido dos Trabalhadores em Osasco-SP	182
D. Foto do padre Domingos Barbé	183
3. Referências	184
4. Bibliografia consultada	188

RIBEIRO, Karen. *Os padres operários nas lembranças de uma comunidade*: um estudo de memória e prática política. São Paulo, 2003. 189f. Tese (mestrado). IP – USP.

RESUMO

O presente trabalho estuda a memória cultivada na convivência de uma comunidade localizada na periferia do município de Osasco – São Paulo com os padres operários especialmente Domingos Barbé, Frei Emmanuel Retumba, Michel Cüenot, Gaspar Neerinck, na década de 70. Verifica como os ensinamentos da época permanecem nas práticas atuais, como os sujeitos interpretam a cultura comunitária e a militância. Apresenta caráter exploratório de amostra sem representatividade estatística. Os sujeitos são 14 homens e mulheres que se envolveram ativamente na experiência de comunidade de base. Utiliza entrevistas abertas orientadas por roteiro elaborado previamente com o auxílio das entrevistas-piloto e facilitadas pelo uso do gravador. Observações também guiadas por roteiro, foram realizadas nos encontros da Pastoral Fé e Política, da Pastoral da Saúde, dos Vicentinos, do Conselho Gestor do posto de saúde do bairro, da creche, nas missas e nos eventos comunitários. Os resultados receberam análise qualitativa com base nos escritos de Alfredo Bosi, Ecléa Bosi, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Simone Weil, Domingos Barbé, Emmanuel Retumba, Michel Cüenot, entre outros. Conclui que as pessoas continuam com ações políticas, solidárias e de acolhimento, mesmo com a ausência de lideranças religiosas e com as adversidades que poderiam levar à deserção.

RIBEIRO, Karen. *The worker priests in the memory of a community: a study of memory and practical policy*. São Paulo, 2003. p. 189 Master Thesis. IP – USP.

ABSTRACT

The present work studies the cultivated memory in the coexistence of a community located in the outskirts of Osasco city – São Paulo with the workers priests especially Domingos Barbé, Father Emmanuel Retumba, Michel Cüenot, Gaspar Neerick in the seventies. It checks how the period teachings remain in the present practice, how the person interprets the community culture and the militancy. It shows exploratory character of sample without statistics representativity. The people are 14 men and women whose got involved activitily in the experience of the community of base. It uses open interviews guided by prior outline produced with assistance of a pilot-interview and facilitated by using the tape recorder. Observations also were guided by outline, were realized in the meetings of faith and Policy Pastoral, Health Pastoral, Vicentinos, Manager Council of Health Center of the neighborhood, crèche, mass and community events. The results received qualitative analysis with base of the work of Alfredo Bosi, Ecléa Bosi, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Simone Weil, Domingos Barbé, Emmanuel Retumba, Michel Cuenot and others. It concludes that the people still go with politics actions, solidary and welcome, even with the absence of religious leadership and with the adversities that could take to desertion.

CAPÍTULO I

MEMÓRIA E COMUNIDADE

1. Introdução ao tema

Este estudo é uma proposta de recuperação da memória de convivência com os padres operários Domingos Barbé, Frei Emmanuel Retumba, Michel Cüenot, Gaspar Neerinck, entre outros, que a comunidade de base propiciou em um bairro periférico de Osasco – SP, aqui chamado de Jardim Aurora. Pretende-se verificar em que medida os ensinamentos da época estão presentes em práticas nos dias atuais, como os sujeitos interpretam a cultura comunitária e a militância. E ainda, observar as motivações que impulsionam as pessoas a continuarem com ações políticas, mesmo com a ausência de lideranças religiosas e com as implicações que poderiam levar à deserção.

O estudo de caráter exploratório compreende amostra sem representatividade estatística. Os homens e as mulheres que fizeram parte da pesquisa tiveram seus nomes modificados e a relação de parentesco omitida para preservação de suas identidades, em respeito aos seus desejos.

A aproximação pelo tema, como não poderia deixar de ser, em muito se relaciona com a biografia da pesquisadora. O contato com a classe oprimida ocorreu ainda na graduação em estágio supervisionado no posto de saúde da periferia de Salvador - Ba. Posteriormente pôde-se dar continuidade aos interesses no aperfeiçoamento realizado no Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da Universidade de São Paulo, Nêmg/USP, como bolsista do CNPq. Dessa vez foi pesquisado o lazer das mulheres canavieiras de São Joaquim da Barra – SP. Assim, a classe operária e seu cotidiano tornaram-se, ao longo do tempo, uma questão de ampla preocupação. A opção em trabalhar no município de Osasco justifica-se por ser o lugar que tão bem me recebeu. Ao vir de Salvador e fixar residência na cidade, encontrei entre seus moradores pessoas acolhedoras e generosas.

A escolha por essa comunidade surgiu quando pesquisava bairros da cidade na Biblioteca Municipal. Despertaram atenção as reportagens sobre a história da comunidade e o empenho de seus integrantes. Para compor a amostra, colaboraram a presidente e as funcionárias da creche do bairro, citada no jornal. Ao tomarem conhecimento do estudo aceitaram participar e recomendaram a outras pessoas. A cada novo contato novas indicações foram feitas até chegar ao total de 14 sujeitos. São pessoas consideradas atuantes e que viveram o período em que os padres operários pertenceram à comunidade.

A pesquisa recorreu às entrevistas abertas por proporcionar maior aproximação junto aos sujeitos, orientadas por roteiro elaborado previamente (Anexo B) e facilitadas pelo uso do gravador. Para assegurar a adequação do roteiro de entrevista aos interesses do estudo foram realizadas quatro entrevistas-piloto. Outros recursos utilizados foram as observações igualmente direcionadas por roteiro (Anexo A). Ocorreram durante as entrevistas e em contatos com a comunidade nos encontros da Pastoral Fé e Política, da Pastoral da Saúde, dos Vicentinos, do Conselho Gestor do posto de saúde do bairro, da creche, nas missas e nos eventos comunitários (festas para arrecadação de dinheiro e confraternizações).

A forma de análise dos resultados foi qualitativa por englobar com mais riqueza a singularidade do grupo. Os dados foram interpretados à luz dos ensinamentos de Alfredo Bosi, Ecléa Bosi, Walter Benjamin, Hannah Arendt, Simone Weil, Domingos Barbé, Emmanuel Retumba, Michel Cüenot, entre outros.

Este é o estudo de pessoas oprimidas, indivíduos que, segundo Barbé e Retumba (1971, p. 26), "(...) nunca são escutados no detalhe de sua vida humilde e escondida".

2. Encontro entre pesquisadora e comunidade

Em um local já bastante visitado por estranhos à procura de material sobre a experiência da comunidade de base, a aproximação não se deu sem alguma dificuldade. Uma preocupação se fazia presente entre as pessoas procuradas: o compromisso com o grupo, mesmo depois de finalizada a pesquisa. No primeiro contato com Dona Glória, após

esclarecimentos sobre a pesquisa, quis saber: "*Você não é como as estagiárias que vêm aqui, fazem o trabalho de faculdade e depois não voltam mais, é?*". Comentou que muitos a procuraram para fazer "*trabalhos de escola que contam ponto e nada fizeram para levantar a comunidade*". Dona Olga questionou: "*O brasileiro é afetuoso, eu gostaria de saber se depois disso você vai sumir.*". Lúcia confessou recentemente que nos primeiros contatos ouviu de uma pessoa próxima: "*cuidado com essa moça procurando as coisas de Domingos*", referindo-se ao meu interesse pelo padre Domingos Barbé.

A convivência e o tempo fizeram com que essas preocupações fossem atenuadas. Ao longo da pesquisa pode-se observar as mudanças no tratamento à pesquisadora. Nos primeiros contatos com a comunidade a profissão e seu *status* ocuparam plano principal no encontro com os moradores. Era comum ouvir *a psicóloga, a psicóloga da igreja, a intelectual*, nas referências à presença da profissional na comunidade. Aos poucos o nome passou a vir antes da profissão, mas esta ainda fazia-se presente, distinção marcada na interação que se fortalecia. Finalmente a condição profissional cedeu definitivamente lugar para o nome, a identidade se sobrepôs à profissão definindo a partir de então uma relação de amizade e de confiança.

Muitas foram as visitas feitas aos seus integrantes para entrevista, complementação de dados ou mesmo, uma consequência do vínculo estabelecido no convívio com essas pessoas. Tal conduta está afinada com a idéia descrita por Oliveira (1999, p. 62):

Penso, sobretudo, nas promessas infinitas de aprendizado que se abrem quando o pesquisador se dispõe a palmilhar com os entrevistados uma trajetória comum. O início de tudo está em sentir necessidade de conhecer as pessoas de quem se vai tratar, saber onde e como elas moram; como se faz para aí chegar, que linha de ônibus tomar, em que ponto descer, por que ruas caminhar. Andar a pé, usar o ônibus, travar contato com o bairro, com a feição das pessoas da vizinhança é uma forma de mergulhar na vida dos sujeitos estudados.

A frequência às missas trouxe-me algum embaraço. Ao mesmo tempo em que via necessidade de participar por estar agora fazendo parte do grupo, ainda que por intermédio da pesquisa, temia ser vista ali como uma intrusa, invadindo um espaço restrito à

comunidade. No entanto, para minha surpresa, houve receptividade, como se estivessem esperando por esse encontro.

Fui tomada pela emoção quando, no Dia do Leigo, convidada a subir no altar, recebi uma rosa de uma das entrevistadas. A data criada pela igreja católica destina-se a homenagear as pessoas dedicadas à prática e ao estudo teológico, que assumem muitas vezes as tarefas antes restritas ao pároco. Publicamente, o ministro da Palavra, leigo que recebe preparação da igreja para celebrar, me agradeceu por testemunhar o trabalho desenvolvido na comunidade e comentou brevemente sobre a minha chegada no bairro. Apesar dos esforços no esclarecimento da pesquisa, era predominante a idéia de que eu prestava serviço à comunidade, desconsiderando o fato de que eles sim, eram os grandes colaboradores.

A convivência entre pesquisadora e comunidade não foi interrompida com a finalização da coleta de dados, como temiam Dona Glória e Dona Olga, permanece até os dias atuais. Com a confiança solidificada veio o pedido para participar da creche. Dessa vez o movimento foi inverso, da amizade constituída partiu-se para a atuação profissional. Não havia porque recusar o convite, afinal, era a oportunidade de integrar um espaço construído historicamente a partir da comunidade eclesial de base.

Entre os horários das diversas tarefas realizadas - afazeres domésticos, trabalhos remunerados e atividades comunitárias - foi possível agendar as entrevistas. Nas datas marcadas nem tudo ocorreu como se previa. No dia da entrevista de Dona Margarida, fomos surpreendidas pela morte recente de seu marido. Foi preciso sensibilidade para que aproveitássemos o momento, não para ligar o gravador e tentar buscar no passado as lembranças de uma convivência comunitária, o que permaneceu desligado, caderno e lápis postos de lado, e as evocações do passado surgiram espontaneamente daquela senhora com relação a quase quarenta anos de casamento que ali chegava ao fim. Depois de algumas semanas e algumas visitas descobrimos juntas que era hora de voltarmos ao trabalho e só assim o agendamento e concretização da entrevista foram possíveis.

Todos, com exceção de Dona Vânia, escolheram a própria casa para realizar as entrevistas. Dona Vânia preferiu conversar no espaço de trabalho e lazer, no sítio que hospeda jovens dependentes químicos sem moradia. Sentamos no chão embaixo de uma árvore como era de sua vontade. Ao final almoçamos todos à mesa da cozinha ouvindo os

relatos dos adolescentes sobre o dia na escola, em uma disputa explícita de atenção da tia Vânia, como é carinhosamente chamada por eles.

As entrevistas na maioria das vezes foram realizadas na parte mais acolhedora da casa, na sala de estar ou na cozinha. E ao final um lanche sempre era oferecido na companhia de outros membros da família. Havia uma preocupação em preparar com as mãos algo saboroso, produzido especialmente para aquela ocasião. Tive a oportunidade de comer as coxinhas fritas na hora de Dona Olga, o doce de laranja da terra de Dona Márcia, esposa de Sr. Benedito, que levou três dias de preparação, com direito a levar uma porção para casa, como é costume no interior ou mesmo nas grandes cidades entre pessoas amigas. Após a refeição era comum o convite para conhecer os outros cômodos da casa.

Inicialmente foi preciso pontuar aos depoentes sobre a importância dos relatos para o estudo. Pareciam não acreditar que algo vivenciado entre eles pudesse ser objeto de estudo da universidade. Sr. Benedito avisou: "*tenho memória fraca*". Sr. Valdir chegou a recomendar entrevista com outros membros da comunidade em substituição ao seu depoimento. De início Dona Sônia resistiu em gravar a entrevista não por temer o que falaria, mas por não se orgulhar de sua voz gravada, considerada rouca e às vezes ininteligível. Puro engano. Dona Olga se desculpava quando desconhecia a pronúncia de algumas poucas palavras, "*meu português é de pé de serra*".

Ao primeiro sinal de que iríamos começar, alguns relatavam a história de vida em um só fôlego, exigindo da pesquisadora disponibilidade para ouvir o que inicialmente mencionavam e em seguida retomar o roteiro de entrevista.

Os depoentes mostraram-se interessados em colaborar com a pesquisa. Inúmeros foram os esforços para recordar os fatos da comunidade eclesial de base, faziam pausas demoradas e pedidos a Deus para lembrar. Em meio ao relato, a emoção atingiu sem aviso pesquisadora e entrevistado, como durante a narração de Dona Margarida sobre o clube de mães e seu fim, de Sr Valdir sobre as missas e o salão-capela, de Dona Olga sobre os questionamentos que Barbé fazia com relação a condição dos migrantes, de Flávia sobre o abuso sexual de que foi vítima, de Dona Sônia sobre as duras condições em que vivia nos primeiros anos no bairro.

Como bem expôs Bosi, E. (1987b, p. 48): “Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência.”. E acrescenta:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (p. 49).

3. Práticas e condições de vida

Na casa de cada sujeito há indícios de suas práticas comunitárias e fragmentos de sua rotina diária nos objetos que nela ocupam. Na sala de Dona Dulce, integrante da Pastoral da Saúde, caixas de medicamentos empilhadas equilibram-se no chão. O recipiente giratório de vidro comum nas *bombonieres* para exposição de doces tem o seu propósito alterado, ao invés das guloseimas, frascos de remédios preenchem todo espaço disponível.

Na casa de Dona Augusta pude presenciar o sentido de pertencer a uma comunidade. Ao chegar na hora marcada fui surpreendida com sua ausência, estava na casa em frente, prestando seus cuidados a uma idosa que se via desprezada por familiares. Após alguns minutos de espera iniciamos a entrevista sem antes Dona Augusta tomar os devidos cuidados. Observei a tudo sem a princípio entender. Fechou portas, janelas e cortinas em plena tarde de calor. Desligou o televisor e mantinha o tom de voz baixo. Isso para parecer que não havia ninguém em casa e evitar as interrupções. Nada disso funcionou. Fomos interrompidas por vizinhos a sua procura. Dona Augusta permanecia em silêncio para desencorajar as visitas até que seu filho denunciou: “*Ela não pode atender porque está falando com a psicóloga*”. Achemos melhor ouvir as solicitações e marcar novo encontro.

Ao chegar na casa de Dona Glória percebia-se o quanto seu dia-a-dia é atribulado, netos correndo pela casa, serviços domésticos por fazer, marido enfermo necessitando de atenção. Em pouco tempo encaminhou as crianças para o quintal e o marido para o quarto, arrumou rapidamente a cozinha, e o ambiente transformou-se em local tranquilo para a conversa.

As casas que conheci, ainda que tomadas pela construção de mais cômodos para atender ao crescimento das famílias, conservam algum pedaço de terra para plantar, detalhe observado por Bosi, E. (1996, p. 21):

Em abril e maio algumas ruas mudam de cor: o milho e as abóboras estendem sua folhagem amarelada nos mínimos espaços possíveis. Se o bairro pudesse ele seria semi-rural, pois ainda vive tão atraído pelo rural que resiste muito ao cimento, ao cimento no quintal que cobre a terra, que amordaça a planta, que queima a sola dos pés, preferindo o terreiro bem batido, onde um dia poderá nascer uma roseira, um pé de laranja, um capim.

Dona Margarida mora em uma casa agradável. Na frente, um amplo jardim com pés de frutas, hortaliças e flores ornamentais. Cacaueiro, jabuticabeira, limoeiro, laranjeira, romãzeira, antúrios, flor de maio, avenca, boldo, cidreira, hortelã, arruda, couve, salsinha, cebolinha, são algumas das que pude identificar. É a “casa das ervas”, como as pessoas costumam chamar porque recorrem sempre ao local em busca de mudas ou receitas caseiras para as doenças rotineiras. Um viveiro de pombas acaba de compor o clima bucólico. Tudo isso cuidado por ela mesma, apesar da pouca saúde.

O portão destrancado é o sinal para os amigos e amigas de que ela está em casa e estão todos convidados a entrar. Mesmo morando em uma das ruas movimentadas e perigosas do bairro, o hábito das pequenas cidades do interior permanece.

Na casa de Sr. Benedito já não existe mais tanta terra disponível. Mesmo assim, uma frondosa mangueira e chuchuzeiro, que segundo Dona Márcia, sua esposa, é abençoado por dar chuchu para consumo próprio e para os vizinhos, desabrocham no meio da construção. Aos poucos a área foi sendo utilizada para abrigar as famílias dos filhos. Ele

orgulha-se de sua capacidade de aproveitamento do local para tantas casas – “*o engenheiro sou eu aqui.*”.

A redistribuição do espaço para abrigar familiares ocorre com Lúcia, que mora na parte de baixo do terreno de parentes. A iluminação do sol não chega por completo no interior da casa, durante o dia é necessário o uso da luz artificial. Isso faz com que Lúcia diga que mora em um buraco.

4. Memória como referencial

O maior risco é a perda irreversível do passado como alerta Weil (1996), a sua preservação deveria ser objeto de preocupação. Priorizar o futuro em detrimento do passado é uma ilusão perigosa já que o futuro nutre-se dos “(...)tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós.” (p. 418).

Semelhante opinião tem Arendt (2001, p. 31) que acrescenta: “(...) sem tradição - que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor - parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo (...)”, apenas um mundo sem passado e futuro, regido pela ordem biológica. A tradição é “(...) o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado; esse fio, porém, foi também a cadeia que aguilhou cada sucessiva geração a um aspecto predeterminado do passado.” (p. 130). O desaparecimento do passado e da tradição está conduzindo ao esquecimento, a perda da memória, meio pelo qual se alcança a profundidade na existência humana.

O trabalho de preservação da memória não é tarefa fácil conforme elucida Benjamin (1995). O autor compara com o trabalho de escavação, “não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.” (p. 239). É preciso cautela e atenção para não desprezar os achados e relacioná-los com o presente.

A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (p. 239/240).

Diante desta problemática restam alguns meios para evitar o esquecimento, entre eles está o encontro entre pessoas na prática comunitária. Bosi, E. (1987b, p. 366) defende a idéia:

A memória das sociedades antigas apoiava-se na estabilidade espacial e na confiança em que os seres da nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (*versus* mobilidade), família larga, extensa (*versus* ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (*versus* objeto de consumo). Eis aí alguns arrimos em que sua memória se apoiava (grifo da autora).

Dito isto, optou-se por focar a memória de uma comunidade, uma vez que se acredita que no espaço e no trabalho compartilhados a memória se faz presente.

Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins cimentados. Mas a tristeza do indivíduo não muda o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada. Só a inteligência e o trabalho de um grupo [uma sociedade de amigos de bairro, por exemplo] podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto estas são reconquistáveis. Quando não há essa resistência coletiva os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas (BOSI, E., 1987b, p. 370).

Bosi, A (1992a, p. 28) consagra a linguagem como recurso disponível para a compreensão da memória.

A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo "cai" no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível.

Para atingir os objetivos da pesquisa tomaremos como princípio a definição de memória enquanto trabalho descrita por Bosi, E. (1987b, p. 17) com base nas idéias de Halbwachs.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (...) O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de cada um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

O trabalho da memória não se dá de maneira rasa, descomprometida, exige envolvimento, diz Bosi, E. (1987b, p. 39):

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento

também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

Assim sendo, não estamos propondo a reconstrução histórica da comunidade ou dos movimentos da igreja, muito menos tentando verificar se as representações e interpretações que as pessoas têm da época correspondem ao que ocorreu no passado. Não há interesse em transpor o passado ao presente ou compará-los, mas registrar as impressões de acontecimentos vividos e como a memória ajuda a manter acesa a prática política. Com isso não queremos cair no saudosismo, comparando a atuação do grupo no período em que a repressão dominava o país e os movimentos sociais se expandiam, com o momento atual. Queremos sim, registrar a memória daqueles que de uma forma ou de outra mantêm vivos os ideais dos padres operários e observar como isso repercute em sua vida comunitária.

5. A formação de uma comunidade de base

Para maior compreensão da experiência de comunidade eclesial de base vivida pelos sujeitos, se faz necessário uma breve exposição dos embasamentos teóricos que orientaram a atuação dos padres operários.

De acordo com Barbé (1983a), apenas a leitura do Evangelho não é suficiente para responder aos problemas do homem atual, ser Boa-nova, no sentido que o Evangelho propõe. Nas palavras de Bosi, A. (1983, p. 9), é o anúncio de algo novo e bom para todos com base no amor entre os homens: "(...) a semente que cabe aos homens fazer germinar até que a árvore cresça e dê os frutos de um convívio realmente fraterno.". Para isso é indispensável uma reorganização dos dados da fé que liberte o homem oprimido por meio da ação – a Teologia da Libertação (BARBÉ, 1983a). Dona Olga define a Teologia da Libertação como “linha de levantar os pobres, dar mais esperança para os pobres”.

O autor sugere ainda a Teologia do conflito, ou seja, o reconhecimento da existência do conflito social pelo Evangelho e a escolha da não-violência-ativa como forma de combatê-lo (BARBÉ, 1985). Princípios apoiados na ressurreição de Cristo.

Pensar no Cristo ressuscitado, na superação da morte, conduz à idéia de que as dificuldades que “(...) impedem um povo de se ‘levantar’ e ressuscitar (...)” (BARBÉ, 1983a, p. 75) poderão ser igualmente superadas: “(...) o medo, a desconfiança, a covardia, o comodismo, o individualismo, a exploração do homem pelo homem, a opressão política, os baixos salários, a violência, o ódio, a inveja, o aborrecimento e até a saudade...” (BARBÉ, 1976, p. 12). O resultado desse processo é a construção de uma sociedade de partilha, de comunhão (BARBÉ, 1983a), o Reino de Deus iniciado nos dias atuais (BARBÉ, 1976).

Diante do conflito Bosí, A (1983, p. 12) esclarece:

O militante da Boa-Nova reconhece que o conflito existe (ignorá-lo seria alienação ou má-fé), toma naturalmente o partido do injustiçado, mas não cede à tentação fácil da violência. Porque violência significa agravamento da injustiça. E métodos violentos são métodos cegos e injustos, iguais aos dos ceifadores da parábola que queriam separar, antes do tempo, o joio do trigo, correndo o risco de cortar também o trigo.

O autor acredita que para transformar a situação não devem ser utilizados os mesmos recursos que oprimem:

E aqui se manifestam o caráter e o sinal próprio do militante evangélico: ele sabe que vive preso a uma cadeia de enganos e de violações dos direitos humanos; ele tem consciência de que o combate contra esses procedimentos é um imperativo moral e político da sua classe e de todos os homens de boa vontade; mas ele também sabe que o adversário é um irmão a ser convertido à justiça, e não um inimigo a ser destruído a todo custo. A sua luta quer instaurar um convívio mais humanizado em cada um dos órgãos com que mantém relações. O Reino começa quando o Verbo se faz carne e habita entre nós. Os outros “reinos”, aqueles que durante séculos se mantiveram pela coação e pela fraude, receberam do Cristo um *não* definitivo. (BOSÍ, A, 1983, p. 12)

E Barbé (1976, p. 13) conclui:

É por esse motivo que não podemos nos conformar com a situação atual de nosso mundo e da nossa sociedade. Quanto mais uma sociedade dificulta a justiça e o amor entre os homens, quanto mais ela é brutal e injusta, especialmente no plano monetário (repartição dos bens), tanto mais se afasta do mundo iniciado pelo Ressuscitado, tanto mais devemos reagir e combater esta sociedade injusta: "O céu e a terra passarão, mas não o que temos a dizer e a fazer".

Exemplo do combate foi a repercussão que o grupo de evangelização causou na comunidade em questão:

Ah é, a partir daí nós descobrimos que éramos gente, né. Porque até antes a gente era mais um na multidão, levava tapa de lá, tapa de cá, tratado como um lixo, né, em todo lugar. A gente já tava morrendo de medo, que sabe, ser tratada no grito, tudo pra nós torna-se muito difícil. Todo mundo lá de cima só... Até hoje a minha alma é amargurada, pelo tratamento que o ser humano dá ao outro, né. Porque é assim, Karen, se você tem uma boa aparência e eles percebem que você é uma pessoa estudada, eles te tratam igual a gente, mas se eles percebem que você é pobre, eles te trata assim de uma maneira assim, sem paciência. Então descobrindo que era gente, né, porque aí também ele (Barbé) falava assim: olhe, vocês levantem a cabeça, ergam a cabeça porque vocês são muito importante, que vocês são filho de Deus. Vocês são filhos de Deus, vocês são irmãos de Jesus, Jesus Cristo morreu por vocês. Vocês sabem, vocês descobriram isso? Se vocês são filhos de Deus por que vocês têm que temer a alguém?

Olha, isso é uma coragem que dá ao ser humano, esse é o perigo, né, o perigo que a comunidade eclesial de base, que levantava o ser humano, né, (...). A partir daí era o que a gente queria, né. Se eu sou ser humano, se eu sou filho de Deus, por que eu vou ter medo? O que tá, o que tá acontecendo é uma injustiça comigo. Aí então nós vamos lutar pra onde existir a injustiça nós ir combatendo, né, (...) Primeiro a gente via que o

ser humano é o nosso irmão, tá necessitado, vamos ajudar ele. Mas tinha coisa que não estava ao nosso alcance, aí era a autoridade quem tinha, então vamos pedir da autoridade, pedir não, reivindicar da autoridade. E o trabalho aqui foi feito assim, né. E outra coisa que nós éramos trabalhados pra não ser assim, você chega aqui e fala por nós, não, você tá entendendo? Não deixa que ninguém chegue, e vai lá pras autoridades e fala por vocês. Vocês vão juntos. É, vocês, porque senão vocês não crescem, vocês ficam sempre devendo favor pros outros (Dona Olga).

Envolvido com o projeto da construção do Reino, o cristão passa a ser um militante da transformação de uma sociedade injusta e desigual para uma sociedade de partilha. “Pensamos na ação secreta do infinitamente pequeno, do aparentemente fraco e pobre, mas que, apesar de tudo, faz nascer e crescer o real na direção do Reino. O fermento, ou a semente, as origens ocultas de toda a vida.” (BOSI, A, 1983, p. 11).

Barbé defende uma transformação radical nas estruturas sociais. No entanto, não se coloca contra a industrialização. Opõe-se a sua forma de organização por desconsiderar as relações humanas: criar desigualdades; dividir o trabalho, o tempo, o consumo e a produção. No capitalismo não há qualquer preocupação com a criação de uma economia humana. O interesse dos capitalistas restringe-se ao futuro imediato das grandes indústrias (BARBÉ, 1983a). Coerente com esta visão está Bosi, A (1983, p. 13): “(...) O horizonte de todo movimento operário autêntico é a transformação e a superação do sistema capitalista e de todos os sistemas que explorem e corrompam o corpo e a alma dos homens.”

O mundo transformado seria o Reino de Deus, terrestre e não celeste, uma missão iniciada no presente. “Ele abrange todos os aspectos da vida humana, inclusive o aspecto social. Para nós, cristãos, o mal do homem é muito mais trágico do que o mal apenas econômico ou social. Também queremos muito mais do que uma sociedade sem classes” (BARBÉ, 1976, p. 71).

Na sociedade de partilha, o amor seria garantido pela graça, entendida como “(...) livre aceitação das pessoas convencidas a se doarem, a amar...” (p. 100). As tarefas seriam realizadas por pessoas que teriam a oportunidade de atender a comunidade depois de intensa discussão e eleição sem delegação de poder. Reforma agrária, preservação da

natureza, liberdade de decisão nas produções, auto-gestão nas fábricas, descentralização do poder são algumas mudanças propostas (BARBÉ, 1983a).

A sociedade ideal não deve ser confundida com o socialismo, tal como se deu em alguns países ou como sugerido por Marx. Sem deixar de considerar as contribuições deixadas pelo filósofo em sua análise da sociedade, Barbé (1983a) critica alguns pontos de sua produção teórica com a finalidade de avançar nas discussões. A ênfase na economia, a centralização do poder no homem e principalmente a desconsideração do aspecto religioso são fatores apontados pelo autor que inviabilizariam uma sociedade igualitária. A opressão tende a permanecer juntamente com a concentração de poder e a burocracia, sem mudar a condição social.

A ação do homem e suas organizações – sindicato, partido político, por exemplo - não são capazes de extinguir a opressão porque “(...) a doença da humanidade é religiosa, isto é, enquanto a relação com Deus, de todos e de cada um, não for restabelecida na sua intensidade e na sua retidão, novas estruturas de opressão, individuais ou coletivas, mentais ou físicas, ressurgirão inevitavelmente.” (BARBÉ, 1983a, p. 53).

A postura combatente será mantida além dos muros da igreja, abrangendo as esferas de convivência do cristão.

O militante cristão, semente e fermento, será uma presença discreta, mas firme e operosa, em todas as estruturas do mundo onde a injustiça fez o seu assento: no bairro, na fábrica, na fazenda, no sindicato, na favela, na escola, no escritório, na repartição pública, no hospital, no fórum, no centro de defesa, nos partidos, no rádio, no jornal, na TV, e, naturalmente, na própria Igreja (BOSI, A, 1983, p. 11).

E para alcançar esses objetivos são utilizadas ferramentas socializadoras - grupo de bairro, círculo bíblico, centro de defesa dos direitos humanos, clube de mães, conselho de fábrica, sindicato, diferentes partidos de oposição, pastoral operária.

Cada uma delas ajuda, a seu modo, e na sua esfera de ação, o homem dominado a pensar com mais justeza o seu lugar na própria classe e no todo social, a exprimir com mais nitidez as suas necessidades e a propor

com mais realismo e coerência o encaminhamento das suas lutas fundamentais (BOSI, A, 1983, p.13).

Dona Amanda conta como o trabalho de evangelização determinou para sempre seu compromisso com o próximo:

Olha Karen, um dia eu disse sim a Deus, a Jesus na minha vida. Então a partir do momento que você fala sim, você... Se você disse sim é sim porque pra Deus ou é sim ou é não. Jesus fala assim: ou você é quente ou você é frio, se você for morno eu te vomito. Então o cristão, ou ele é cristão de verdade ou ele não é cristão, que meio termo, em cima do muro... Então um dia eu disse sim ao Cristo e meu marido um dia falou sim. Porque a gente fez Escola da Fé em 70 e, acho que em 72 por ai, então a gente leu muito, viu muito assim os profetas e viu tudo, né. E a gente viu, igual Samuel, ele falou sim a Deus, Maria disse sim a Deus. O sim de Maria foi um sim muito sério, né. E a partir do momento que você é cristão você fala sim, você não pode escolher tarefa pra fazer, você não pode. Tudo aquilo que você puder fazer você tem que fazer.

Esse trabalho contava com a aproximação entre as pessoas e a transposição crítica do Evangelho nos acontecimentos vividos diariamente por elas. Feito isso, a pergunta é lançada: qual o papel do cristão frente à situação apresentada? Dona Olga explica:

É, esse grupo de evangelização começou assim, se reunia numa casa e lia assim um trecho da Bíblia, do Evangelho, e se colocava na vida. E a pergunta era essa: e você como cristão, de que maneira você agiria? A pergunta que até hoje pra mim ainda é chave. Eu digo que sou cristão e como cristão como eu devo agir em determinada situação? É, então, pra mim essa foi a pergunta chave. É, assumir ser cristão e como cristão como é que eu devo agir diante das situações que se apresentam pra mim. Então a discussão era por ai, né. E como cristão como você devia agir, né. Ah que tal pessoa tá passando fome! E você como cristão, o que é que você deve fazer com teu irmão, né? Ah, fulano ficou doente! E você

como cristão como é que você deve agir com uma pessoa que não tem quem arrume a casa, não tem quem cuide dos filhos?

Como se vê, a transformação da sociedade defendida por Barbé se dá antes com ações cotidianas, ao alcance de todo militante cristão. Compartilha da mesma opinião Bosi, E. (1985, p. 75):

A verdadeira mudança política dá-se a perceber no interior, no concreto, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial.

Uma revolução que não comece e não acabe transformando o cotidiano não merece nosso empenho.

6. Não-violência-ativa

O Evangelho tem por base a ressurreição de Cristo, o que significa dizer que orienta para uma atitude de não-violência-ativa:

Simplesmente que a vida é mais forte que a morte, o bem é maior que o mal, a graça mais poderosa que a desgraça. Portanto, toda luta que inclui a morte do outro em sua metodologia, como princípio de ação, afasta-se do eixo do Reino. De fato, como posso eu ficar incluído na esfera do Reino, que é vida e ressurreição, como posso continuar a pertencer a esse espaço do Reino onde a vida triunfou sobre a morte se cause a morte de outrem? É incompatível. (BARBÉ, 1983a, p. 214).

Estar ao lado do oprimido na construção do Reino, alerta Barbé (1983a) traz como consequência o crescimento do número de inimigos, pessoas que se beneficiam com a manutenção da situação atual. No combate em defesa da igualdade a arma escolhida é a não-violência-ativa, a firmeza permanente, luta demorada e persistente pela verdade, empregada por Gandhi e Martin Luther King. Os inimigos são filhos do mesmo Pai, devem

ser respeitados e levados a sentir o amor para que a luta seja eficaz e evangélica, inspirada nas ações de Jesus. O Secretariado Justiça e Não-Violência (1977) descreve a conduta de não-violência-ativa como sendo o método de libertação dos oprimidos de forma a eliminar as origens das injustiças. Através do poder da comoção e não-violência, da vingança ou da fuga, é possível desarmar o opressor de sua superioridade moral. Ele é atingido "(...) no campo do espírito, isto é, no plano do pensamento, da inteligência, da razão, da consciência. (O oprimido) Considera seu adversário como um ser racional e, por este motivo, usa as armas do Espírito que são a Verdade e o Amor que sobressaem do dom total de si mesmo." (p. 18).

O conflito deve ser encarado sem humilhar, desprezar e matar o inimigo. É uma associação de "força" e "mansidão". Na luta de classes existente não há possibilidades de diálogo entre opressor e oprimido,

O diálogo supõe que haja respeito entre os parceiros, ou pelo menos, uma certa igualdade de forças. Ora, justamente isto não acontece entre patrão e operário. O amor do inimigo é muito mais completo que um simples diálogo. Cristo não cumpriu sua missão neste mundo "dialogando" com os homens. Seu diálogo se chamou paixão, morte e cruz. Para se chegar à ressurreição tem que se passar pela cruz. Para chegar a uma reconciliação entre inimigos, numa sociedade injusta, é inevitável também passar por uma morte, uma destruição (BARBÉ, 1976, p. 19/20).

No relacionamento com o adversário recomenda-se fugir das generalizações, dos estereótipos que causam unidade no grupo do inimigo com o desaparecimento das diferenças individuais e características pessoais (BARBÉ, 1985). E relacionar-se sem arrogância, sem medo, sem morte, sem desprezo e sem subserviência.

A essência da proposta está nos escritos do Evangelho:

Vocês ouviram o que foi dito: "Olho por olho e dente por dente!" Eu, porém, lhes digo: não se vinguem de quem faz o mal a vocês. Pelo contrário: se alguém lhe dá um tapa na face direita, ofereça também a esquerda! Se alguém faz um processo para tomar de você a túnica, deixe

também o manto! Se alguém obriga você a andar um quilômetro, caminhe dois quilômetros com ele! (Mt 5,38-41, Bíblia Sagrada, 2000, p. 1244).

Com o histórico de lutas violentas na humanidade, a transformação em não-violência-ativa requer esforço para mudar. Amar os inimigos implica na “(...) preparação intensa dos quadros populares emergidos das comunidades de base devido à luta. Uma guerra não se improvisa. Se nos lançarmos deliberadamente numa guerra social, como fazemos, é preciso, obviamente, preparar as armas deste combate, e com urgência.” (BARBÉ, 1983a, p. 64/5). O método deve ser empregado sistematicamente numa ação militante intensa.

O uso da astúcia e da coragem é imprescindível para uma ação bem sucedida. A astúcia deverá ser usada na avaliação das forças envolvidas no conflito para “(...) encontrar nestes inimigos brechas pelas quais possamos penetrar até a parte humana deles e assim dismantelar seu sistema de defesa.” (BARBÉ, 1985, p. 80). A coragem em enfrentar a situação sem medo de arriscar a vida traz como recompensa a transformação do inimigo. Dona Olga sabe bem o que isso quer dizer:

Nesse tempo era um tempo de ditadura, né, um tempo muito fechado que ninguém podia abrir a boca, então... Não é como hoje, hoje todo mundo diz o que pensa, naquele tempo o regime de ditadura era uma coisa terrível, né. Pra você não ter que abrir a boca. E o que nós fazíamos era se organizar, nessa linha evangélica, né, nesse compromisso, de Deus, da Palavra de Deus, dos mandamentos de Deus, e isso nos levava assim, perder o medo de enfrentar até morrer. Mas era mais ligado numa confiança com Deus, né, era mais. Se é pra combater a injustiça, vou até a morte, nesse sentido assim, ficava muito, muito forte, né, nesse sentido. Nós sabíamos que tinha um grande inimigo que era o regime que podia nos perseguir, nos torturar e até matar. Nós éramos consciente disso, como mãe de família, tudo, a gente sabia o risco que a gente tava correndo, porque não podia se reunir ninguém, né.

A repressão predominante no país não inibia as ações dos militantes. Tentava-se estabelecer diálogo crítico entre a igreja e a ditadura militar. A defesa dos direitos humanos era fonte de preocupação independente do risco que poderia ocorrer. Dona Vânia comenta:

Pra nós entrarmos na comunidade, imagina que época nós fundamos a comunidade de base... na época da repressão, na época da ditadura. Então claro que foi muito duro pra nós porque nós éramos taxados como subversivo, como comunista, né. Então havia muitos problemas, perseguição, prisão, tortura. Naquela época foi muito difícil, hoje não, hoje tá mais fácil. Mas os problemas eram muito sério.

Também Sr. Benedito fala a esse respeito:

De um modo geral o sistema, o sistema que tivesse você tem que acompanhar, né. Então, por exemplo, na época da repressão, né, então a gente tinha que saber como trabalhar com esse pessoal, né, que a repressão tava em cima né, e você não podia se entregar, tinha que ser feito alguma coisa. A gente corria muito risco.

Embora envolvida com os princípios de solidariedade, Dona Olga tinha a plena consciência das conseqüências:

Mergulhar e você ter um ideal, pelo menos no meu caso, o meu ideal em primeiro lugar, depois se fizer uma análise alguém sofreu com isso. Se fizer uma análise, eu mesma fazendo uma análise, alguém sofreu com isso, foi minha família, né. Porque você, é impossível você trabalhar oito horas fora de casa num emprego e ter nove filhos, ter marido e ter duas, três reuniões no feriado, dia de domingo. Então alguém sofreu com isso e provavelmente foram meus filhos.

Contudo, não há arrependimento na escolha realizada:

Mas se fosse pra começar tudo de novo eu começaria. Que foi uma coisa pra mim muito boa, muito importante, me fez crescer muito, foi, é uma parte da minha vida. Hoje eu fico muito grata mesmo de ter essa oportunidade de trabalhar numa comunidade eclesial de base, né. Porque a coisa é essa, né, a comunidade eclesial de base tem que ter princípios, que nem tinha aqui, né, é evangelizar, orar e viver os mandamentos da lei de Deus, e trabalhar para o próximo e lutar pra combater as injustiças. Olha que bonito, essa é uma coisa mais importante do ser humano. É amar o ser humano, amar a Deus, amar o ser humano e aonde tiver injustiça ter que lutar. Olha que atrevimento (risos)!

De forma objetiva Dona Olga descreve o trabalho do militante cristão, sem deixar de considerar a complexidade envolvida e os resultados positivos, ainda que lentos:

Porque olha bem, você tinha que trabalhar no ser humano três coisas ao mesmo tempo. Você tinha que tirar ele de uma religião tradicional, certo, e botar ele pra estudar o Evangelho, não era costume. Você tinha que trabalhar ele com os seus costumes, sua cultura e suas maneiras, e ao mesmo tempo levantar ele para descobrir o sistema político que ele tava vivendo, né. (...) Só que você não pode esperar um resultado imediato, nem ter certeza de que vai dar um resultado, mas a sua obrigação é tentar e isso é normal. Quanto mais tenta mais quer (risos)!

Os depoentes tentavam superar o medo da morte, sentimento responsável pelas alianças entre oprimidos e opressores e pela instalação da passividade. A desunião da maioria, adverte Barbé (1985, p. 72), é causada muito mais pelo medo da morte do que pelo falta de organização e de recursos. O autor menciona:

(...) a política do mal menor quase sempre chega a um mal maior, pois destrói a vontade de resistência e deixa o inimigo infiltrar suas idéias e sua presença não apenas no meio da nação oprimida, mas na alma dos

combatentes. É uma política de desmoralização, de cumplicidade com a mentira e a destruição dos próprios irmãos.

La Boétie (1999, p. 32) escreve que a sustentação da tirania está no apoio dos cúmplices à crueldade. Pessoas que negociam privilégios em troca da adesão à dominação. Agindo assim abraçam a servidão e se afastam da liberdade.

Como dizem os médicos, se há em nosso corpo alguma coisa estragada, logo um outro lugar onde nada está acontecendo rapidamente se dirige para a parte bichada: do mesmo modo, logo que um rei declarou-se tirano, tudo que é ruim, toda a escória do reino - não falo de um monte de gatunos e desorelhados que numa república não podem fazer muito mal nem bem, mas dos que são manchados por ambição ardente e notável avaréza - reúnem-se à sua volta e apóiam para participarem da presa e serem eles mesmos tiranetes sob o grande tirano.

Os sujeitos da pesquisa colecionam histórias de práticas da não-violência-ativa. Basta dizer que Dona Olga, Sr Benedito e Dona Vânia foram responsáveis por visitas incansáveis às delegacias hostis a qualquer sinal de humanidade em busca de jovens pobres presos à revelia, a despeito dos direitos humanos. Em outro momento, Dona Glória conseguiu socorro a uma vítima do abandono dos serviços de saúde pública por meio da sensibilização dos responsáveis.

Conclui Barbé (1985, p. 77):

Veja bem: fazendo isto, você não é neutro. Você não é omissos. Você não foge, nem recua, não capitula. Você fica firme e nunca mais deixará seu adversário, até que o conflito seja resolvido. Você oferece o que você é e o que você tem, sua túnica, seu corpo todo até chegar a uma solução.

O método, continua o autor, evidencia maior eficiência do que a passividade e a revolução armada, por isso deveria conquistar novos adeptos.

Os autores não estão sozinhos na defesa desse ponto de vista. Freire (1988, p. 36) faz a seguinte afirmação:

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existencição, na sua práxis, se constitui solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa.

Por ser uma proposta cristã, nos comove sem deixar de provocar indagações. A forma de atuação e o objetivo final da missão, a igualdade, parecem nobres, porém parcialmente realizáveis. A prática da cidadania em busca da transformação da realidade pode ser concretizada. A maior comprovação vem da própria comunidade em questão, que por meio de reivindicação alcançou benefícios na infra-estrutura do bairro e mobilizou o ambiente de trabalho. Os moradores passaram a reconhecer sua condição de agentes de mudança. O mesmo não pode ser esperado da transformação das estruturas sociais e da construção do Reino de Deus entre nós. A mudança radical por meio do amor e da comoção pode parecer inviável, pois o interesse econômico que está em jogo na relação de poder se mostra muito mais forte do que qualquer intenção humanitária. Essas questões serão objeto de reflexão, mas não chegam a anular a importância dos escritos de Barbé, Retumba e Cüenot. Apenas, como se trata de uma pesquisa acadêmica, tentamos nos posicionar criticamente frente às suas idéias para não ceder à idolatria.

7. Fé e política

Ao tomar conhecimento do enfrentamento do conflito social que Barbé (1987) revela, tem-se a princípio a impressão de que a fé cedeu seu lugar à política. Trata-se de um equívoco. Entre os militantes cristãos a consciência religiosa deve andar junto com a consciência política. A base deve ser evangelizada a fim de garantir o movimento revolucionário. E o corpo eclesial tem responsabilidade sobre isso.

Não há oposição entre evangelização e revolução, entre fé e política. Os cristãos animados pelo fermento evangélico participarão ativamente do movimento revolucionário (BARBÉ, 1987). “A salvação cristã inclui o político e vai além. A libertação da opressão e de todas as formas de tirania é o sinal precursor da chegada do Reino.” (BARBÉ, 1983a, p. 95).

Dona Olga mostra a integração existente entre fé e política na viabilização de uma sociedade igualitária aprendida na Escola da Fé:

Uma coisa ajudava a outra, né, que quando a gente saía da política entrava no religioso, era uma coisa muito ligada, todos num mesmo objetivo, apesar de ser na política, o objetivo era a salvação. A diferença da fé e da política era essa, porque apesar do objetivo nosso ser a salvação da alma, chegava perante a Deus com um trabalho lutando aqui na terra pra que haja justiça, ou seja, o amor, a meta era essa, né.(...) Deixaram, deixaram a gente muito atrevido, mas também teve uma parte muito boa de, de amor, de partilha, de fé em Deus, de esperança em Deus muito forte. Não era só a questão de combater a injustiça, mas também primeiro de combater a gente mesmo, vocês têm que orar, falava rezar, né, vocês têm que rezar, vocês têm que jejuar, vocês têm que ler o Evangelho, procurar sempre perguntar pra vocês como cristão o que vocês estão fazendo pra não cometer injustiça. Era maravilhoso, um trabalho assim extraordinário.

Dona Dulce acredita que a política está embasada nos princípios do cristianismo uma vez que “(...) política é você conversar um assunto e tirar uma solução para todos

igualmente, não é isso que é política?". Dona Augusta acrescenta que os padres estimulavam os encontros entre as pessoas, as discussões políticas e o direito ao voto como um dos meios de transformar a realidade: "Então eles falavam muito disso, precisava conhecer é... precisava saber é, por exemplo, votar. Se você não participa de nada, é isso mesmo que eles querem. Se você não votar fica como eles querem."

Barbé (1983a, p. 59) distingue sem separar, celebração da fé de sua prática. A celebração proporciona a memória de Jesus e da força de seu sacrifício entre os cristãos. E anuncia: "Pratica-se o que se celebra, não na igreja, mas na vida cotidiana." Sem a celebração das "energias evangélicas" perdem sua força e dispersam o objetivo de luta pelo Reino.

Jorge conta sua experiência em um grupo de discussão que existia na casa dos padres operários dirigido pelo Frei Emmanuel ou Frei Manu como é conhecido. Jovens e velhos reuniam-se para falar sobre o Evangelho, cantar, comentar sobre os acontecimentos atuais, as necessidades do bairro e as relações de trabalho. A repercussão nas firmas ocorreu em seguida. Os trabalhadores levavam as discussões aos colegas, passaram a participar de sindicatos e liderar greves.

O fazer política dos cristãos deixa de ser um impasse ao se considerar fé e política como instâncias inseparáveis e inconfundíveis. Além disso, pressupor que "(...) a ordem criada, seja qual for, inclusive a ordem política, não se mantém a não ser que guarde a sua abertura ativa ao Criador, sua ligação com ele sem confusão nem separação." (BARBÉ, 1987, p. 135).

A ação política do cristão também está relacionada com a ressurreição de Cristo:

Se a criação e a redenção culminam quanto aos seus efeitos, na ressurreição, se a salvação supõe a libertação do mal supremo que é a morte, então devemos, para sermos coerentes com a nossa fé e a nossa esperança, agir com firmeza neste mundo, para livrar nossa sociedade das forças de morte que a oprimem. A libertação política faz, portanto, parte da salvação. (BARBÉ, 1983a, p. 72).

A leitura criteriosa do Evangelho auxilia na prática política, Dona Olga conta que a iniciação bíblico-litúrgica da Escola da Fé ministrada na comunidade pelo padre Michel

Cüenot proporcionou a reflexão sobre a história de um povo em busca de salvação e seu papel nos dias atuais. – “*Sou da linhagem de Abraão, estou aqui e meu rumo é a vida eterna. Eu faço parte de uma caminhada de um povo, porque a gente não sabe se não estuda.*”.

O conceito de política defendido pelo autor nada tem a ver com o posicionamento partidário, com o envolvimento em benefício próprio em busca de carreira política. Para Barbé (1976, p. 64):

(...) política verdadeira é servir e não ser servido (Mt 20, 28). Sobretudo política verdadeira é uma grande tarefa religiosa: é fazer germinar um pouco o Reino de Deus na fábrica, na lavoura, no governo, enfim, em todas as realidades econômicas e sociais. Mas quem quer botar o sal do Evangelho nestas realidades terrestres encontra resistências terríveis e mesmo fanáticas. Até pode ser acusado de ser subversivo. Pode ser morto. Concluindo, diremos que a política verdadeira é uma das maneiras importantes que temos para apressar a vinda do mundo novo, tornando nosso mundo atual um pouco mais parecido com o mundo iniciado pelo Ressuscitado. A libertação que Cristo veio trazer ao mundo vai muito além de um trabalho político; porém, *inclui* este trabalho, em todos os níveis e para todos os homens.

Engana-se quem pensa ser possível efetivar tal missão, a igualdade entre as pessoas, sem transformação social, posiciona-se o autor:

(...) numa sociedade com desigualdades gritantes não há amor possível; os ricos e os pobres estão separados uns dos outros pelo medo e pela inveja. Como falar de amor numa favela que treme de frio e de fome, enquanto as casas que a cercam bem agasalhadas, nada fazem para ajudar? O amor exige uma transformação social radical. Essa transformação deve-se enraizar na consciência de cada um, mas

necessariamente, repercute em novas estruturas sociais. Daí vem a necessidade cristã da política. (BARBÉ, 1983a, p. 48).

O que não significa dizer que a ação limita-se a transformação da estrutura social, das relações de poder. A política cristã amplia a discussão e se faz necessária em uma infinidade de espaços, uma vez que seu objetivo último é a felicidade entre as pessoas (BARBÉ, 1983a).

A prática política mencionada no tema da pesquisa refere à forma de organização comunitária que visa o enfrentamento de problemas levantados pelo grupo, o planejamento e viabilização de estratégias de ação. Contudo, essa atuação não se dá sem conflitos. É possível identificar na vida coletiva dos sujeitos contradições, certos momentos de resignação e outros de revolta. Em algumas situações podem trair suas convicções e cair no conformismo. Isso mostra que são pessoas como todos nós e, ao contrário do que uma visão romântica das classes populares poderia demonstrar, seu cotidiano não é só contestação.

CAPÍTULO II

A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE DESTINO

1. O bairro nascente

O bairro foi constituído a partir do loteamento de grandes propriedades a preço acessível aos primeiros moradores, migrantes mineiros, paranaenses e pernambucanos, em busca de casa própria e de possibilidades de empregos que as indústrias do município poderiam oferecer. Dona Augusta veio com marido, cunhado e sogra visitar parentes e resolveu ficar. Juntaram o rendimento da colheita de arroz e das vendas da charrete e do cavalo, únicos bens que possuíam em Minas Gerais.

O local ainda nascente, não dispunha de condições mínimas de moradia, conforme relata Dona Glória:

Ah... não tinha nada, nada, nada. Olha, aqui não tinha padaria, aqui não tinha um bar, aqui não tinha farmácia, aqui não tinha ônibus, não tinha nada. Tudo que a gente precisava a gente tinha que ir à Osasco (centro), não tinha posto de saúde, não tinha nada, nada. E a gente, o que precisava a gente saía daqui pra ir pra Osasco, saía, levava as crianças no médico lá na Vila Mariana. Vixe, era assim muito ruim porque não tinha recurso pra nada. O ônibus nós tínhamos que sair daqui pra pegar, aquele tempo era papa-fila, nós saíamos daqui pra tomar o papa-fila em Osasco pra gente poder ir pra cidade.

Dona Cleide não esquece dos sacrifícios para se chegar ao trabalho. Andava quilômetros até o ponto de ônibus mais próximo. Como o trajeto era de barro, nos dias chuvosos os sapatos eram cobertos de lama. Para evitar os constrangimentos e comentários, precisava levar na sacola mais um par de sapatos limpos, trocá-los no ônibus e esconder os sujos atrás dos matos ao redor para serem novamente calçados no regresso.

Sr. Benedito lembra que o pão vinha de carroça do centro da cidade, algumas vezes por semana. Sr. Valdir dá a verdadeira dimensão do bairro na época: “(...) a gente quando veio pra cá era tudo pobre mesmo, pobre, pobre, pobre.”. Jorge acrescenta:

Não tinha condução, não tinha rua direito, era carreador, né. Carreador seria assim uma, tipo é, uma rua de terra, mas estreita, né, que passava só carroça, não passava carro, né. Não tinha muito carro na época. Carro era mais assim pro, pro centro, né. (...). O lado de cá não tinha, ainda era um brejo assim.

As casas ainda eram poucas, menos ainda as construídas em alvenaria. As moradias de poucos cômodos eram erguidas às pressas apenas para abrigar minimamente as famílias, o material empregado em geral era o mais frágil e barato:

Ó, boa parte das casas era barracão de madeira. Não era de alvenaria e era mal acabada, mal rebocada, mal estruturada, não tinha uma estrutura assim, sabe. Era uma casa... simples. Igualzinho minha casa mesmo, era um barracão de quatro, cinco cômodos, parecia uma lingüiça o barracão, aos poucos ia se apodrecendo e meu pai ia remendando os pedaço de madeira. (Jorge).

Aos poucos as casas de tijolos substituíam os barracos, cômodo por cômodo, à medida que era possível destinar parte da reduzida renda familiar na compra de material de construção. O próprio morador e seus vizinhos compunham a mão-de-obra.

As condições acima descritas favoreciam os comentários populares sobre o lugar como *atrasado*, *bairro dos índios* e *cidade dos índios* como indica Dona Vânia. Lúcia declara: “Ai, diziam que lá tinha tarado, essas coisas.”.

A comunidade já em sua formação manifestava os primeiros sinais de solidariedade:

O que existia assim de bom é que a gente tinha mais amizade, né. Tinha uma partilha entre nós. Por exemplo, se um cavava um poço primeiro todos nós pegávamos água lá até quando desse condição do outro cavar

o seu poço. Então não tinha cerca, né, era tudo aberto, a gente era bem livre, sabe, todos juntos. As crianças também tinham mais amizade. É... era um tipo, todo mundo na mesma procura, todos migrantes, né, do Nordeste e também do interior do Pará, do Paraná, né, e algumas pessoas que tinha vindo do interior. Então era um povo novo se conhecendo, né, aqui, e formando uma amizade, a amizade era bem mais fácil naquele tempo. Conhecia todo mundo, sabia do nome, né (risos) (Dona Olga).

Dona Sônia narra como foi recepcionada na nova casa depois de uma exaustiva viagem de caminhão com cinco filhos e as poucas mobílias e roupas que trouxe do Paraná:

Ai... viemos num caminhão (risos). Ai chegamos aqui, quem acolheu a gente foi essa vizinha do lado, que é a Dona Vitória, né. Cheguei aqui já tinha meu almoço feito, tudo arrumadinho, a casa lavadinha. Bom, dessa época pra cá... a minha mãe já morava, como eu te falei, em São Paulo, né, era bem longe daqui. Quem ficou sendo minha mãe foi essa vizinha. Pra tudo me ajudou muito, muito, em tudo que pode. Então eu tenho essa senhora como minha mãe, entendeu. Hoje eu ajudei a criar os filhos dela, ela ajudou a criar os meus. E já se passaram 36 anos.

2. Religiosidade de uma comunidade

A comunidade expressava sua religiosidade em uma pequena capela construída por uma família de posses que levava o nome de um santo em homenagem a uma graça alcançada. O local era pequeno, decorado por inúmeras imagens religiosas. Rezava-se o terço e missas esporádicas eram realizadas quando padres de outras localidades aceitavam celebrar naquele lugar.

A capelinha era bem pequenininha, não sei se você viu, acho que não cabiam nem seis pessoas na capelinha, nem seis pessoas não cabiam.

Era um chão vermelhõzinho, aquela coisa muito simplesinha, os banquinhos simples e foi ali que nós encontramos Cristo. Porque eu fiz Primeira Comunhão muito cedo, eu sempre comunguei, eu sempre fui à missa, tudo. Mas eu não sabia o valor que tinha... Viver em comunidade eu descobri aí (Dona Amanda)

As pessoas que não se contentavam com a situação apresentada caminhavam horas até a catedral para assistir a missa e solicitar padres para a capela. É o caso de Dona Glória:

Mesmo assim a gente ia na matriz e a gente, eu lembro, a gente pediu um padre pra, pra vir rezar missa aqui. Ele falou, mas vocês não vêm aqui? Tava eu e minha irmã, falamos, ah, a gente vem aqui mas tem pessoas lá que não vem aqui. E falou, ah, vocês se preocupem com vocês, depois vou ver o que posso fazer. Vocês não estão vindo, não está bom?

O padre, ao deslocar para a esfera individual uma preocupação coletiva levantada por Dona Glória e sua irmã, de proporcionar a todos o direito à vida religiosa, revela como a reivindicação não foi entendida. Não convencidas, a busca continuou. Entraram em contato com leigos de outra comunidade para formar um conselho. A princípio se propuseram a atender as expectativas do grupo: ir além da reza do terço, partir para a leitura e compreensão do Evangelho e desenvolver trabalho comunitário que ainda não estava bem definido entre eles – “No meu entender a gente tava ali reunido é, rezava o terço e tudo, mas a gente queria algo mais, pessoas que iriam ajudar a gente não só no trabalho mas também ajudar a gente na fé, a gente aprofundar mais no Evangelho.” (Dona Glória). As tentativas não foram bem sucedidas, os leigos convidados dirigiram o grupo sem participação democrática.

A chegada dos padres operários na comunidade foi um acontecimento de alegria, confirma Dona Glória:

Nós falamos, mas chegaram padres aqui? Falou, chegaram os padres. Nós falamos, mas de onde vieram esses padres? Ai vieram os padres da matriz e falou pra nós, vieram os padres morar aqui e agora vocês vão

ter padre. Nossa, olha, eu fiquei tão feliz, eu fiquei muito alegre. Eu falei, mas padre? Como padre operário? Ele, é outro padre que trabalha em fábrica e tal e tal e tal. Ai nós, ele passou com os padres, mostrou e eu comecei ali na Dona Quitéria, corri lá e falei, Dona Quitéria, Dona Quitéria, sabe que nós vamos ter o padre aqui? Dona Quitéria, não. Pois chegou padre aqui. Fui lá na casa da mãe também avisei, ela ficou toda contente (...).

A existência de padres estrangeiros dispostos a compartilhar as mesmas condições de trabalho e moradia, enfim, a mesma vida dos membros da comunidade, causou estranhamento a todos. Afinal, a idéia de padre que se tinha e ainda se tem, equivale ao sacerdote que mora em anexo da igreja e vive do exercício de sua atividade eclesial. Jorge faz uma observação sobre o assunto: *"Esses padres operários não eram, não eram padres de igreja, sabe, assim, não eram de bancada, de bancada, não, de sentado, sabe. Eram padres de serviço, né."*

Os desentendimentos surgiram, primeiro entre integrantes do conselho, depois entre estes e os padres recém chegados. Os leigos que primeiro se instalaram na comunidade incitavam o grupo a desconfiar dos padres operários, comentavam, de acordo com Dona Glória, que *"(...) eles não eram padres, que eram vigaristas que estavam por ai, começava a falar, começava a falar."* Dona Cleide ouviu dizer que *"(...) os padres trabalhavam nas fábricas porque roubavam muito dinheiro dos pobres."* Eram confundidos com membros de seitas por usarem roupas de operários e barba.

Como bem escreveu Bosí, E. (1992, p. 113):

No trato com as pessoas isso acontece freqüentemente. Elas nos aparecem como que embaraçadas pelo estereótipo, e é preciso tempo e amizade para um trabalho paciente de limpeza e reconstituição da figura do amigo, cujos contornos procuramos salvar cada dia do perigo de uma definição congeladora.

Como podemos encontrar o caminho das coisas se já nos disseram tudo antes que as experimentássemos? Como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? Onde

começaram as nossas idéias sobre as coisas? Por que as aceitamos?
Como chegaram a nós?

A dúvida persistiu e um grupo de mulheres se dirigiu à catedral para averiguar a procedência e legitimidade dos padres. Dona Glória ouviu as explicações dos padres de lá: *“Aí nós fomos na matriz: eles são padres, eles vieram de um lugar assim, assim, eles fazem uma ordem da igreja deles lá, do lugar que eles estavam, eles são padres mesmo, e são padres operários, mas são padres. Não é nenhum vigarista não, são padres.”*

Outros se opuseram à atuação dos padres. A família idealizadora da capela reagiu contra a retirada dos santos do local:

Teve uma briga com os padres e o dono do terreno e aí foi aquela briga porque a gente tirou a santa do lugar e mudou a santa. E foi aquele brigueiro. E foi aquele brigueiro. E aí pronto. passou. eles arrumaram, vendeu um pedaço de terreno pros padres. deixou só um pedacinho que tinha feito a capelinha. Mas aí pronto. passou (Dona Glória).

A retirada das imagens da capela não foi aleatória, obedecia aos ideais dos padres operários e não agradou a todos, explica Dona Vânia:

Mas o padre Domingos achava que as imagens não eram legais pra gente adorar as imagens. que ele era muito mais pra igreja viva. e não era pra ir pra igreja e ficar ó (cruza os braços). nós vamos à luta. Então ele tirou todas as imagens da capela. E ele colocou um... um Cristo de madeira. que até hoje tem lá. mas agora tá voltando alguns santos. Mas. e ele tirou os santos. no outro dia que fosse celebrar a missa que teríamos é. só aquele Cristo lá de madeira. E cadê as imagens? Então pra alguns foi um escândalo. alguns se afastaram da comunidade. Mas depois tomaram consciência que não era a imagem que iria salvar, e voltaram pra igreja. né. E nunca se colocou santo na igreja.

As críticas continuavam e o grupo expressou seu descontentamento frente à situação, promoveram uma reunião com todos os envolvidos e colocaram em discussão as

acusações feitas. A convivência no mesmo local entre os primeiros coordenadores e os padres operários já não era mais possível. O choque entre as propostas de atuação conduziu para a escolha da comunidade por uma delas. Optou-se por continuar com os padres.

Feita a escolha os trabalhos deram início partindo do que a comunidade desejava:

Ai a gente começou, ai que a gente fala que a gente começou um trabalho. Ai eles perguntaram pra gente o que a gente queria. O que vocês gostariam de fazer? Ai a gente, no meu caso aqui a gente falava, a gente gostaria de ter um conhecimento mais profundo da Biblia que a gente não conhece, a gente ter um trabalho, a gente ter um trabalho. A gente não sabia dizer que trabalho que a gente gostaria de ter porque a gente não foi criado assim, só rezava o terço, só... Isso não, a gente queria uma coisa mais profunda, talvez a gente não sabia nem dizer o que queria, né (Dona Glória).

A abertura para discussão sobre o desejo da comunidade foi o primeiro passo dado rumo aos princípios da comunidade eclesial de base. Dona Glória compara essa posição com a dos coordenadores anteriores, que ao imporem seus objetivos foram definidos como intelectuais: *“O que nós queríamos era fazer um trabalho e a gente não sabia o que, o outro homem era assim um cara muito intelectual, sabe”*.

Seguindo a definição de Dona Glória, padre Domingos não era considerado como tal, mesmo sendo letrado, autor de vários livros. Dona Olga prossegue:

Ele não era uma pessoa que só queria tirar, ele amava as pessoas, ele amava as pessoas, uma coisa de verdade era o amor dele pelas pessoas. Eu trabalhei com muitos intelectuais, mas vou te dizer, desculpa porque você também é, mas é o meu ponto de vista, eu só encontrei intelectual é... realmente.... porque o intelectual, o próprio estudo faz o homem mudar, né. São regras que a pessoa aprende, que são as técnicas, né, você aprendeu uma técnica. Então essa técnica vai tirar aquele jeito de ser e colocar o jeito da técnica, não é isso, né? Então o intelectual em si aprende coisas pra saber como é que ele age determinado. Muitas vezes tem que ser falso e não falar a verdade. Agora eu nunca vi uma falsidade

no padre Domingos. E olhe que eu tô de olho em intelectual, em todo ser humano, eu acredito muito nele mas a gente vê quando uma hora ele escorregou, a gente vê, né, o ser humano, quem trabalha. Olha, eu nunca vi uma falsidade no Domingos, respeito como ele se comportava como ser humano. Ele era muito sincero naquilo, ele não falava de ninguém, não quer dizer que ele era santo, você tá entendendo, mas ele amava realmente as pessoas, ele amava.

O intelectual é visto como alguém que não sabe amar e não diz a verdade. “Nada mais desenraizador que certas incursões de intelectuais no meio operário, e que mal imenso elas podem causar! A Igreja e a Universidade devem refletir sobre isso.” (BOSI, E., 1987a, p. 20). Freire (1979, p. 29) expõe: “O amor é uma interlocução íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro”.

Dona Olga ressaltava um ponto importante com relação ao intelectual, a aquisição da técnica por meio do estudo suplanta a busca pela verdade e a espontaneidade. No entanto, reconhece a importância da participação dos intelectuais no meio trabalhador. Categoriza em dois grupos, os com estudo e os sem estudo que ao se encontrarem complementam-se. A união é bem vinda, mas a distinção das classes não desaparece. A clara percepção de pertencimento de partes separadas da sociedade não impossibilita a interação. O intelectual como mediador pode ser melhor observado nas colocações bem humoradas e sinceras de Dona Olga:

Ah, esses grupo intelectual faz o que? Escreve, né (ri) Desculpe a minha maneira de... Eu não tô te falando que o grupo intelectual só discute e põe no papel?(risos). É, eles montam as ações, né, eles sabem do concreto, montam as ações e discutem e passam pro papel e convidam mais uns grupos e vão buscar experiência do outro, não é isso (risos)? Discussão de intelectual é essa minha filha. Bem, mesmo porque é preciso, né, é preciso. Que eu não posso chegar com papel no fórum, né, tem que ter o intelectual que coloca as coisas, tem essas regras né.

A comunidade não por acaso é inspirada no Cristo ressuscitado. Para uma melhor compreensão do seu significado, Barbé (1977, p. 165/6) convida os cristãos a adotarem uma postura crítica frente à sociedade com o intuito de modificá-la:

(...) a Fé cristã supõe combatentes. Ela não é somente uma teoria (uma contemplação), mas, uma prática (uma ação): "Como o Pai me enviou, assim eu vos envio" (Jo, 20, 21). Continuamos a missão de Jesus aplicando a nossa realidade concreta, histórica, política, o fermento da nossa esperança. *Aceitar a ressurreição de Jesus e a transfiguração da matéria faz do cristão um cidadão instável e rebelde dentro da ordem estabelecida.* A ressurreição de Jesus nos deu, com efeito, a esperança de um mundo e de uma sociedade onde não havia mais obstáculos para o homem se comunicar: nem obstáculo material, nem a distância, nem o tempo... nem a maldade.

A Missão Operária São Pedro e São Paulo (MOP) iniciou os trabalhos no bairro em 1964 com a chegada dos primeiros padres operários - Michel Cüenot, Gaspar Neerinck, Emmanuel Retumba, Tiago Levis, Paulo Xerdel, Domingos Barbé, entre outros. Dona Olga destaca o objetivo da equipe:

trabalhar com os operários na fábrica e rezar. você tá entendendo. Agora quando chegam no Brasil, vendo muita injustiça, eles não se agüentam muito, né, a Europa era outro tipo de vida, né, trabalhador tem seus direitos, né. Então eles, quando eles viram, eles estavam envolvidos com o problema social do país, tá entendendo. Mas o fator deles é dar o exemplo com os operários trabalhando e falando da palavra de Deus, certo, abrindo a porta pras pessoas, da parte social, essas coisas.

Havia a preocupação entre os padres de preparar a comunidade para dar prosseguimento aos trabalhos comunitários, mesmo com sua partida para outras comunidades ao final de alguns anos de convivência. Para tanto, parecia importante promover o conhecimento da Palavra entre seus membros e impulsionar o espírito

missionário, transformando-os em “(...) células vivas no corpo de Cristo. E estas células serão fermento no mundo, transformando-o em esperança do reino, para a glória do Pai” (RETUMBA, 1976, p. 8). Do grupo surgiriam pessoas que espontaneamente conduziriam a comunidade. Esperava-se: “(...) a tomada de consciência de que esta célula da Igreja, que se realiza aqui e agora, faz parte de um povo de Deus que nasceu das promessas feitas por Javé a Abraão e que se realizaram em Jesus Cristo.” (p. 5/6). E “(...) fazendo-lhes sentir que a história do povo e a manifestação de Deus se fazem no tempo.” (p. 6).

As atividades da igreja (sacramentos, administração, celebração) eram compartilhadas entre padres e leigos. No entanto, a intenção não era a criação de uma paróquia.

A comunidade teve seu momento de maior contestação contra a opressão e reivindicação por melhores condições de trabalho e de moradia no final das décadas de 60 e 70. Lutas por creche e abastecimento de água fazem parte de sua história. As primeiras ações na organização do grupo para a aquisição de melhorias no bairro exigiram sacrifícios: “*Então a gente começou assim, trabalhar pra melhorar o bairro, nós começamos a trabalhar pra melhorar o bairro que a gente ia de casa em casa à noite no escuro porque não tinha luz, pra começar, pro povo saber, né, os direitos que eles têm, né.*” (Dona Amanda).

As visitas às casas nem sempre foram bem recebidas, como conta Sr. Benedito:

Eu me lembro que muitas vezes eu sai distribuindo convite pras pessoas irem à igreja, assistir uma palestra, pra assistir uma missa ou ir numa reunião, né, eles (os padres operários) faziam isso, convidar pra uma leitura do Evangelho, né. Até a gente, muitas vezes a gente saía pra fazer esses convites, né, a gente era barrado assim pelos moradores, não queriam saber, tavam criticando, né, que nós éramos crentes, que os padres eram crentes. A gente precisava explicar pra eles que aquilo não era trabalho só de crente mas também de católico, né. Mostrar pra ele o que a gente queria, né, o que a gente tava propondo, né, não era nada disso de crente.

As tentativas nem sempre resultaram no esperado. Sr. Benedito identifica a má fé de algumas pessoas no processo de conquista da iluminação pública:

Luz elétrica demorou bastante... porque... precisava da união do pessoal. né. Isso aí foi muito difícil porque a gente unia com algumas pessoas, né, chamava assim algum empreiteiro, ele vinha, fazia o orçamento, pegava uma parte do dinheiro, sumia com o dinheiro, com tudo, né. E... isso aconteceu bem por duas vezes.

Uma das tristezas da época lembrada pelos depoentes foi a deportação do padre Pierre Vautier para a França, acusado de liderar greves nas fábricas de Osasco em 1968. O padre contou com a solidariedade da comunidade.

Então quando ele ia, eu me lembro da prisão dele, é... de quando nós fomos no Palácio (do Governo), é, visitar, que todo mundo da comunidade, cada um levou aquilo que ele gostava. Então um levou farofa, outro bolo, não sei o que, tudo que ele gostava, tapioca, levou pra gente comer lá no Palácio com ele, estava preso (Dona Vânia).

Os esforços não foram suficientes para impedir o que comumente fazia-se na época:

Mas nós nos enganamos, não achávamos que da casa do bispo ele pudesse ser preso. Achávamos que ali de jeito nenhum, de lá que ele foi embora mesmo. O pessoal chegou botou ele, chui, levou pro aeroporto e ele foi embora. Mas a dedicação depois na comunidade, todo mundo tinha, recebia cartinha dele dizendo que o sol se apagou, como foi quando ele entrou no avião, contando essas histórias... Então tudo isso eles, éramos uma família, entendeu? A gente se considerava mesmo uma família. Embora cada um com seu lado de vida diferente (Dona Vânia).

3. Salão-capela: espaço compartilhado

Com a chegada dos padres operários e a intensificação dos trabalhos comunitários, a capela recebeu um anexo ao fundo para reuniões. Posteriormente, padres e comunidade notaram a demanda por maior espaço, resolveram então construir o salão-capela.

O nome já traz a inovação, espaço multifuncional, ao mesmo tempo salão destinado às atividades comunitárias e capela, às atividades religiosas: *"Porque onde nós rezávamos, celebrava a missa e ao mesmo tempo se reunia, né. Tanto era que ela tinha um, uma cortina assim que pra lá era o sacrário (local onde se guarda as hóstias), o altar e pra cá era o salão aonde se podia ser usado pra outras coisas né."* (Dona Olga).

Salmar (1995, p. 78) chama atenção para a compreensão do universo dos valores comunitários a partir das formas de uso das moradias:

Compreendermos o conhecimento dessa população no que se refere ao uso da casa, compreendermos o conhecimento dessa população no que se refere ao uso de material disponível e no que se refere à elaboração técnica (ou mão-de-obra...). Esse é o caminho de uma discussão pedagógica que parte dos hábitos de morar e conhecer próprios àqueles habitantes.

Assim, a funcionalidade do salão-capela obedece a mesma organização das casas de seus membros. Bosi, A (1987, p. 36) propõe:

Porque a arquitetura da pobreza é uma arquitetura multifuncional. Numa casa pobre, o mesmo espaço pode servir para comer, para dormir, para trabalhar; enfim, a plurifunção do espaço, a sua flexibilidade, é própria de uma cultura de pobreza. Mas à medida que se quer imitar o estilo rico de viver, ou que se é efetivamente rico, as funções têm que ficar drasticamente separadas. Existirá o espaço da cozinha, o espaço da sala, o espaço da sala de jantar, o espaço da sala de estar, o espaço do livro, o espaço do disco; e mais, o espaço da televisão, o espaço da conversa informal. E não raro o espaço pelo espaço. Os espaços serão

multiplicados, diferenciados e não haverá tolerância para o convívio das funções.

Cursos profissionalizantes do Senai, clube de mães onde foram desenvolvidas atividades como crochê, pintura, corte e costura, bem como tantas outras atividades como iniciação bíblico-litúrgica, formação da equipe missionária de base, assembleias gerais, reuniões do núcleo, da equipe dos doentes, entre outras, ocupavam o espaço. Todas “ferramentas socializadoras”, nos dizeres de Bosi, A (1983, p.13), que ajudam “(...) o homem dominado a pensar com mais justeza o seu lugar na própria classe e no todo social, a exprimir com mais nitidez as suas necessidades e a propor com mais realismo e coerência o encaminhamento das suas lutas fundamentais.”.

A maioria das casas, pequenas, de poucos cômodos, não dispunha de espaço favorável a recepção dos familiares. Sendo assim, o Natal e a Páscoa eram comemorados no salão-capela. Levavam para o local os pratos, talheres, copos e alimentos disponíveis em casa. Dona Amanda conta: “*Se você fizesse chuchu, arroz e feijão, levava chuchu, arroz e feijão. Se tinha só dois pratos, levava dois pratos. Se tinha uma condição melhor, fazia macarrão, frango e levava. Chegando lá colocava na mesa as panelas, ninguém levava travessa e todos se serviam de tudo.*”. No dia das mães também se reuniam para comer um bolo simples feito em conjunto.

Em todas as etapas da construção do salão-capela seus freqüentadores estavam presente, na arrecadação de dinheiro, escolha de material e desenho do projeto. A construção do salão-capela contou com dinheiro da Missão Operária São Pedro e São Paulo (MOP), dos padres, da diocese e da comunidade. Carnês foram criados para que os moradores contribuíssem mensalmente com pequena quantia ao longo de um ano. A contribuição era feita “(...) *com responsabilidade porque sabia para onde ia.*” (Dona Olga). Pessoas eram procuradas com o seguinte convite: “*Nós vamos construir um salão-capela. Se vocês querem ajudar, vocês são livres, se vocês sentirem desejo, peguem um carnezinho.*” (Dona Olga). Essa postura estava de acordo com a orientação dos padres. “*Eles (os padres operários) nos orientavam que tínhamos que assumir a igreja.*” (Dona Olga).

O salão foi erguido em grandes mutirões, conforme Jorge comenta:

Na comunidade foi o mutirão, né, a hora de construir a igreja, mutirão, é, a gente já tinha é, já tinha uma amizade assim com os padres da época, né, então é, queira ou não queira, a gente tava envolvido ali, sabe. A gente muitas vezes não tava assim rotulado, ó, você faz isso, você faz aquilo. A gente tava à disposição já na hora.

Como bem salientou Jorge, espontaneamente as pessoas se prontificavam a colaborar no que estava ao alcance. As mulheres, por exemplo, cuidavam da alimentação e ajudavam a carregar blocos. Mesmo compartilhando o mesmo espaço e tarefa, o sofrimento físico dos padres era mais evidente que dos demais. O árduo trabalho de construção denunciava a distinção das origens sociais entre os padres e os moradores, estes últimos expostos a opressão por mais tempo.

Porque essa igreja foi pra frente, que hoje é capela grande e tudo, por causa dos padres operários. Que ai era uma capelinha abandonada, pequenininha, sem nada. Eles trabalharam, eles compraram pedaço de terreno pra completar o terreno que era pequeno. Eles compram, pagaram com salário deles, tá, com o dinheiro deles, de trabalho deles, salário deles, né. Era assalariado na firma e compraram. Nós que construímos essa capela, todos nós juntos, eles juntos, com nós. As mãos deles chegavam a ficar na carne de cimento. Enchiam a laje de concreto. Eu fui lá com Dona Sônia. Dona Sônia fez pão caseiro na casa deles e eles passaram com as latas de concreto nas costas e nós dávamos um pedacinho de pão e um pedacinho de carne pra eles carregando concreto pra encher tudo aquela laje da igreja. Assim, os ombros deles ficaram na carne, e as mãos também ficaram, porque as mãos eram finas, trabalhavam em firma, iguais aos outros operários. Trabalhavam juntos, nós começamos cedo a encher a laje, terminamos era umas três horas da tarde (Dona Amanda).

A escolha dos materiais empregados seguia a idéia de construir um salão com simplicidade, de acordo com as condições de pobreza dos moradores – “O chão feito de

pedra era pra durar pro resto da vida, duzentos anos. Se colocasse ladrilho daqui alguns dias tinha que trocar.” (Dona Olga).

Jorge lembra com mais detalhes o chão do salão-capela:

E tinha um chão de pedra, e até essas pedras a gente chegava a perceber, que essas pedras deviam ter milhares de ano, a gente via o desenho das plantas dentro da pedra, sabe. Conforme é, houve a erosão, as plantas ficaram presas dentro da pedra, sabe. E conforme cortava as pedras, a gente via certinho o talinho da planta, sabe. Era uma pedra rústica, assim marrom, rústica, sabe. E, eles pagaram caro na época, sabe.

Os objetos utilizados na igreja foram confeccionados por seus integrantes. No candelabro criado com pedaços de madeira, tampas de garrafas serviam de suporte para amparar as velas. As luminárias eram compostas por papel crepom. Quanto à hóstia Dona Vânia recorda:

E a missa era completamente diferente, por exemplo, o pão... a primeira vez que partiu o pão, que o pão, a hóstia, comunga a hóstia, a primeira vez que eles trouxeram o pão e colocaram no altar e padre Domingos, isso eu lembro assim, parece que é hoje, padre Domingos quebrando esse pão e depois dividindo vários pedacinhos e a comunhão era aquele pedacinho de pão, entendeu. De pão integral, que eles mesmos faziam sem fermento e... ali era a comunhão. Então a gente comungava muito aquele pão por um bom tempo. Mas a comunhão era aquele pão. E na hora da homilia (sermão religioso) você levava, agradecia, por exemplo, pessoal que estava desempregado levava a carteira profissional, outros que construiu a casinha dele ou queria construir, levava uma telha pra agradecer. Eram assim as missas. Então eram missas bem populares, bem do povo, né. Não era mais comunidade de igreja, aquela coisa mais como tradição, não. Era tudo coisa nova que você descobria coisas novas.

Como se vê, Bosi, E. (1987, p. 40) tem razão ao afirmar:

Ninguém pode criar símbolos manipulando objetos e linguagem: podemos favorecer procedimentos simbolizantes em ocasião propícia. Os objetos só se tornam símbolos em situação compartilhada pelo emissor e receptor.

As parábolas de Jesus vêm de uma existência compartilhada com sua gente: pão, luz, sal, fermento, semente de mostarda foram transformados em símbolos universais a partir do enraizamento na cultura do povo, enraizamento d'Ele mesmo, o Mestre.

No altar, como observa Lúcia, utensílios do cotidiano substituem os objetos sofisticados e alienantes, como Bosi, A (1987) descreve os produtos de indústria especializada consumidos sem a possibilidade de participação de sua elaboração e compreensão do seu mecanismo interno.

Então, era um salão-capela, era um lugar assim bem simples, né. Assim, colocava assim, não tinha aqueles cálices assim banhados a ouro, era no copo mesmo que colocava vinho, colocava garrafinha, coisa simples, né. Então era, eu achava bonito porque era bem diferente.

Jorge comenta: *“Tinha uma cruz sem o Jesus Cristo porque a igreja representava o Jesus Cristo vivo, não o Jesus Cristo morto na cruz, né. Então se Jesus Cristo estava vivo não precisava estar pendurado na cruz, então não tinha isso.”*

Apostilas de evangelização e livro de cânticos utilizados pela comunidade foram elaborados contornando as adversidades diárias, a partir do envolvimento das pessoas na pesquisa e confecção.

Eu tinha meu filho pequeno, o padre levou a máquina de escrever lá em casa pra mim e eu ia fazendo aos poucos. Eu fiz um livro de, acho que de duzentas e poucas páginas assim, procurando os cânticos, procurando, juntando, escolhendo e eu fiz um livro de cânticos. Nós não

comprávamos nada fora, a gente fazia. O padre ensinava, né, fazia tudo, a gente fazia (Dona Amanda).

Sr. Valdir diz como eram os bancos do salão-capela, obras de um carpinteiro do bairro:

A nossa capela (salão-capela) era uma capela muito simples, muito humilde. Eram bancos comuns assim, sem encosto, você vê como é que é, né. Eu tenho até um banco aí da comunidade, que era da comunidade. Não tinha também encosto pra pessoa, pra por os joelhos.

Todos produzindo cultura segundo a concepção ergótica de cultura levantada por Bosi, A (1987, p. 39/40), a cultura como vida pensada, fruto de um trabalho, cultura como ação e trabalho:

Se a cultura é uma soma de objetos que as pessoas têm ou herdam, as pessoas ricas a têm e as pessoas pobres não têm. A cultura dos pobres seria um nada, eles precisariam obter aqueles bens para serem cultos. O que é oposto à idéia de trabalho, porque, nesta, todos têm acesso à cultura: não se trata mais de um problema de classe, o ser humano será culto se ele trabalhar; e a partir do trabalho que se formará a cultura. É o processo e não a aquisição do objeto final que interessa.

4. A missa

Barbé (1976, p. 49) traz uma definição importante da celebração religiosa:

A Missa não é uma cerimônia bonita, nem uma oração para acalmar os espíritos ou as almas do purgatório. A Missa é a recordação de alguém que morreu e sacrificou a vida e que, afinal venceu, mas depois de muito sofrimento. Não se brinca com isso, não se brinca com o sangue de

Cristo. (...) Não vamos à Missa para esquecer o mundo, mas para adorar a Deus e buscar junto dele, a energia divina, a única capaz de transformar a nós mesmos e a nossa sociedade. Fazer nascer um pouco o Reino de Deus dentro da fábrica, do bairro, da família, supõe muitas lutas, muitos sofrimentos, muita sabedoria, muita inteligência, muito amor. Lembrando o sacrifício do Senhor Jesus, que foi pleno de todas essas qualidades, é essa maneira de amor que vamos buscar na Missa e é por isso que damos tanta importância à Ceia do Senhor.

Seguindo essa concepção, tudo era feito para que o fiel estivesse livre das preocupações rotineiras e se sentisse acolhido pelo grupo. Em uma das salas ao fundo do salão-capela membros da comunidade ficavam com filhos das pessoas que iam à missa. Lá passavam *slides* sobre a vida de Jesus Cristo e conversavam – “Eles (*padres-operários*) achavam que criança atrapalhava, não atrapalhava... é, não tinha condição de ficar quieta sem saber o porquê. Fazendo assim os pais ficavam mais atentos e mais relaxados.” (Dona Vânia).

A missa consistia em momento participativo em todo seu procedimento: na recepção, leitura, comentários, oração, canto e despedida.

O acolhimento dos fiéis começava desde o momento da entrada à igreja. Os padres ou membros da comunidade se responsabilizavam por esta simpática tarefa:

Karen. (...) os padres, geralmente, eles chegavam na missa meia hora, quarenta minutos antes da missa. Eles que recepcionavam todo o pessoal e eles falavam com a gente assim: quando vocês estiverem na comunidade e ver um membro diferente na igreja, sempre procure fazer amizade com as pessoas. A pessoa ia uma vez na igreja, a pessoa voltava.

Eles diziam assim: olha, vocês devem ficar, ter um porteiro, né - eles falavam um porteiro, né - pra acolher as pessoas com um sorriso nos lábios e um aperto de mão, né, um abraço amigo, pra vocês acolherem as pessoas. Conduzirem elas até os bancos pra elas se sentarem, né. Às vezes até uma pessoa idosa você mostrar pra ela: olha, ali tem um lugarzinho pra senhora, vamos até lá. Quando não tivesse lugar dentro

da igreja o porteiro tinha a obrigação de pegar uma pessoa idosa, levar até onde tinha uma criança, pedir pra criança ir sentar lá junto com o padre, lá nos degraus do altar pra dar lugar pra aquele idoso. Ou chegava no jovem também, pedia pro jovem dar o lugar, né (Sr. Valdir).

Os membros do grupo de cânticos ensaiavam e selecionavam as músicas relacionadas ao Evangelho e aos problemas sociais.

Sò que tinha um pouquinho de diferença da missa porque eles (os cânticos) eram conforme o Evangelho, era o hino de entrada da missa. Tem que conviver com o Evangelho. Não era assim o cântico do mês, igual que faz o cântico pro mês inteiro. Conforme era o Evangelho era o cântico, pra o Evangelho, gravar bem o Evangelho. Que às vezes você canta um cântico que não tem nada a ver com o Evangelho (Dona Amanda).

Sem a presença dos instrumentos musicais que muitas vezes não cumprem seu papel de acompanhamento, apenas as vozes faziam-se presentes. Jorge conta que o grupo de cântico não ocupava local de destaque no salão-capela. Seus membros dispersavam-se na assembléia convidando a todos a cantar juntos sem o auxílio de microfones ou caixas acústicas.

Era uma missa mais alegre, a gente cantava as músicas, também os hinos eram diferentes, que era, era um cântico que falava assim de, de luta, falava de emprego, outro falava de operário, outro falava de... , sabe. Era umas missas diferentes assim, até os cânticos eram diferentes, eram diferentes, né (Lúcia).

Um destes cânticos mencionado por Lúcia pode ser encontrado no “Livro de Cânticos da Comunidade”, material confeccionado por Dona Amanda e outras colaboradoras:

Marcha do povo de Deus

Nós somos o povo de Deus

Um povo que vai caminhando, caminhando, caminhando

Na estrada escura deste mundo

Somos a luz que vai alumando, alumando, alumando

Nossa lei está no Evangelho (É o amor)

Vivemos na liberdade, liberdade

Queremos justiça e paz, justiça e paz

Somos filhos da verdade, da verdade

Buscamos o Reino de Deus

Que é fonte de libertação, libertação, libertação

O Cristo vivo em nossa vida

Dele esperamos nossa salvação, salvação, salvação

O Reino de Deus é dos pobres

Dos que trabalham para a paz

Dos que trabalham pela paz

Dos que lutam pela justiça

E avançam sempre sem olhar pra trás

Avançam sem olhar pra trás

(Livro dos cânticos, p. 20)

Dona Amanda não está sozinha na defesa do cuidado na preparação da missa, Bosi, A (1992a, p. 26) compartilha da mesma idéia: “As formações simbólicas (cantos, poemas, danças) e todas as manifestações litúrgicas desenrolam-se em um tempo existencialmente pleno. Mais rigorosamente: são essas formações que tornam o tempo existencialmente pleno.”.

O corpo, parte comumente desprezada na sociedade, ocupava posição de destaque nas celebrações. Por meio do gestual acompanhava-se e sentia passo a passo o desenrolar da missa de maneira concentrada (a representação dos movimentos estão descritos em Cüenot, (1976)):

A missa era com gestos e sempre cantava, nunca era, por exemplo, amém, né, a-amém (canta). Sempre era amém, só que respondia amém. Às vezes o padre falava era: amém (canta firme). Isso no tempo comum. No tempo Pascal, tempo todo Pascal que é depois da ressurreição, da Páscoa, era: a-amém, aleluia (canta em tom alegre). Na época Pascal. E o Pai Nosso era cantado nas igrejas ainda, nós aí já cantávamos o Pai Nosso. Aquele canto também (Pausa para tomar água). Então, no mistério da fé que o padre falava: eis o mistério da fé (canta). Então eles cantavam assim: senhor... a morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus. Era cantado. Outra coisa também era assim muito cântico na parte de... depois do Evangelho, na parte depois da, da consagração geralmente era cantada: eu com Cristo, por Cristo, em Cristo. Os padres cantavam. É. Pai Nosso com gestos, né, porque agora a turma faz, naquela época, trinta e dois anos atrás, então a gente fazia o Pai Nosso ou cantava ou orava o Pai Nosso. Então a gente falava primeiro: Pai Nosso que estai nos céus (gesticula), pedindo o pai, se entregando ao Pai. E o pão de cada dia (gesticula), pedindo o pão. Então tinha diferença no gesto, né. Então, Pai Nosso com as mãos levantadas, pedindo pão como se tivesse pedindo (Dona Amanda).

Embora, como menciona Dona Amanda, hoje o canto e os gestos estejam nas igrejas, não há semelhança com o que se fazia na época. Não havia o caráter de espetáculo, mas de recurso facilitador do encontro íntimo com Deus.

Bosi, E. (1987a, p. 37) também reconhece a importância da música nas celebrações religiosas:

A celebração do culto envolve dois grandes princípios enraizadores: o alimento e a música. Incluímos na música os diálogos, brandos, aclamações e fala coral.

Nossa linguagem é um processo vivo, ligado à natureza; de um mar de sons vagos emergiram recortes de frases e palavras como ilhas flutuantes. Eis como Saussure explica a origem da língua. Antes de se articularem as palavras, havia um mar indefinido de ritmos, massa sonora carregada de afetividade.

Por isso a fala tem um movimento melódico, como se observa na leitura coral. Quem prepara textos para leitura coletiva deve estar atento ao ritmo, entonação, melodia, harmonia e pausas.

No culto, a música é o momento privilegiado, só superado pelo silêncio. As pausas, longe de serem intervalos vazios, são momentos carregados de sentido. "A música, portadora do silêncio e da adoração" (Gelineau).
(...)

A liturgia possui, em embrião, elementos corpóreos da dança quando os fiéis se inclinam, erguem as mãos ou batem no peito.

Retumba (1976, p. 6) sabe disso:

(...) a Palavra de Deus deve ser dita, ouvida e "guardada", mais do que escrita e lida. É claro que é imprescindível a Bíblia, "o Livro". Mas a Palavra de Deus, que foi escrita, deve novamente tomar corpo e vida pela leitura – em voz alta - e assimilação vital. E como a Palavra convoca a assembléia, esta leitura é feita em comunidade (**Qahal, Ecclesia, Igreja**). E não apenas é lida em voz alta, solene, em assembléia, mas também é repetida 'de cor'. A nossa expressão "de cor" diz a realidade profunda deste aprendizado, que deve ser feito com o coração (= cor) (grifo do autor).

E Cüenot, (1976, p. 10) segue na mesma direção em seus comentários:

A Palavra do Senhor nunca foi apresentada por Deus como um livro para a leitura individual. O sentido de que precisamos para receber em nós a

Palavra não é o olho e sim o ouvido. “O primeiro de todos os mandamentos é este: OUVI, ISRAEL...” (Mc 12, 29). Israel é o povo de Deus. É preciso pois encontrar um meio que permita ao povo “ouvir” a Palavra e guardá-la (grifo do autor).

Nas missas não havia barreira física separando o padre dos demais, afirma Dona Dulce:

Na hora de falar a Palavra eles eram mais chegado do povo, bem mais, né. Esse Gaspar mesmo, hoje não tem mais, mas tinha uma banquetinha, ele usava a banquetinha. Ele, ele Domingos, o Manu tinha, punha a banquetinha ali do lado e conversava com a gente, sentava.

A participação direta nas missas trouxe uma consequência fundamental para a promoção do sujeito, “aprender a falar”:

A participação da missa, assim o pessoal pedia as orações, não é chegar lá e dizer, cada um ia lá e falava em voz alta a sua oração, né. É, isso era diferente demais, viu. Porque eles ajudavam o pessoal até mesmo aprender a falar, né. (...) No começo o pessoal tinha vergonha, claro, mas chegou um ponto que todos nós fazíamos essa oração, ia lá e fazíamos as orações. (Sr. Benedito)

O incentivo e o desenvolvimento da auto-confiança levaram à exposição pública na igreja, não sem antes contar com a preparação dos padres:

Antigamente as mulheres não podiam nem pegar na Bíblia, não liam a Bíblia, não era pras mulheres, não tinha acesso à Bíblia as mulheres, eram só os homens, né. Até aqui nessa comunidade a primeira mulher que leu fui eu, fui eu Karen, primeira mulher que leu fui eu. O padre Domingos veio na minha casa, nas reuniões por aí ele viu que eu lia mais ou menos, aí ele veio aqui em casa. Aí ele me ensinou como ler, que você tem que ler e saber a entonação que você tem que ler, né. Como...

você sabe, uma vez uma vírgula já muda o sentido da palavra. né. Então você tem que saber como você lê. né. Ai ele veio, me explicou, me ensinou, ai chegou uma hora eu fui ler. Ai quando eu descí do altar a Dona Glória, não vou por não... [eu incentivo: É importante Dona Sônia, é o seu testemunho]. Ela falou assim: Dona Sônia, a sua saia tremia mais do que vara verde. (risos).

Segundo Dona Vânia e Sr. Valdir, cada passo da missa era dividido entre o padre e os fiéis: orações, leituras, discussão da leitura. Ao padre destinava-se apenas a homilia. A vontade de participar era tanta que impulsionava senhoras, como Dona Margarida, a se alfabetizar para ampliar sua colaboração. A alfabetização de adultos ocorreu de forma inesperada, com a procura das pessoas que não conheciam as letras. A instrução foi conduzida por aquelas que possuíam alguma escolaridade.

Nós tínhamos, na hora da missa que ler o Evangelho, nós convidávamos uma pessoa na igreja: alguém aqui se interessa pra ler o Evangelho? Ai as pessoas que não sabiam ler ficavam muito chateadas, ai depois nos procuravam. Ai diziam assim, meu maior sonho é um dia poder ler o Evangelho, mas eu não sei ler. Então será que dá pra formar na comunidade um grupo de alfabetização? (...) Ai começamos a fazer grupo de alfabetização. Ai eu, por exemplo, mal era alfabetizada naquela época, comecei a procurar o pessoal do Paulo Freire. Ai pegava é, material do Paulo Freire, trazia pra comunidade e começamos a ensinar, ensinando eu fui aprendendo. É assim que a gente foi, hoje tem uma senhora na comunidade que ela lê muito bem o Evangelho, mas ela que ajudou a fundar inclusive esse grupo de alfabetização (Dona Vânia).

Com satisfação e modéstia Dona Amanda aponta como ensinou as mulheres:

Não que eu, eu não sou nem professora, só tenho o quarto ano primário. Mas a pessoa que era analfabeta não tinha ainda mobral, então as pessoas queriam conhecer a Palavra de Deus. Então eu ia duas, três vezes por semana na igreja, inclusive tinha até umas irmãs crentes que

iam participar. E eu ficava ensinando no quadro negro, pedindo o caderninho pra elas, pra ajudar elas. Aquelas que tinham pouquinha leitura aprenderam mais um pouquinho, aquelas que não sabiam nada, aprenderam pelo menos a conhecer as letras, fazer os nomes delas.

Ela mesma lembra que os padres operários contribuíram para a tomada de decisão dessas mulheres:

Porque os padres falavam pra elas: vocês têm que saber porque alguém às vezes traz um papel pra poder assinar, às vezes não sabe assinar o nome. Vem uma correspondência na casa de vocês, vocês não sabem de quem que é. Então eles eram assim muito simples no ensinar as pessoas. Nunca falavam: ah, você é analfabeto. Não, vocês têm necessidades, vocês querem tomar condução às vezes não sabem o nome do ônibus. Que antes tinha muito isso, quer ir numa casa, vocês não conhecem os números, entendeu.

O estudo prévio dos textos discutidos e as interações com a assembléia eram estimulados. Segundo Barbé e Retumba (1971, p. 29): “Para os humildes de coração, o evangelho não é estranho à vida. Todos os missionários conhecem a capacidade singular desses homens, mulheres e jovens, desses pobres e pequenos para compreendê-lo.” E Sr. Benedito esclarece:

Porque naquela comunidade que eles criaram, eles iam fazendo as leituras, eles não ficavam lá no altar, eles iam no meio do povo perguntar: o que significa isso? Faziam perguntas, né. O que aconteceu com Jesus? O que é esse Evangelho pra você? E o pessoal dava resposta que eles queriam dar, né. (...) E eles queriam que o povo participasse, o que você gostou? O que você achou dessa tal leitura? Pra semana nós vamos ler tal, tal leitura, né. Todos vocês vão estudar, né. É vocês que vão fazer a pregação, não sou eu não. Vocês vão falar.

A aproximação dos padres com os fiéis podia ser observada também nas vestimentas:

Às vezes o padre ficava lá no fundo da igreja, sabe, assim, de roupa normal como nós, não tava de batina, não tava de nada, né. Quando vinha a consagração, o momento da consagração, ele saía de lá de trás, ia na sacristia, vestia o hábito, né, e aí vinha fazer a consagração. Também ele fazia a consagração, o resto das coisas era a gente que fazia. Batizados nós que fazíamos, né, a eucaristia quem distribuía era nós, né (Sr. Valdir).

O encontro mantinha uma aproximação estreita com a realidade do grupo, talvez por isso Lúcia afirme: *“E era assim, o jeito que eles falavam, a linguagem que eles falavam, uma linguagem assim, eles repetiam, é, não era uma missa assim toda cheia de requisitos. Eles falavam assim numa linguagem simples, mais fácil da gente entender a mensagem.”*. Problemas sociais como o desemprego, eram compartilhados.

Uma coisa, nossa, isso devia existir dentro da igreja, naquela época existia. Se você ficasse desempregado Karen, você chegava na igreja e dizia: eu tô desempregada. O padre dizia: gente, o Valdir tá desempregado, ele é carpinteiro, se vocês souberem de alguma firma que tá precisando de carpinteiro ajudem, dá uma força pra ele, encaminha ele, apresenta ele. Entendeu? Hoje em dia não Karen. Você não sabe dentro da igreja quem tá desempregado. É, quase todo mundo tá, né. Mas, pôxa, custaria uma pessoa subir lá: gente, se alguém de você aqui sabe de alguma vaga, algum trabalho, alguma firma que tá ajustando alguma pessoa, por favor, entre em contato conosco pra gente encaminhar as pessoas desempregadas. Hoje em dia não, tem isso na igreja. Então você vê quanta coisa, né Karen (Sr. Valdir).

Mais do que a busca de um emprego, o espaço proporcionava a preocupação com o outro e a união dos mais próximos.

No entanto, a maneira de como a missa era conduzida não agradava a todos. Lúcia relata: *"Eu escutei falar que tinha gente, quando padre Domingos estava celebrando a missa, que ele começava a falar assim de política, o pessoal saía. Tinha gente que ia embora e falava assim, eu não vou à missa que padre fala de política, e ia embora, sabia?"*. Dona Glória faz o seguinte comentário:

O pessoal não gostava do tipo de missa, pessoas que moravam nos bairros vizinhos não gostavam muito dos padres operários por causa do tipo de pregação. (...) Agora tinha pessoa que nem voltava mais na igreja porque não gostava. Então ele lia o Evangelho e falava do que estava acontecendo, o que era pra gente fazer, o que Jesus fez naquele tempo. Então era assim, era assim uma coisa bem participativa, ali ele lia o Evangelho, mas colocava muito na vida de hoje, no viver de hoje. Se Jesus vivesse aqui hoje o que ele faria, como é que ele agiria. Tem um hospital lá que precisa de ajuda, tem criança abandonada, tem as pessoas que não tem moradia, tem isso e aquilo, eles colocavam assim tudo o que tinha e cada um de nós tinha um pouco de responsabilidade. Muitas vezes a gente joga a culpa só no governo, ah porque o governo é culpado daquilo, mas só que a gente nem faz nada, nem cobra deles. Você elege uma pessoa, vota nele, põe ele lá em cima. Ele não faz nada, mas você também não cobra dele. Então, a gente também tem que fazer, não é deixar, ah, o governo que é obrigado. Vamos fazer também.

A recusa das pessoas em integrar o grupo não inibia os padres de ouvir os descontentes:

O pessoal que freqüentava muitas vezes não gostava de alguma coisa, afastava, ele (padre Domingos) ia buscar... Ia pegar aquelas pessoas pra saber porque que se afastaram. E se foi pra outra igreja também, na outra... que nem muita gente passou a ser evangélico, ele queria saber porque que ia, porque que foi, se foi algum desgosto, se foi alguma contrariedade, né. E... ele ia atrás saber porque. Isso o Domingos ia, o

Gaspar também ia, né. Manu também ia, todos esses três iam (Dona Margarida).

Ao final da missa o ideal de transformar o encontro em momento agradável continuava. Na despedida havia espaço para a conversa pausada, o relato dos acontecimentos da semana, o tempo para a convivência, oportunidade de conhecer e partilhar os problemas, como percebe Dona Amanda:

E eles quando terminavam a missa, eles não queriam que a gente fosse embora. O Frei Manu era muito engraçado, ele dizia assim: quando terminar a missa eu não quero que vocês sejam iguais a ratinhos que entram tudo dentro das tocas, ele dizia, não quero que vocês façam isso. Terminava a missa tinha uma área que agora aumentou a capela, tiraram aquela área ali, a parede era mais pra lá, mas a capela era mais estreita e tinha uma areona fora. Então na igreja era silêncio total, mas daí todo mundo ficava naquela área conversando, eles ficavam ali com a gente meia hora, quarenta minutos conversava com todo aquele pessoal, com um, com outro, desejava um bom domingo. Então eram essas coisas, daí era muito importante, tá. Se o pessoal às vezes tinha algum problema, conversavam com eles, mesmo com a gente, conversavam com a gente, né. Então isso era importante, a gente ouvir. Nossa, a gente entrava na igreja sempre ouvia as pessoas, né.

Sr. Valdir recorda em detalhes como eram essas conversas:

Eu sabia tudo que você passava na sua vida, você sabia tudo que passava na minha vida. Você sabia quase todos os problemas que eu tinha na minha casa, eu sabia do seu. Porque ali a gente conversava: olha, minha irmã tá doente, minha irmã foi operada, o meu pai tá no hospital. Ah, o meu pai, minha família foram passear, foram pro interior. Entendeu? Tudo isso você sabia porque nós ficávamos ali conversando, trocando idéias um com o outro. Ah, e o seu trabalho, como é que tá?

Ah, eu não tô bem no meu trabalho, tal, hoje meu chefe... Então comentava a semana, comentava tudo que se passava.

O conhecimento da dificuldade, do sofrimento do outro desencadeava ação para a construção de uma rede de solidariedade que se não resolvia definitivamente a situação, dava condições para pensar coletivamente o problema e suprir as necessidades imediatas.

Ah, geralmente era dificuldade da vida, né, tinha gente que não tinha gás, tinha gente que não tinha gás pra fazer comida. Mas a gente reunia o grupo e... Por exemplo, a pessoa tava doente, ficava na Caixa, que agora, atualmente existe. Só que a Caixa demorava muito pra receber o pagamento, às vezes tinha crianças muito pequenas, só pobres. Então a gente adotava aquela família uns seis meses, a gente comprava o gás, a gente levava compra, sacolinha de compra, tudo. Até a pessoa se recuperar, tá (Sr. Benedito).

5. Comunidade de destino

Pode-se dizer que Domingos, Michel, Emmanuel, Gaspar, entre outros, empenharam-se em construir uma comunidade de destino. Deixaram o lugar de origem para viver as condições de moradia e trabalho dos membros da comunidade de uma periferia de Osasco. Circulavam pelas ruas e casas, aproximando-se cada vez mais do cotidiano das pessoas: “*Os padres operários eram nossos amigos, como se fossem irmãos mais velhos, psicólogos.*”, observa uma moradora.

Por comunidade de destino, conceito estudado por Jacques Loew, Bosi, E. (1996) esclarece que se trata da vivência das mesmas condições de existência e sobrevivência das classes populares como forma de compreensão de sua cultura. “Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes.” (p. 13/14). A autora acrescenta: “*Comunidade de destino* já exclui, pela sua

própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no *locus* da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.” (p. 14).

Ao escrever sobre a relação amorosa, único meio viável para o entendimento da cultura popular, Bosi, A (1992b, p. 331) contribui para a discussão:

Para entrar no cerne do problema, só há uma relação válida e fecunda entre o artista culto e a vida popular: a relação amorosa. Sem um enraizamento profundo, sem uma empatia sincera e prolongada, o escritor, homem de cultura universitária, e pertencente à linguagem redutora dominante, se enredará na malhas do preconceito, ou mitizará irracionalmente tudo o que lhe pareça popular, ou ainda projetará pesadamente as suas próprias angústias e inibições na cultura do outro, ou, enfim, interpretará de modo fatalmente etnocêntrico e colonizador os modos de viver do primitivo, do rústico, do suburbano.

A idéia mestra dessa proposta é a partilha. Dona Amanda revela:

Porque a comunidade nossa, o padre, os padres, a nossa comunidade da MOP, São Pedro, São Paulo, ela é, ela era fundada em cima dos Atos dos Apóstolos, que todos repartiam seu pão e não havia necessitados entre eles. Então tinha igualdade. Os padres não tinham geladeira, não tinha televisão porque o povo do bairro era muito pobre, a maioria não tinha. Então eles diziam: porque eu vou ter se meus irmãos não têm? Então eles não tinham porque a maioria não tinha também. Então eles viviam iguais ao povo. Eles, São Paulo se fez pobre no meio dos pobres, né. Paulo fala isso na carta dele, eu me fiz pobre no meio dos pobres. Então era meio, era bem assim a comunidade.

Na tentativa de formar uma comunidade de destino, Barbé ao integrar a vida na fábrica não escapou dos acidentes de trabalho comuns na classe trabalhadora. Frei Manu fala a esse respeito em entrevista concedida a Professora Ecléa Bosi¹:

(...) Domingos falava muitas vezes de que a identidade, a carteira de identidade só tinha metade, faltava a outra metade. ele precisava trabalhar. E então ele quis por força trabalhar. Mas Domingos não era de modo algum um homem de trabalho manual. Ele era um homem intelectual, já tinha livros publicados em francês, já tinha publicado aqui, um pouco mais de um ano aqui, publicou aquele "Retrato de uma comunidade de base" que teve duas edições. (...) E ele estava sempre escrevendo ou lendo ou estudando e também visitando o povo, e animando, e com projetos, e tendo projetos e... também colaborava bastante na equipe. Evidentemente era um pouco apressado, sempre, não é, mas um homem. depois eu vou dizer um pouco o que me parece o retrato assim espiritual de Domingos. A respeito das datas, se eu não me engano, foi em 1970 que ele começou a trabalhar. Ele encontrou um trabalho numa pequena fábrica, me parece que o que ele deveria fazer era supervisionar a passagem de uma borracha entre dois cilindros. Agora, Domingos sempre tinha medo de si mesmo a respeito das suas capacidades de trabalhar. E ele tinha que controlar esse material entre aqueles dois cilindros. Dizia ele, usava a mão esquerda porque pensava que um dia podia ter algum acidente e a mão direita ficava livre pra ele continuar escrevendo. E foi de fato o que aconteceu.

Fato dolorosamente lembrado por Dona Sônia:

Olha que uma vez, isso foi muito triste pra nós, ele trabalhava numa, na firma indo pra Pinheiros, lá na rua Arcoverde. Não sei se você conhece. Uma firma ali. A serra cortou um dedo, cortou. Foi assim um sofrimento pra ele e pra comunidade que você nem queira saber o que foi de sofrimento pra comunidade quando aconteceu isso com o padre

¹ Fita gentilmente cedida pela Professora Ecléa Bosi no exame de qualificação para a obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Domingos... Abriram essa parte dele (abdome) fizeram assim como vou fazer (encosta a mão no abdome). Costuraram a pele, a mão ficou aqui dentro (no abdome), enxerto. Aquilo não sei o tempo que ele ficou. Aquele homem não dizia nada, nada, contra Deus e contra, era, sabe, aquilo que ele achava, aquilo pra ele foi assim, uma dádiva de Deus por alcançar mais, o objetivo dele era maio.

Com a intenção de despreocupar as amigas Domingos dizia bem humorado: “*Estou gerando um filho. Vocês também não geraram por nove meses um filho?*”. Mas à noite Frei Manu ouvia os gemidos de dor do padre que durante o dia na frente de todos tentava esconder a gravidade de seu estado de saúde, não esquece Dona Amanda.

Bosi, E. (1987a, p. 21), amiga pessoal de Barbé, comenta:

“Simone está certa”, diz Domingos Barbé, que perdeu sua mão num acidente de trabalho, “a rapidez da cadência e as ordens constantes são o que mais cansa, e a fadiga leva ao acidente”. Aqui o aprendiz não é incentivado pela professora, nem se pede que suas mãos deixem um traço criador no objeto; e se ele se distrai, a punição vem rápida e seu sangue espirra nas correias e ferragens.

É com tristeza que Dona Glória narra como o curto período de convivência com o padre Paulo Xerdel foi interrompido com sua morte por atropelamento, acidente comum na época entre os trabalhadores, que para chegar pontualmente nas fábricas tinham que percorrer longas distâncias a pé até alcançar o ponto de ônibus mais próximo ou nem contar com esse serviço. As pessoas já estavam sentindo a falta do padre para as orações da noite, horário pensado em função da rotina de um bairro de operários, quando a notícia chegou:

Eu e minha irmã, nós vínhamos de lá do Jardim Bom Viver, da escola. Nós estávamos esperando por ele (padre Paulo) pra rezar a missa, ele não chegava. Ai quando nós fomos indo pro lado, nós estávamos no Jardim Aurora, o homem perguntou: vocês conhecem um homem desse jeito? Nós falamos: ah, é o padre. Ele: não é padre, ele trabalha na

fábrica. Eu falei: mas ele é padre sim. Estava trazendo a notícia de que ele foi atropelado...

A formação dessa comunidade só foi possível com a confiança mútua. A definição de graça escrita por Barbé (1983a p. 102) poderá ajudar na compreensão desta afirmação:

Uma livre e gratuita abertura da pessoa ao outro. Por exemplo, uma “inspiração” quase poética convencendo-a a confiar numa organização comunitária e a assumir o seu funcionamento. A graça é um dom que *convence* a pessoa a confiar. *Da confiança nasce a união e a união permite a organização.* Neste sentido a graça se opõe ao poder, pois ela não manda nem organiza: ela inspira.

A amizade, tema de discussão de La Boétie (1999, p. 35), floresce apenas entre as pessoas de bem que se entre-amam, se estimam - “(...) o que torna um amigo seguro do outro é o conhecimento que tem de sua integridade; as garantias que tem são sua bondade natural, a fé e a constância.”. Fora dessas condições é estabelecida relação de cumplicidade entre os que se entre-temem, unidos pela afinidade da crueldade do mundo.

Isso pode ser verificado em pequenos episódios cotidianos mencionados pelos entrevistados. No relato de Sr Valdir percebe-se o vínculo afetivo estabelecido entre os padres e a comunidade, conquista demorada, fruto do longo período de convivência nas mesmas condições de opressão.

Ah, eu lembro que eles eram muito amigos da gente, sabe Karen. Assim, amigos daqueles que a gente diz ser amigo mesmo, sabe. Eles vinham quando tinha jogo de futebol, eles vinham em casa assistir jogo de futebol com a gente, sabe. É... se a gente, se a gente não aparecia na igreja eles vinham em casa saber porque que nós não fomos. Os padres, não eram (os vizinhos) da comunidade não (ri), eram os padres, né: Valdir, porque você não foi na igreja domingo, que aconteceu, tava doente? Não padre, não deu pra ir, a gente teve que sair, teve outro compromisso. Eles, quando às vezes eu saía, né, a gente chegava em casa tinha bilhetinho debaixo da porta, deles: Valdir, por favor, domingo

você faz a celebração da missa pra nós que nós vamos sair. E que, aí eu lembro deles... eles trabalhavam igual a nós.

Dona Olga lembra com saudade as visitas constantes de Domingos a sua casa na busca de conselhos. Tinha na amiga o equilíbrio que procurava. Diferente do padre idealista, ingênuo e sonhador, Dona Olga ponderava os planos de ações e seus obstáculos. Ela é quem resume sua maneira de ser em uma frase: *“Tenho os dois pés no chão, para dar um passo tenho que ter certeza de que o chão tá firme.”*.

Os esforços em constituir um ambiente amistoso não impediam os desentendimentos. Alguns membros da comunidade discordavam do direcionamento do grupo. Os padres eram chamados por alguns de comunistas, com toda carga de significado que a época de ditadura militar sugeria. Eram acusados de pregar junto ao povo a divisão dos poucos bens disponíveis e proibir a aquisição de objetos considerados supérfluos em um bairro pobre, como eletrodomésticos, que a maioria não poderia possuir. Dona Dulce reconhece: *“Um dia eu tava conversando com uma pessoa conhecida e ele falou para mim, olha, hoje eu vou na igreja aqui porque no tempo dos padres operários eu não ia que os padres operários eram tudo político, e eu não gosto de igreja política.”*.

Outras críticas são formuladas, Dona Vânia ressalta a ambigüidade existente entre a origem próspera da maioria dos padres e suas condições de vida em bairros pobres – *“A família do padre Domingos era uma das famílias mais ricas da França, mas ele renunciou tudo pra viver, fez o voto de pobreza, então renunciou tudo, veio pro Brasil sem nada.”*. Declara como os recursos financeiros das famílias eram utilizados por alguns padres, contrariando os princípios da comunidade de base, em momentos difíceis.

Mas o padre Domingos era um político consciente, muito consciente, e uma pessoa de uma perseverança profunda, com os defeitos dele, né, mas de uma dedicação muito grande. Eu brigava muito com ele, discordava de muitas coisas dele, não concordava, não concordo até hoje. Eu não concordo com a filosofia da MOP de padre morar na favela. Eu acho que tenho que lutar, porque eu gosto do conforto, eu tenho que lutar pra que o meu semelhante ali tenha o mesmo conforto que eu. Mas eu ser solidária com ele, dizendo que sou solidária com ele.

indo morar na favela, num barraco caindo aos pedaços, com esgoto passando na minha frente? Mentira. Porque, nós discutimos isso muito claro. Quando a mãe de um dos nossos padres faleceu, o padre na hora já foi pro aeroporto, pegou o avião, upa, vamos pra Paris e tal ver o corpo da minha mãe, sepultar a minha mãe. Mas a mãe de Seu Antônio faleceu em Minas, ele não pode ver porque não tinha o dinheiro pra ir ver a mãe dele, não dá. Ele não podia faltar ao trabalho, ele não tinha o dinheiro pra ir ver o sepultamento da mãe dele. Então não é verdade, as histórias são diferentes, entendeu? Eu não posso morar num barraco, ser solidária a você, ser igual a você. Ópa, não é verdade, então isso pra eu, eu Vânia, mas eu respeito qualquer um que tenha, só que eu mostro por ai que isso é diferente, é diferente, não adianta dizer que com um barraquinho na favela eu sou humilde, não é verdade. Eu gosto do meu conforto.

No entanto, Dona Olga lembra que a utilização desses recursos não era decisão fácil. No caso do padre Domingos, acidentou-se em ambiente de trabalho perdendo parte da mão. Foi preciso mobilização da comunidade para que ele aceitasse buscar melhor tratamento médico na França. A iniciativa não partiu do padre, pelo contrário, relutou para ir, só aceitou porque não poderia contrariar um processo de decisão coletiva que ele mesmo ajudou a construir na comunidade. Aceitou, mas impôs sua condição: regressar logo.

Domingos era muito esperto, ele não queria ir, estava com a mão cortada. Ele dizia, bom, se fosse com um operário, ele não tinha pra onde ir, cortava a mão dele, acabou. Porque que eu agora, vocês têm que me mandar pra França, né. Ele não queria ir fazer. Mas ele não queria ir, isso ai eu não vou fazer. Mas ai os padres viam que ele não ia mesmo, cortou muito a mão dele, os outros padres pediram pra a comunidade se reunir junto com ele pra decidir o que ia fazer com ele, né. Ai todo mundo: não vai embora, se você ficar na minha casa, eu levo, eu cuido. Mas ai os padres já tinham falado: olha, não é uma questão de cuidar, é que na Europa já teve guerra, eles têm mais, eles são mais preparados pra cuidar de um acidente desse, né, aqui ele vai acabar

perdendo a mão, convençam ele que ele deve ir. Ai fizemos a reunião, todo mundo com dó, né. Ai eu levo você pra minha casa pra cuidar, mas o problema é outro. Mas aqueles que estavam mais ou menos conversado: não, ó Domingos, eu acho bom que você vá, tem mais recurso, tá certo, se fosse um operário, mas se você fosse um operário e tivesse recurso você também ia ser bem cuidado. Ele falou assim: só uma coisa, eu só vou com uma condição, eu não sei bem porque, eu vou com uma condição, que eu devo voltar, certo? Eu vou com uma condição que eu vou ter que voltar, ou com seis meses ou com um ano, com dois anos mas eu vou voltar... Ah, isso mesmo, você vai, mas você volta.

O acordo não foi imediatamente cumprido, nova organização da comunidade foi necessária para que o regresso se confirmasse:

Ai foi, seis meses não voltou, um ano não voltou, sempre escrevia pra nós da comunidade, tinha gente que não gostava muito dele. Quando ele saiu desligou, né. Mas ele era terrível, daí o padre (Frei Manu), como me chamou deve ter chamado outros, né, olhe, o que você acha. Domingos tá querendo voltar, o que você acha? Eu disse olhe, sou meio aberta, disse olhe, na reunião foi prometido a ele que quando ele tivesse condição ele voltaria e agora ele já tem condição de voltar, tem que se cumprir o que falou, né, e mesmo porque o Domingos, ele tem um papel muito importante no Brasil, eu acho que ele pode e tem que voltar. E aí teve uma reunião pra ver isso, né. Esse pessoal, pessoal simples, sem maldade é tudo muito sincero, né, todo mundo na mesma história: olhe, se ele tá bom foi a palavra que demos pra ele. Ai ele me escreveu. Ai eu escrevi pra ele: ó Domingos, teve uma reunião e a comunidade achou que você deve voltar em cima daquilo que nós prometemos. Depois, já tô arrumando as minhas malas (risos)! Mas eu acho que a equipe já não queria mais ele de volta, né. Porque você sabe essas coisas de equipe, de hierarquia, de lá deles, né, uma coisa que a gente não, por fora mas entende que, né, tem coisa que não vai contar pro povão, faz uma fofoca danada, ignorância (risos). Ai dava pra perceber que eles não estavam mais querendo que ele voltasse. Não demorou muito ele chegou. E a

equipe não tava gostando muito, se tivesse alguma coisa assim que ele não quisesse voltar, mas não podia contrariar o povo assim, né.

Isso porque na equipe missionária já havia sinais de desarmonia, talvez em decorrência do posicionamento “*atrevido, mais político*” de Barbé, como disse Dona Olga:

Mas ele ficou um pouquinho, aqui, ele andava muito na frente do grupo. Você sabe como é grupo, grupo tem suas regras né, e quando tem um que às vezes não obedece muito ele traz transtorno para o grupo, né. É ele, acho que com aquele jeito dele ser, aí queixavam que ele não tinha horário, né. O que eles falavam pra nós é que ele era muito, muito, a palavra não é desobediente, é que não tinha horário pra almoçar, horário pra dormir, não tinha horário pra nada assim, né, no grupo, você tá entendendo. Aí não era cumpridor de horário, era rebelde mas não é essa a palavra, que ele tinha um comportamento de não seguir regras, né. E isso me parece que a equipe estava tendo um desconforto pra esse tipo de coisa, né. Mas ele queria ficar no Brasil, né, ele não queria perder essa oportunidade, então. Ele ficou um pouco, um ano, mas ele tava vendo que ele tava muito à frente da equipe da MOP.

Em outro momento, novo contato com a família de Domingos foi estabelecido. Sr. Benedito mencionou que Domingos sentia fortes dores de cabeça e não deixava de cumprir seus compromissos missionários. Já morando em outro bairro em São Paulo, percorria um longo trajeto para celebrar uma vez por semana missa na casa dos moradores do Jardim Aurora e visitar os conhecidos. Em nada mudou a rotina do padre, mesmo com sinais evidentes de que a saúde não ia bem. Relutou em aceitar contatar familiares como a comunidade queria. Foi preciso Sr. Benedito, por iniciativa própria, comunicar a família para disponibilizar seus recursos e iniciar o atendimento médico necessário. O esforço não poupou o padre do sofrimento e posteriormente, da morte.

Dona Olga faz o seguinte comentário sobre o amigo Domingos: “*Um francês que chegou no Brasil e deu a vida para mudar a vida dos mais pobres do Brasil. Não deu meia vida não, deu a vida inteira.*”.

CAPÍTULO III
RELATOS DE CONVIVÊNCIA: LEMBRANÇAS DE UMA COMUNIDADE
ECLESIAL DE BASE

1. Acolhimento

O primeiro contato de Dona Amanda e Sr. Valdir com a comunidade ajuda a imaginar como era a recepção dos recém-chegados à igreja:

Karen, é uma história tão gostosa que isso aí eu me lembro como se fosse hoje... Quando eu e a Amanda chegamos, nós passamos na porta da igreja do bairro, né, nós vimos aquela capela pequenininha, né, bem humilde, né. Aí começamos a trocar idéias, né: igreja isso aqui, né, será que é igreja? E um dia nós resolvemos, né, e vimos o horário que tinha a missa, né. (...) Então, a missa era à tarde, se eu não me engano era seis e, às seis e meia. Aí nós entramos pra participar da missa, né. Olha, é, chamado de Deus mesmo, sabe. É... a gente acha que não né, mas é um chamado de Deus porque naquele dia que nós entramos, a igreja, capelinha era pequenininha e tava vazia, sabe, não tinha muita gente, né. Depois que viemos saber que a comunidade estava em retiro, sabe. Então tinha pouquinha gente. Aí começou a missa, né, a celebração da missa, né. Quando chegou na hora da primeira leitura, né, o Frei Manu, né, olhou assim pra igreja e olhou pra mim disse assim: escuta, você poderia vir fazer a leitura pra nós, né? Eu ainda fiquei olhando... Ele disse assim que era eu e eu fiz um sinal: eu, né? Ele: é, você mesmo. Aí eu sai de lá de trás, fui lá na frente fazer a leitura. Tremia que nem uma vara verde (rimos). A gente treme, fica nervoso, né. Assim não sei, depois quando terminou, aí as pessoas que estavam, que estavam ali, aquelas poucas pessoas que estavam ali na comunidade, vieram conversar conosco. Eles nunca tinham nos visto, né, então vieram dar as boas

vindas pra nós. Ai veio Seu Carlos, né, aí conversou comigo tudo, né, se apresentou, nos apresentamos pra ele e fomos apresentados à comunidade, fomos apresentados ao Frei Manu, que é um cearense, né, deixou muitas saudades, né. E aí, na semana seguinte vieram pra mim se eu podia fazer novamente a leitura. Ai eu: ah, eu topo, só que vocês me falam que leitura que é que eu vou dar uma preparada, né. Eu leio em casa primeiro, né, e depois eu faço a leitura. Então foi assim que começou, sabe, e dali, daquele dia em diante já todos os domingos já comecei, foi indo, foi indo, foi indo, né, fazendo leituras, depois me convidaram a participar de grupo de rua, né. E depois de grupo de rua assim nós começamos a fazer várias coisas dentro da igreja, sabe, várias tarefas assim, né.

E sua esposa acrescenta:

Daí quando terminou a missa ele (Frei Manu), que a comunidade era, olha gente, acabou a missa ele já veio falar assim: como vai, tudo bem? Muito obrigado por ter lido. Você lê muito bem. Você não é daqui, né. Parece que nunca vi você na igreja. Ai meu marido falou: não, é a primeira vez que eu tô vindo. Ele falou: olha, você será sempre bem vindo e venha sempre que eu gostei muito de você, viu meu jovem. É essa é sua esposa? Vocês são um casal muito simpático, Jesus tá com braços abertos pra receber vocês sempre. Foi assim que fomos recebidos na comunidade, a primeira vez que nós viemos na igreja. Por isso que eu falo pra você, aonde você for, aquela palavra que Jesus fala, se você for bem acolhida você vai vir sempre, né. A partir daquele dia foi assim uma porta aberta pra nós.

Conforme relata Dona Margarida, os padres aconselhavam a “*não desprezar ninguém*”, se referiam ao tratamento com os vizinhos: “*Quando vocês irem na rua que vocês verem uma pessoa, fala bom dia se for de manhã, se for de tarde, boa tarde, se for de noite, boa noite.*”. Nos encontros o procedimento não mudava: “*Eles queriam que a gente fosse no grupo todinho: boa noite, boa noite, boa noite, boa noite, segurando na*

mão de todo mundo. Isso daí era muito bonito, né, porque eles faziam isso, eles davam o exemplo.”.

A moradia dos padres pouco se assemelhava a uma casa comum. Diferente nas disposições dos cômodos, nos móveis utilizados e no movimento de pessoas. Casa constituída para acolher e compartilhar o sofrimento e as alegrias dos seus. O ponto de encontro para uma conversa amigável após o árduo dia de trabalho.

De acordo com as lembranças de Jorge, a casa dividia-se em duas partes unidas por um corredor. À frente, quatro cômodos e banheiro, ao fundo, sala de oração, um quarto e cozinha onde normalmente eram recebidas as visitas. Frei Manu dormia no quarto do fundo, a sala de oração servia de quarto para o padre Michel. Domingos dormia no quarto da frente. Os quartos serviam também de espaço para o trabalho intelectual. No cômodo da frente ocupado por estantes de livros, eram recebidas as pessoas.

Uma casa de portas abertas, como bem definiu Dona Olga. Ela mesma que pôde passar bons momentos no local, acolhida no momento da separação do marido, não consegue entender como era possível uma casa assim.

Não consigo entender você ter uma casa e não ter um pingão de liberdade, chega gente a qualquer hora, você sabe o que é isso? Eu não sei. Viver para o outro, aquela porta aberta, porque todos nós queremos privacidade, né. Mas eu não sei como aqueles padres agüentavam, mas não tinha um pingão de privacidade assim, ou de noite, ou quando se deitava se não acontecesse alguma coisa extraordinária no bairro, sabe. Sempre ali, todo tipo de gente, todo tipo de gente. Olha, é difícil, era uma paciência, eles eram extraordinários.

A casa sem luxo estava sempre pronta para receber. Cadeiras e jarras de chá mate ficavam à disposição dos seus freqüentadores, dentre eles os jovens.

A casa deles era lotadinha de jovens. Olha, os jovens é uma coisa muito importante. Chegava domingo você vinha na casa deles, que era ali no Centro Catequético. Tinha ali uma casinha no fundo e outra na frente. Casinha bem ruinzinha, bem velhinha que agora desmancharam e tá

tudo novo, né. Chegava lá tava lotada de jovem dentro da casa e no quintal, tudo sentado no quintal, tudo. Eles ficavam o dia inteiro na casa dos padres, dando risada e conversando. E a casa deles, na sala só tinha umas cadeiras, lotada de cadeira e uma mesinha de madeira. E a caminha deles era batente e colchãozinho de capim. Os jovens não saiam da casa deles. E sempre tinha em cima da mesa uma jarra com chá mate sem açúcar (ri). Você chegava, eles diziam: quer tomar chá? Era aquilo a bebida na casa dos padres, duas, três jarronas de chá mate sem açúcar em cima da mesa. Muito engraçado (Dona Amanda).

Dona Amanda comenta que ao chegarem no bairro os padres traziam na mala filmadora e aparelho de barbear. Não demorou para se desfazerem dos objetos sofisticados. Um dos padres até comentou que não abandonava os óculos por precisão, o incomodava possuir um artigo inacessível para muitos que ali moravam.

O desapego aos bens materiais acompanhava os padres para onde iam. Impressionado, Sr. Valdir lembra sobre as condições de vida de Domingos em outra comunidade do município: *“Ele mesmo vivia num barraquinho lá, pessoa de uma família muito rica, de poder aquisitivo muito alto, né. Ele vivia num barraquinho numa favela, não tinha nem um colchão direito pra dormir, né.”*

A simplicidade tocava os moradores que viviam em condição melhor do que os padres, solidários à situação, traziam alimentos para presenteá-los e diminuir a privação escolhida. Porém, a ordem é repartir.

Tudo que eles ganhavam, se você levasse uma tigelinha de doce pra eles, se é outro membro da comunidade que chegava, já punham na mesa e oferecia. Tudo que eles comiam eles partilhavam com a gente. Eles nunca ganhavam uma coisa pra eles comerem sozinhos. Isso daí é uma coisa muito marcante na minha vida (Dona Amanda).

Uma vez membro da comunidade, passa a ter uma relação fraternal na qual todos são alvos de atenção e cuidado. O espaço acolhedor permitia a partilha de problemas vivenciados e o auxílio na busca de soluções. A amizade gratuita, sem interesses, como

devem ser as relações sinceras, não era compreendida por Jorge, acostumado às relações de trocas do dia-a-dia.

O Manu era o, o, quer dizer, chamava de nego velho, né. Ele dizia nego velho, nego velho pra lá. Era o nego velho dele, sabe. Eu falava assim, mas o que eu fiz pra esse homem, pra esse homem gostar tanto de mim assim, sabe. Eu não fazia nada, mas ele gostava da gente, sabe, e sem a gente... E a gente aos poucos começava a gostar, mas era um gosto diferente, não era um, sabe, de amizade, a gente tinha uma amizade assim pura mesmo, sabe.

O local possibilitava a partilha também dos problemas familiares, era lá que Jorge encontrava pessoas dispostas a ouvir e aconselhar nos momentos de aborrecimento:

A gente chegava na casa (dos padres), hoje eu briguei em casa com meu irmão, furei a cabeça dele com uma pedra, não sei o que, sabe. E ele (Frei Manu) falava, não, mas é assim mesmo, agora você volta lá, conversa com ele, pede perdão pra ele, ele vai conversar, ou então você vem aqui e conversa com ele, sabe. Ele era assim, sabe, então quer dizer, o que acontecia a gente chegava lá, ó, tá acontecendo assim, assim, assim. Tá, vamos conversar. Ai nós conversávamos, falava, falava, falava, aí no fim saía aliviado. Então assim, a gente tinha um, até hoje a gente tem esse carisma, sabe.

O espaço também era reservado ao estudo daqueles que pouco tinham acesso aos livros. Jorge mostra que aprendeu a ler atentamente com Frei Manu.

Tinha uma biblioteca lá que a gente ia, sempre pegava livro pra ler, sabe. A preocupação dele (Frei Manu) era: devolve, devolve, eu não li ainda, sabe (...). A gente lia o livro e ele questionava, o que você leu no livro? Não, eu li isso aqui. Ah rapaz, você não tirou a essência do livro, tá faltando tanta coisa do livro... Não, não é assim que tem que ler não,

tem que se ler assim ó. Ai ele lia uma parte pra gente lá, ensinava alguma coisa.

Os padres costumavam viajar para a Europa e estados brasileiros para partilhar a experiência comunitária. A volta era festejada. Bastavam perceber movimento na casa dos padres para que os conhecidos se dirigissem até lá. Nas bagagens, presentes, evidências de que as pessoas foram lembradas a quilômetros dali. As roupas que ganhavam de familiares traziam para os amigos. Dona Amanda ganhou um lenço parisiense de Frei Manu, que achava o tecido com “cara de choro”, ela justifica: “Na época eu era muito chorona”. O lenço se desfez com o uso. Sr. Valdir ganhou um chaveiro de casal holandês que guarda com zelo no quarto.

Jorge recorda das missas que participou na casa dos padres após o dia de trabalho. A comunhão por meio do pão sem sal e sem fermento, assado pelos padres trazia uma sensação de conforto que descreve: “*Sentia Jesus ao meu lado*”.

2. Um caso de violência

Dentre as dificuldades enfrentadas pelo oprimido, Flávia foi vítima de violência sexual no bairro. Ao levantar cedo para ir ao trabalho como de costume, foi abordada por um desconhecido que aproveitou a má iluminação das ruas no inverno e as escadarias das vielas próximas de casa para cometer o crime. O relacionamento entre a pesquisadora e a entrevistada permitiu o relato detalhado do drama vivido: “*Aí eu lembro, né, que até, né, durante essa época aí aconteceu uma coisa muito desagradável comigo, né. Então eu passei por uma violência, né, sexual na rua, e fiquei muito deprimida, né.(...) E foi uma parte muito difícil da minha vida...*”

Barbé, presença constante nas casas das pessoas, percebeu que algo não ia bem:

Aí quando foi um dia ele (Domingos Barbé) passou aqui, aí ele perguntou pra mim, né: eu sei que você, ninguém falou nada pra ele, né, e ele foi, é, morria de vergonha de falar alguma coisa né. Domingos

falou assim: ó, eu preciso falar com você. Eu falei assim: sobre o quê? Ele falou: não, eu preciso falar com você. É, eu sei que você tá passando um momento muito difícil e sei que você não quer me contar, mas não adianta porque eu tô sabendo. Ai eu falei: mas quem contou pra você, a não ser que minha irmã contou alguma coisa pra ele, né. Ele falou assim, ninguém me contou nada porque eu quero conversar, ver se você fala pra mim o que tá acontecendo. Ai foi um dia ele veio, falou assim, ó amanhã eu passo aqui a gente vai conversar um pouco. Ai foi um dia ele veio aqui, sentou aqui igual nós estamos né, ai eu contei pra ele, né.

Na condição de padre, Domingos não conseguiu manter uma imparcialidade diante do fato. Seguindo sua orientação religiosa, aconselhou a manter a gravidez, salientando sempre que preciso as conseqüências psicológicas e religiosas de um aborto. A decisão de Flávia que parecia definida, tomou novos rumos com a mobilização de questões vinculadas à maternidade e sua responsabilidade.

Assim, ele falou assim, não, não vai, ó, você não deve ficar preocupada com isso que tá acontecendo com você, por isso ai você não é a primeira. E tem uma coisa, se você estiver mesmo grávida, você vai ter essa criança, você pode, pode não, você pode não estar contente porque foi dessa forma, mas, é, você vai querer abortar essa criança? Ai eu falei assim ó, Domingos, já tá na Justiça, que isso ai foi parar na Justiça, né. Porque aquela ginecologista, aquele ginecologista falou pra mim, você tem todo direito de recorrer e fazer um aborto porque você vai ficar com uma, com uma criança de um marginal? Então já tava na Justiça. (...) Ai ele falou, sei que tá, eu falei pra ele, né, tava na Justiça. Ele falou, você vai abortar? Mas não pode, você não pode fazer o aborto. Ai eu falei pra ele, mas Domingos como é que eu vou ficar com a situação difícil dessa. Ele falou, não, você vai ter a criança porque você é a mãe, se você tá esperando você é a mãe. Agora se você não tiver condições de cuidar dessa criança, que vai ser muito difícil, você pra essa criança. Ele falou, ele falou até em adotar, falou assim, você vai ter que ficar com essa criança até mais ou menos uns dois anos, depois de dois anos eu vou

mandar ela pra minha terra e vou pagar um colégio interno, e essa criança eu vou adotar. Ai eu falava assim, ai Domingos, é muito difícil, né, eu falei pra ele, eu ficar com a criança dois anos, de repente você leva embora, todo mundo vai dizer cadê a criança? Dizer que morreu, não morreu, como que eu vou explicar pro povo do filho que sumiu, né, que eu dei, né. Ele falou assim, não, mas tudo bem, mas eu sei que você tem que ter fé em Deus e ver que Deus pode desmanchar toda essa história, ele falou isso pra mim, né.

Domingos, sensibilizado com a situação, passou a compartilhar do problema de Flávia. Apelou para a fé nas orações e no jejum:

O Domingos tinha falado pra mim antes, eu sei que o seu caso tá na Justiça, você não pode ir nem pelo padre, nem pelo juiz, nem pela advogada, nem pelo médico, só por Jesus Cristo porque hoje à noite eu vou fazer uma, eu vou fazer um jejum, vou passar a noite em vigília e essa história pode ser mudada. Ai eu falei, tá bom. Só que você vai fazer assim, você vai entrar no seu quarto hoje, também você vai fazer uma oração mas não repete muito, não fala muito porque Deus não é surdo, ele falou assim pra mim, né. Você fala assim, Deus eu tô na tua mão seja a tua vontade, o que for decidido vai ser feito, né. Mas ele falou, mas pensa bem, o aborto é crime, se você fizer o aborto você vai sair dessa, mas vai ficar marcada pelo resto da vida, porque depois você tem o, a Justiça Final, né. Ai ele falou, mas não vai por ninguém.

Na data marcada Flávia alega ter visto ao levantar de madrugada, um clarão no céu semelhante a um cometa.

Ai quando foi depois de uns três dias ele (Domingos) passou aqui. Ai ele pegou e disse, falou assim pra mim, ó, isso aí, alguma coisa, e eu tive, ele falou, você vai ter uma visão e essa visão você vai me contar depois. Ai eu falei assim, mas eu vi tudo claro, né. Ai ele falou assim, já é um dos avisos. Mas você vai ter outros, mais forte ainda. Ai eu disse, ai meu

Deus agora confundiu a minha cabeça, agora além de tá grávida, além de tá com esse problema todinho eu tô vendo coisas, tô vendo claro? Será que eu tô ficando doida, eu falei, né, coisa da minha cabeça? Eu queria acreditar mas não queria acreditar, que eu tive medo da claridade, né.

Dias depois Flávia sonhou. No refeitório de um hospital onde trabalhou com Cláudia, baiana que acompanhada do irmão veio para São Paulo em busca de melhores condições de trabalho. A amiga preocupava-se em não engravidar para não decepcionar o pai que permaneceu na terra natal. Assim descreve o sonho:

Então ela com uma criança no colo e ela dizia assim pra mim, olha, você vê o que aconteceu comigo, tanto que eu falava pra você que eu não queria arrumar um filho pra meu pai não protestar, olha o que aconteceu, eu ganhei essa menina, tá bem, tá bonitinha, agora os médicos vão tirar o coração dela. Ai eu dizia assim, ai Cláudia, mas que situação! Ela falou tá vendo, além de ter a criança, uma coisa que eu não queria que acontecesse, olha aqueles médicos lá, eles vão acabar de almoçar e vão tirar o coração da menina. Se tirar o coração vão tirar a vida. Ai eu falava assim, Cláudia tenha fé em Deus que não vai acontecer nada. E daí eu acordei, né.

Com o apoio de Domingos, Flávia chegou a uma certa interpretação de seu sonho:

Ai eu falei pro Domingos depois, né. Ai ele falou assim, olha, você não entendeu o sonho? Eu falei assim, não. Ai eu falei assim não, não entendi. Ele falou Cláudia é você mesma, é você, Cláudia é você. Tá sofrendo, ela também, mas Cláudia é você. E aqueles médicos vão tirar o coração da tua filha, do teu filho. Se vai tirar o coração vai tirar a vida, quer dizer, são eles mesmos que vão tirar a vida, que são os médicos que vão, que vão fazer uma cirurgia e vão tirar, né. Então querem tirar a vida, então você tá tirando a vida. Porque Cláudia é você mesma que vai

tirar a vida. Se você pensar direitinho, é pra você não fazer aborto, que tá sendo contra Deus.

Na sessão com o juiz foi levantada a possibilidade do bebê ser do próprio marido e não do agressor. Para esclarecer a dúvida e autorizar ou não o aborto, foi solicitada ultrasonografia para identificar o tempo de gestação. O exame sofisticado na época realizado em consultório particular causou novas impressões e evidenciou a distinção de classe social no enfrentamento da problemática:

Cheguei lá menina, só consultório chique, só tinha mulher rica, que é particular, né. Ai eu fui e fiz, né. Ai na hora que eu tava lá, né, um rapaz chegou e falou assim pra mim, o médico, né, falou: engraçado, né, você com esse problema ai, se eu tivesse te conhecido a mais tempo você não ia tá com esse problema porque eu tô cansado de fazer aborto aqui em menina jovem, mocinha jovem, mocinha universitária, assim que vem aqui e eu faço aborto. Mas só que pra você eu não posso fazer isso porque você trata na justiça. Eu tô com muita pena de você porque você é uma pessoa assim simples e tá passando por tudo isso, mas eu não posso te ajudar mais porque esse caso tá na Justiça.

O resultado do exame sugeriu que a concepção ocorreu por volta de três dias antes do estupro sofrido, portanto o bebê provavelmente tinha como pai seu marido.

Barbé realizou uma missa de ação de graça na casa de Flávia para agradecer o que para eles significou a transformação dos acontecimentos por meio da fé em Deus. Aliviada e crente de ter sido contemplada por um milagre, Flávia comenta: “*Só que a menina tá ai, todo mundo fala que é a cara do pai, ó, desde que nasceu, todo mundo fala, é a cara do pai, só parece com o pai, só parece com o pai, ninguém diz que só parece comigo, né. Então isso é muito bom porque daí tranquiliza a gente também, né.*”

As muitas coincidências podem levar à hipótese de ocorrência de um milagre. Não cabe aqui avaliar se as interpretações levantadas por Flávia são reais ou fictícias, importa saber que o registro dos acontecimentos apenas reproduz o que foi contado.

3. Partilha

Dona Amanda explica em poucas palavras o princípio que regia as ações na comunidade:

Era tudo uma família só, e um só coração (ri). Não é assim? Os Atos dos Apóstolos, você conhece? Todos repartiram o pão, todos repartiram seu pão, não havia necessitados entre eles, repartiram seus bens com alegria. Eles rezavam juntos, né. Tudo isso, se você ler os Atos dos Apóstolos você encontra tudo isso, não sei se você leu? Não, né? A nossa comunidade é baseada no Ato dos Apóstolos, tá.

O Dia de Comunidade, como chamavam os encontros freqüentes que a comunidade organizava em local propício ao lazer, à discussão e à reflexão sobre passagens da Bíblia e acontecimentos atuais, era “*duas festas em uma*” pensa Lúcia.:

Quando a gente vai numa festa, aniversário, a gente vai lá come, se diverte, dança, brinca, dá risada. Mas não volta assim com a parte espiritual abastecida, e nesses encontros a gente sabe que foi pra uma festa e que volta bem pra frente, parece que volta cheio, né, bastante coisa, bastante experiência, né, passa pra gente.

Para Dona Margarida, “*foi a coisa mais gostosa que eu conheci na vida*”. Na sua opinião, “*ensinou a gente a viver, ensinou muito a repartir o que eu sabia com os outros e é que eu faço até hoje.*”. Na hora do almoço a mesa era ocupada por alimentos que os participantes traziam – “*cada um levava a coisinha mais humilde que a gente levava e punha naquela mesa.*”. Dona Margarida conta: “*E todo mundo experimentava, era aquela coisa que a gente vê na Bíblia, né, repartir os pães e os peixes que Deus fez, né. A gente comia dos outros e os outros comiam da gente, né, e era gostoso, né.*”.

Bosi, E (1996, p. 15) afirma que a compreensão da vida do oprimido passa não só pelo entendimento da fadiga, como também da alegria: “E as alegrias que advêm desta

participação no mundo através do suor e da fadiga: o sabor dos alimentos, o convívio da família e vizinhança, o trabalho em grupo, as horas de descanso.”.

A comida era suficiente para todos sem que precisasse combinar previamente o que cada um deveria levar. Levavam o que estava ao alcance da sua preparação: pão, macarronada, farofa de carne... Faziam o possível para levar o alimento feito em casa.

Sr. Valdir aponta que um aspecto interessante do encontro foi a partilha da refeição, com o cuidado de se satisfazer sem reclamar daquilo que de melhor o companheiro pode contribuir.

E cada um, né, todos nós íamos levar comida. eu levava um arroz, um frango, outro levava macarronada, outro levava feijão, farofa, o outro levava uma fruta, outro levava refrigerante, né. E chegava lá na hora do almoço abria uma mesa. Ali você não sabia se você ia comer o seu arroz, se ia comer o arroz de fulano, de cicrano. Você não sabia de quem você ia comer o arroz, por isso que se o arroz tivesse sem sal não podia reclamar porque você não sabia de quem é, né (brinca). Se outro ia comer o frango, o frango não tivesse bem temperado, também não podia reclamar porque você não sabia de quem que é o frango (ri), entendeu. Que a gente chegava colocava a nossa comida e colocava lá. O outro chegava, colocava lá e pronto, né. Você sabia, né, você sabia, né, aquele frango lá é meu, aquele frango foi eu que trouxe que você conhecia a vasilha. Mas o frango, o outro frango que tava lá não sabia de quem que será, né. Então era assim, a gente comia a comida do outro, o outro comia a comida da gente, né, e era assim, sabe.

É pertinente salientar que a escolha do local e a busca dos recursos disponíveis eram aspectos valorizados pelo grupo. A realização do encontro dependia da organização em todas as etapas de sua concretização: arrecadação de dinheiro, definição do lugar, alimentação e transporte. Sr. Valdir conta que o dinheiro da *caixa comum* também era usado para cobrir os gastos daqueles que não podiam contribuir. Os locais poderiam ser chácaras, seminários, convento, asilo, instituição de caridade, cedidos gratuitamente por meio dos contatos dos padres e da comunidade.

Cabe aqui uma breve explicação sobre a *caixa comum*. De acordo com Dona Olga, tratava-se de uma caixa de fôrmica branca feita por um carpinteiro a pedido da comunidade. Posicionava-se presa na parede interna do salão-capela. Havia um responsável para abrir a caixa e retirar o dinheiro. O depósito era feito espontaneamente, a qualquer hora e sem valor específico. Como a comunidade era muito pobre, as contribuições em moeda eram mais comuns.

O dinheiro era usado para atender as necessidades emergenciais de membros da comunidade: compra de remédio, alimento e retirada de documentos. Como eram numerosos os pedidos e os recursos restritos, membros do núcleo (conselho da igreja) decidiam a demanda que iriam atender, depois de uma reunião para discussão de cada caso.

Melhor do que tentar explicar seu funcionamento é ler o depoimento de Dona Amanda:

Ah, era uma benção, era maravilhoso. Nós fazíamos assim, na nossa capela não pagava dizimo e não cobrava esse dinheiro, a sacolinha que passa não passava (arrecadação durante a missa). Então nós tínhamos uma caixa comum, lá na frente, tinha uma caixa comum. E aquela caixa comum, cada cristão consciente depositava lá na frente, né, aquele que podia menos depositava lá. (...) Então aquele dinheirinho que juntava, que às vezes juntava um dinheirinho era pra comprar os materiais pra comunidade. E daí se sobrava algum a gente punha tudo na caixa comum. E os padres, eles não mexiam nas finanças. Tinha umas três pessoas responsáveis por aquele dinheiro da caixa comum. Abriam uma conta no banco de acordo com a comunidade, o nome das três pessoas, seriam os três que assinariam pra tirar dinheiro. E todos os meses eles prestavam conta no núcleo, que tinha um núcleo, prestava conta de todo dinheiro que tinha em caixa e quanto não tinha, no que gastou. Pra comprar as coisas pra igreja, material de limpeza, tudo trazíamos notas, prestavam conta de tudo.

Dona Amanda menciona a preocupação dos padres em garantir a participação de todos no Dia de Comunidade, a falta de dinheiro de algumas famílias não era impedimento.

Só que eles gostavam sempre que fosse a família. Então, todo mundo era muito pobre, ninguém tinha carro, não tinha nada, ninguém tinha carro. Se tivesse carro também era aquele carro mais velho do mundo que não servia pra nada. Então a gente alugava ônibus, os padres nunca aceitaram doação assim, entendeu. Alugavam ônibus, eles pediam, vamos supor, uma comparação, que o ônibus custasse trezentos reais o aluguel, uma comparação. Então os padres faziam assim, cada pessoa, cada casa, cada família, vamos supor, vai pagar dez reais. Mas tinha alguma família que tava desempregada, que era muito pobrezinha. Então eles diziam assim: ai, eu..., fulano, você vai? Ai, eu não vou porque eu não posso pagar ônibus, ai não dá. Então a gente conhecia as pessoas que estavam desempregadas, a gente sabia, que a gente conhecia todo pessoal que freqüentava a capela. Então a gente pagava o ônibus lá, aqueles que podiam, vamos supor que fosse pagar vinte, vinte reais a passagem pra família toda ir, a gente já fazia por dez, entendeu? Só pagava a metade pra família toda poder ir. E aqueles que não podiam pagar a gente tirava dinheiro da caixa comum e completava e pagava de todos, ninguém ficava sem ir.

Os padres operários condenavam outras formas de arrecadação como venda de rifas, quermesse – “Os padres orientavam a gente a não pedir pros coronéis e meios de comunicação porque comprem sem compromisso com a comunidade, não pegar dinheiro de negociante que não ia na igreja (...) Era fé e compromisso.” (Dona Olga).

O objetivo do encontro não se encerrava no estudo da Palavra, na organização do almoço e limpeza. O lazer era motivo de preocupação entre padres e trabalhadores que sequer encontravam tempo e opções.

Porque os padres falavam que a gente era muito pobre, precisava ter lazer. E infelizmente a gente não tem. Então a gente estudava a Palavra de Deus, partia o pão junto e tinha lazer junto e voltava à tarde. Eles diziam assim, tem pai que nem tem tempo de ver os filhos, é, não tem tempo de ficar com a esposa. Eles viam todo esse lado, da família. Então por isso que tinha esse Dia de Comunidade (Dona Amanda).

As quadras de esporte, a área verde, a piscina eram espaços apreciados por todos até as últimas conseqüências. O dia era esperado ansiosamente, nem mesmo o mau tempo era empecilho. Sr. Valdir recorda:

Então uma vez nós fomos num lugar na Serra da Cantareira. Ah, mas tava um frio e caímos na piscina com frio e tudo, sabe (ri). Ah pôxa, fomos mais por causa da piscina. Ah, chegou, fez um frio danado, ah, vamos entrando dentro da piscina. Ah, e tinha um loirinho, ele ficou roxo, roxo por causa do frio que estava, nos divertimos assim (...).

Ao final do dia o grupo se reunia em espaço improvisado para a missa com os recursos locais disponíveis. A comunhão era feita com pão duro sem fermento feito pelos participantes.

Muitos outros exemplos de partilha acumulam-se na experiência desta comunidade. Dona Sônia, constrangida, relata sobre a aquisição de seu primeiro fogão a gás.

Meu fogão era de lenha, meu fogão era de pobre, né. Ai o padre Pedro: pôxa, cadê o gás? Falei não tem padre. Mas porque não tem? Não tem dinheiro. Eu já tinha comprado fogão a gás de segunda mão, mas eu não tinha dinheiro pra comprar o gás. Ah, que é isso Dona Sônia, me dá ai o botijão, pegou o botijão, botou na bicicleta que andava muito, foi de bicicleta, foi não sei aonde ai trouxe o botijão de gás, colocou ali, sabe. Não, primeiro me incentivou a comprar o fogão, comprei o fogão. Ai ele veio falou pra mim como é que, como é que foi a comida que fez no gás? Disse não fiz. Como não fez Dona Sônia? Falei não. Mas porque não fez? Porque não tem gás. Ah, já pegou o botijão de gás, pôs na bicicleta, ele mesmo colocou lá. Ai outro dia veio ver como é que foi o almoço com botijão, com fogão a gás. Sabe, então eram pessoas que estavam sempre juntas com você. A pessoa ficava doente, estavam ali dando assistência, sempre, sempre, sempre dando assistência. Olha, viam o que precisava, o que precisava fazer, se precisava ir ao médico, se você tinha... quando não tinha carteira assinada, eles incentivavam, o meu marido não tinha.

tem que fazer, sabe. Essas coisas assim. A pessoa ajuda, se você precisa de um remédio, estavam todos juntos com a gente.

As famílias de Dona Glória e Dona Sônia foram algumas das beneficiadas na partilha de dinheiro promovida pelo padre Tiago. Recurso muito bem vindo, suficiente para o cuidado pessoal e o conserto de algumas imperfeições da casa, reconhece Dona Glória:

Eu lembro que o padre Thiago ele tinha, ele vendeu alguma coisa, não sei o que foi, herança dele. Não foi pra todo mundo, mas as pessoas que tinham dificuldade ele deu, ele ajudou até com alguma coisa. Naquela época que eu tava também trabalhando por dia eu tinha que colocar uma chapa (prótese dentária). Eu tava trabalhando e ele perguntou, quanto você tem pra você colocar sua chapa? Eu falei, ah, eu estou trabalhando por dia e mandei arrancar meus dentes (ri), eu vou, eu estou trabalhando pra juntar o dinheiro. Ele pegou falou assim, eu dou o dinheiro pra você colocar essa chapa. E deu um dinheiro mais do que isso, nós tínhamos que fazer um serviço ali (na casa) e não tinha como.

Dona Sônia acrescenta que os critérios para a escolha das famílias foram o número de filhos, as condições de moradia e a renda. Após a distribuição ainda foi possível dividir com mais uma família em comum acordo:

E tinha ficado uma família muito mais pobre do que eu que por sinal morava no barraco, que aí, quando eles perceberam que essa família precisava mais ainda e ficou fora, eles fizeram uma reunião com a gente, e em comum acordo eles pegaram um tanto de cada um, não sei se foi duzentos, se foi trezentos, sei que era para formar a mesma quantia que o outro recebeu, todos nós recebemos a quantia igual, que não foi pouco, na época era muito dinheiro viu Karen, não sei hoje quanto corresponderia, você, não sei. Sei que talvez hoje um milhão seria, não sei, tanto tempo já foi, tanto tempo atrás, não sei mais quanto corresponderia hoje. Então você vê, são pessoas que ajudavam muito.

Outra prática comum entre os padres era juntar os pagamentos de todos que trabalhavam na casa como operários, ficar com o mínimo necessário para sobrevivência e repartir o restante entre as famílias mais pobres. A renda na casa dos padres era bem maior do que de muitas famílias que contavam com o salário de apenas uma pessoa ou nem com isso, o desemprego já atingia muitos chefes de família.

A iniciativa em auxiliar o próximo nas dificuldades enfrentadas, por vezes resultava em equívocos na solução dos problemas. Dona Vânia observa como o conhecimento da condição miserável de vida de uma família tocou os membros do núcleo.

Antes das palavras da depoente é preciso esclarecer sobre o funcionamento do núcleo, que tinha entre seus integrantes Dona Sônia, Sr. Benedito e Dona Vânia. Os componentes eram eleitos pela comunidade e cumpriam o mandato de dois anos. Para quem pensou em lideranças munidas de poder autoritário, Dona Olga adverte:

Não era pra ter poder, era pra ter responsabilidade, né. Não dava à pessoa um destaque, né, dava pra ele o compromisso do que acontecia. Não ia atrás do padre, ia atrás dos coordenadores pra eles verem o que podia resolver entre eles. E no caso de ser mais difícil, aí conversar com o padre.

O núcleo, reconhece Dona Vânia, era o espaço de discussão sobre os andamentos dos grupos da comunidade – evangelização, clube de mães, grupo de jovens, missa. Somase a isso o levantamento dos acontecimentos do dia-a-dia de seus membros e a procura de soluções práticas:

Então no núcleo a gente discutia tudo isso, por exemplo, nós tínhamos o problema do esgoto da casa da Dona Maria, da rua da Dona Maria... Na reunião de núcleo nós tirávamos uma comissão, quem ia lá na prefeitura reivindicar que aquela rua fosse asfaltada, que não tinha água, que não tinha luz, aí é, o problema da Dona Maria que o barraco dela caiu, mas ela não tem tábuas pra refazer, não tem telha, não tem nada. Então uma comissão pra correr atrás disso e depois essa comissão chamaria os homens da comunidade e nós erguiríamos o barraco da Dona Maria.

Dona Olga ressalta que ao falar em comunidade não significa que todos os moradores do bairro participavam e concordavam com o trabalho desenvolvido. Isso porque fazer parte desse trabalho exigia desprendimento e compromisso.

Quando você diz a comunidade, não era todo mundo, esse é um detalhe porque nem todo mundo aceitava esse tipo de trabalho, né, nem todo mundo aceitava esse tipo de trabalho. Achavam melhor ser católico como são hoje, né, livres, soltos, sem compromisso, vai na igreja quando é missa, quando é dia de missa de finado do parente, quando é dia de semana santa, leva só o filho pra batizar mas não quer ter compromisso (...) Então quem se reunia era comunidade de uma certa maneira que tava vivendo essa idéia, né, que tava ligada.

Viver essa idéia, como disse Dona Olga, era viver uma experiência de partilha, que defendia a divisão de bens.

Então o nosso núcleo, Karen, era uma coisa muito importante porque nós não tratávamos nosso assunto só, tratava do assunto de todas as famílias do núcleo. Se você quisesse comprar objeto qualquer de importância pra sua casa, você tomava conhecimento com a família do grupo. O que a gente achava, o que a gente não achava, entende. Ai cada um dava seu parecer. Não que a pessoa não comprasse. Porque nós nunca fomos contra, nós não éramos contra, você pode, você compra (Dona Sônia).

Segundo ela, algumas pessoas levavam para discussão a compra de televisor, por exemplo. Entre os questionamentos levantados pelo núcleo era a necessidade imediata da aquisição. A decisão final sempre era do indivíduo. Se fosse decidida a compra optava-se pelo modelo mais simples e barato. Buscavam com isso uma sociedade igualitária, Dona Olga deixa escapar: *"Naquele tempo a gente sonhava muito."*

Assim, o desejo de ajudar impulsionou ações consecutivas de melhoria segundo os padrões dos benfeitores. Parecia óbvio, aos seus olhos, as modificações que deveriam ser realizadas para construir um ambiente de moradia satisfatório. Enganaram-se.

Então tudo isso uma experiência muito linda que serviu muito de lição na vida, uma senhora que tinha na comunidade, que ela também já faleceu, o esposo dela, ela chamava Laura e nós o chamávamos de Seu Moises, porque ele parecia muito com as fotos de Moises, nós o chamávamos de Moises. E ela, o barraco, ela era suja, muito, muito porca, o barraco dela chegava não dava nem para tomar um café. E o barraco caindo aos pedaços, aquele monte de roupa no chão, mas uma senhora muito boa na comunidade. Ele também muito dedicado na comunidade. Ai nós fizemos uma reunião de núcleo e tiramos uma comissão pra arrumar o barraco da Dona Laura. E derrubamos o barraco dela, construímos um novo barraco, quebramos o fogão de lenha dela, colocamos um fogão a gás, cimentamos o chão dela, passamos vermelhão no chão dela, e deixamos aquele barraco lindo, lindo, lindo... para nós, lindo pros nossos valores. Uma semana depois nós fomos visitar Dona Laura. O fogão a gás que nós demos pra ela tava encostado lá fora, dentro do barraco ela fez o fogãozinho de lenha dela, fez as caminhas dela de pau a pique do jeito lá que ela queria, fez a caminha dela, furou o cimento lá botou as caminhas dela. Esse aqui é o meu lar! (...) Ai foi que nós tomamos a consciência de que nós invadimos a privacidade dela, os valores dela e quisemos colocar os nossos valores, isso foi assim muito... ai nunca mais nós fizemos isso (risos). (...). Depois nós fomos vendo que não era por ai a coisa. Tem que ter os seus valores e respeitar os do outro, senão é muito ruim. E ai a gente fazia isso (Dona Vânia).

O episódio não fez com que desistissem de iniciar outras melhoras na condição de vida das pessoas. Serviu para um questionamento sobre as expectativas do assistido.

A rede de solidariedade construída a partir da organização da comunidade tornou-se um modo de sobrevivência e dependência mútua em condições duras e difíceis sem correr o risco da servidão. Como explica Gonçalves Filho (p. 45):

Digamos melhor: digamos que o homem pobre encontra-se mais do que qualquer outro homem na dependência da solidariedade inter-humana, de que todos dependemos. Mais do que qualquer outro, experimenta-se dependente. Pode alienar tal dependência e sonhar um dia, enriquecido, já não mais depender – é compreensível que aspire por tal libertação, uma vez que sua dependência do outro homem geralmente supõe sua servidão ao outro homem. A vida comunitária – altamente politizadora sob este aspecto – é o que ao mesmo tempo, pode manter nossa dependência inter-humana e recusar toda servidão.

As condutas dos padres despertavam sensibilidade na comunidade, especialmente as referentes ao desprendimento do vestuário. Muitos testemunharam o desapego dos padres aos bens materiais. Dona Sônia ouviu de um conhecido que o padre Domingos “(...) *tirou uma camisa, ele estava com ela, pra dar pra uma pessoa que estava sem camisa. (...). Então ele fazia, Karen, ele era uma pessoa fora do comum, entendeu. (1...)*”.

E em muitos aspectos faziam a correspondência à vida de Jesus Cristo, percebe Sr. Valdir:

Você pode pegar a pessoa mais humilde do mundo, era esse Gaspar. Tudo que essa pessoa humilde que você imaginar na vida era o Gaspar. Era de uma humildade fabulosa, né. O que ele tinha era seu, era meu, era de todo mundo. Ele não tinha luxo com nada, né. Andava de sandália, né, no pé, uma calça bem simples, camisa bem simples, né. É, era assim um pouco desleixado com o cabelo, não gostava muito de estar penteando o cabelo, sabe. Era muito simples demais, sabe. Pra conversar com a gente era uma simplicidade... né. Ele, você, acho sei lá, se você quisesse enganar ele do jeito que você quisesse você enganava ele, de tanta simplicidade que ele tinha, muito humilde demais, muito humilde demais. Era, olha, você via, eu não sei, eu acho assim Karen, imaginando bem, eu acho que ele é a própria figura de Jesus Cristo quando veio ao mundo, pra simplificar tudo sabe. Ele era o próprio Jesus Cristo. Você via nele a imagem de Cristo de tão simples que ele era, de tão humilde.

A aparência definitivamente não era uma preocupação dos padres. Domingos costumava usar chinelos, camisa e meias furadas. Dona Amanda se envergonhava por ele e lamentava em vão: "*Domingos você com essa meia furada, ai meu Deus...*". O padre enfrentava as extensas filas dos atendimentos públicos de saúde. Pessoas inconformadas com a posição do padre perguntavam se não sentia vergonha de passar por tal situação. Para isso tinha uma resposta, conta Dona Amanda: "Tenho vergonha da riqueza de minha família.". Embora tivesse condições de visitar os parentes com frequência não fazia pensando em pessoas como Dona Olga que completava 17 anos sem ver os parentes que moravam em Pernambuco.

A santidade dos padres pode ser sentida por Dona Sônia com base no que presenciou:

O padre Domingos ele era assim, foi uma pessoa assim, como eu tô dizendo, ele era um santo, já era, eu acho já era. Porque ele tinha assim... assim um dom... de, não sei como te explicar Karen, era assim uma coisa linda de ver, de trabalhar, de presenciar, tudo, tudo que ele fazia, eles em geral (...). Padre Domingos foi assim pra nós, ele era uma bondade sem limite, sabe, era uma pessoa assim... é a bondade muito grande demais, sabe. Se ele pudesse ajudar todo mundo, carregar todo mundo no colo, ele carregava. E... e muito é.... como que falam, perseverante, muito conselheiro, é... o que mais... Olha Karen, o que de bom ele tinha, não posso falar pra você porque ele... Pra mim era um santo. Porque tudo que, parece que onde ele estava, ele fazia, tudo era uma coisa, parece que o próprio Deus tava ali junto, entendeu.

E conclui: "*Mas foi muito bonita a vida de padre Domingos, foi a vida de um santo, aqueles santos antigos que a gente vê contando a história, né. Então padre Domingos é como aqueles santos de antigamente, eu acho que foi.*".

A escassez de roupas, apenas o necessário para a higiene pessoal, provocava inconformismo no grupo e a vontade de contribuir para a melhoria da situação. Coberta de boa vontade, a comunidade chegou a pensar que se tratava de falta de recursos ou

despreocupação, mas a hipótese não se confirmava. Eram operários assalariados em uma única casa, renda maior do que de muitas famílias ao redor.

Outra coisa também que era muito marcante, eles tinham umas três trocas de roupa, só. Tiravam uma pra lavar, deixava uma guardada e a outra pra usar. E se você doasse uma camisa pra eles de presente, uma blusa de presente... Como eu via a irmã, como ele quase não tinha roupa, comprou um tecido e deu pra ele. Quando eu fui na outra semana no clube de mães a costureira estava fazendo shortinho com o tecido. Eu falei assim: Dona Joana, parece que esse tecido foi a irmã Miriam que deu pros padres, pro Manfredo. É, o Manfredo falou que ele tem muita roupa e doou porque ele tem três trocas, então é muito porque tem muita mãe ai que não tem roupa pra por nas crianças. É pra fazer shortinho tudo pras crianças. Porque naquela época quase não tinha roupa comprada pronta, era a gente que costurava, né. Ele deu para, tudo shortinho pras crianças porque ele achou que três muda de roupa era muita roupa, muita (D. Amanda).

Alguns moradores como Lúcia, não acreditavam que os padres possuíam poucas roupas, tentavam encontrar dados que comprovassem a existência de um guarda roupa mais variado:

Era uma pessoa humilde (padre Domingos), uma pessoa simples, não tinha vaidade, a gente falava assim que ele tinha duas calças, uma do verão e uma do inverno (risos), sabe? Porque uma do frio e uma do calor, uma de veludo que quase ele não tirava. Ele tinha mais com ele, né. Não era só aquela, né, europeu, né, gostava muito de calça de veludo no frio, né. Então a gente via aquelas coisas, né, falava que era única, né, mas claro que não era né, porque... Ele gostava daquela cor né, marrom. Então, ai ele, mas é porque a gente falava assim às vezes brincando, mas é que o pessoal europeu ele gosta muito de roupa escura, né, não é igual a nós que vestimos branco, preto, né, ele gostava de um tipo de roupa, às vezes marrom, pro frio era só marrom, era preto, né.

Lúcia afirma que a humildade, simplicidade e ausência de luxo são qualidades indispensáveis aos padres, hoje cada vez mais raras: “*Eu acho que ele (padre Domingos) tinha o dom mesmo de ser padre, né. Que tem muito que às vezes é só por status, que a família quer, às vezes acontece muito, né.*”.

4. Abrigo

O sentimento solidário de Domingos Barbé está retratado no comentário de Dona Amanda no socorro às vítimas de deslizamento de terra.

Domingos era uma pessoa muito apavorada, muito, muito assim agitada, Domingos Barbé. Então, eu não me lembro que ano foi, deu uma chuva à tarde e aqui embaixo era um lugar que tinham colocado entulho das firmas. Então essa baixada aqui tinha nivelado, tudo um terreno bonito. Dai foi vendido, loteado isso aí, só que deu uma chuva muito forte, como falei pra você, o bairro não era nem asfaltado ainda, então embocou a enxurrada e rodou isso tudo pra baixo, casa, barraco. Eu com meu marido, Domingos na frente foi tirando o povo e chamando e levando. Levamos tudo pra escola, que a escola ali não era, era até de madeira ainda ali. Levamos tudo lá. E nós fomos visitar com Domingos, no domingo nós fomos visitar um por um, conversar um por um. Domingos visitou todos. Você vê, não é nem, né, mas não, ele, todas as coisas ele estava atento, participando com o povo, vivendo no meio do povo, vivendo no meio do povo. Domingos era muito assim.

O mesmo pode ser encontrado no relato de Dona Olga a respeito das ações de Domingos frente à dificuldade apresentada por uma família de migrantes que, após assassinato do pai, retorna à cidade natal – “*Aí ele pegou, já escreveu pra um conhecido seu lá na Bahia pra receber, nessa linha já, sabe, visitar ela, não deixar ela desamparada.*”.

O caso parecia estar encerrado quando em um encontro nacional de Justiça e não-violência em Salvador-Ba, Domingos resolveu prorrogar a sua estadia e visitar a família após um ano de afastamento – “*Não Olga, eu vou ficar porque eu quero visitar Vitória, eu preciso fazer uma visita pra Vitória. Tá bom, então vamos. Ai fomos. Mas menina... nós andamos debaixo daquele sol... (risos)!*”. Em nenhum momento havia desânimo ou sinais de cansaço em Domingos. Estava determinado.

Mesmo as ações solidárias que para os cristãos deveriam ser uma unanimidade, encontraram discordância no grupo. Certas atitudes causam dúvidas em Sr. Valdir, questiona a iniciativa de Barbé de abrigar jovens usuários de drogas envolvidos na criminalidade, os ditos *marginais, bandidos, drogados, viciados*.

Ele, olha, ele fazia muitos trabalhos comunitários dentro de uma favela e ia conversar com o pior dos traficantes, ele ia conversar, ele tinha esse dom, sabe. Pessoas drogadas ele acolheu dentro da casa dele, pessoas viciadas, né. Pessoas que fugiam da polícia ele recebia na casa dele, né. Ele, talvez nem é bom comentar, né, porque talvez a imagem dele pra mim é muito linda, muito bonita, né. Mas esse ponto às vezes eu falava que não era certo fazer isso, né, ele esconder marginal dentro da casa, né, que a polícia usava de violência naquela época, então pessoas que procuravam Domingos nesses momentos que estava muito, né. E ele acolheu dentro da casa dele, escondeu lá dentro. Então a gente não quer dizer com isso que ele esteja errado. Não sabe se ele foi errado em fazer aquilo ou estava certo, né. Porque ele, o trabalho dele maior era com drogados, pessoas que mexiam com maconha, naquela época era muito maconha, né, não tinha muito essas cocainas. Então o criminoso, o assaltante, ele lidava muito com essas pessoas. Ele queria fazer, consertar essas pessoas, ele ia em busca dessas pessoas pra trazer elas de volta à sociedade. Esse era o maior trabalho dele. Ele entrou em cada lugar que a gente não tem coragem de entrar. Ele foi a uma comunidade em São Miguel Paulista, dá até medo de passar perto, né, e ele entrou lá no meio pra junto com os bandidos, pra tentar evangelizar.

Domingos costumava dizer, continua Dona Amanda, que "(...) se você não sabe ler, sabe falar; se não sabe falar, sabe ouvir; se não sabe ouvir, sabe andar.". O engajamento é uma escolha, não uma impossibilidade como se poderia pensar.

O trabalho desenvolvido pelo padre não objetivava o encobrimento do crime, mas o apoio para transformar a situação aparentemente insolúvel e defender os direitos da pessoa humana, alerta Dona Olga:

O Domingos tinha um trabalho também com os meninos, naquele tempo desajustados, passado na droga, no crime e fazia um trabalho com eles pra ver se eles não voltavam mais, acolhia de uma certa maneira, não acolhia apoiando o que estavam fazendo, né. Mas abrindo a porta pra conversar com eles, ele fazia esse trabalho. Como é hoje a vida toda, ai a polícia chegava assim procurava aqueles meninos lá, bagunceiros mesmo e enchia o camburão de menores, né. Ai o Domingos até o dia que eu tava lá, esses meninos são crianças menores, os argumentos né, não é justo. Ai o policial pegou e falou pra ele (Domingos) assim, ó, solta as ovelhinhas do padre, ó solta as ovelhinhas do padre, quer dizer, está acolhendo marginal. Solta as ovelhinhas do padre. Então o pessoal falava dele, diz que ele acobertava marginal, dava cobertura a marginal, mas não é porque está de acordo com o crime, você está entendendo, né, atrás do crime tem um ser humano, e o ser humano ele mudar de vida dando amor e compreensão, falando com ele, do que apenas batendo, né, nesse sentido, né. Ele era, tinha muita dó dos pobres, é justamente o pobre que apanha, que vai preso, que é morto, fome, miséria, rapaz, menino moço, sabe. Ele era assim.

Dona Olga assegura que Domingos não encontrava empecilhos para ajudar o próximo: "O que eu sei do Domingos assim, só pra contar um pouco a natureza dele, ele acolhia todo mundo, todo mundo. Ele acolhia todo mundo na casa dele assim (...) Ele só tinha uma cama, se tivesse duas dava uma, ele ficava com uma só."

5. Práticas cidadãs

Havia uma preocupação constante dos padres em encorajar a comunidade para a reivindicação. Para isso as ações eram discutidas e devidamente orientadas para que sozinhos pudessem agir.

Então eles ensinaram muito a nós termos assim os nossos direitos de cristão, de cidadão, né, os nossos direitos de viver, o valor que nós temos. Às vezes você pensa que não tem valor, mas eles ensinaram a nos valorizar, nunca nos menosprezar por nada. Nós todos temos os mesmos direitos em todos os lugares, nós (Dona Amanda).

Na medida do possível as atividades da comunidade eram divididas de acordo com a disponibilidade e interesse de cada um, com o apoio dos padres. Assim, mencionam Barbé e Retumba (1971, p. 37): “Através de mil pequenas ações deste gênero, levadas a bom termo conjuntamente, revelam-se e se formam, gradativamente, os ‘responsáveis’, saídos realmente do meio do povo, põe-se termo à passividade resignada e se aprende a Esperança.”

Sr. Valdir faz uma observação sobre a distribuição de tarefas entre os membros da comunidade como forma de estimular a participação.

Os padres, as próprias pessoas da comunidade mesmo, eles incentivavam a gente. Karen, eles (os padres) entregavam a tarefa na mão da gente, né. Eles diziam pra gente: olha, vocês têm muita, muita capacidade pra fazer, vocês têm que botar a capacidade de vocês pra fora. Vocês têm que mostrar que vocês são capacitados pra fazer isso. Nós vamos, nós damos um empurrão em vocês e aí vocês têm que, têm que ir em frente, né. Eles incentivavam muito, eles davam muito incentivo pra gente, né. Eu ganhei uma Bíblia do padre, do Frei Mamu, o Frei Manu deu uma Bíblia pra mim: olha Valdir, vocês vão, vocês têm que continuar na comunidade. E olha, eu não sei, esses padres deram tanto incentivo pra gente que olha, o que nós já passamos na nossa vida era pra nós não trabalhar mais. Mas quando a gente pensa nos padres

operários não tem nem coragem de deixar a comunidade, não tem mesmo, não tem o que faça nós abandonarmos. Não sei daqui pra frente, né, não sei se um dia nós vamos deixar, né.

Procurava-se fazer com que as pessoas tomassem as decisões, porém, os padres não hesitavam em socorrer nos momentos difíceis:

Olha, eu, quando a gente começou na comunidade, muito, naquele tempo era gente muito pobre, os padres também muito simples, eu acho que o que a gente sentia era que tava vivendo numa verdadeira família aonde a gente descobriu muita coisa que a gente não sabia, aonde a gente tava aprendendo junto. E eles, assim faziam a gente caminhar com as próprias pernas da gente, né. Eu vou falar, como diz o ditado, ensinavam a gente pescar, não davam o peixe, quando era também pra dar eles davam, mas ensinavam a gente a pescar (Dona Glória).

Bosi, E. (1996, p. 18) declara: “Se a promoção das classes pobres depende da instrução, na cidade ou no campo, se é preciso reivindicar o direito à ciência e à arte, essa luta é já, em si, uma fonte de cultura.”.

As pessoas eram instigadas a questionar, verbalizar o que pensavam, ler atentamente.

Um dia eu me lembro de uma reunião que tivemos aqui em casa, mas com padre Pedro, logo bem no começo. Isso aqui era muito pequenininho. Então ele (Zaqueu) ouvia falar de Jesus, mas não conhecia Jesus, né. Então Jesus ia passar com a multidão pra aquele lado onde estava, naquela época era cobrador de impostos. Ele queria ver Jesus mas era muito pequenininho, ficava no meio da multidão, ele não ia ver. O que ele fez? Subiu no pé de figueira, pra ver Jesus passar. Ai é... quando Jesus ia passando, olhou pra ele e disse assim, desce daí que essa, já tá na sua casa, né. Nossa, tomou aquele susto, ficou assim radiante de felicidade. E o mestre, Jesus, e foi, né. Ele era cobrador de

impostos. Então esse dia foi passado esse slide aquilo na minha casa, né, quando o padre Pedro perguntou pra mim, o que significava, o que queria dizer essa passagem. Falei eu não sei, como não sabia. Não sei. O padre, Dona Sônia... Ai passou aquela, passou não sei que mais, eu falei que não sabia. Três vezes. Ai ele falou assim: Dona Sônia, a senhora só sabe dizer que não sabe? Pelo menos perante o Evangelho, porque eu não sei. Falar o que pro senhor, se eu não sei que o Zaqueu tá fazendo em cima da árvore, não sei. O que não sei mais, eram três. Só que eu me lembro muito de Zaqueu porque ficou na minha cabeça, né. Ai, pois Dona Sônia a senhora precisa saber mais, prestar mais atenção, tentar tirar melhor a mensagem porque a senhora vai entender, né. É assim que eles faziam com a gente, sabe. Então você era forçado a aprender, né (Dona Sônia).

No entanto essa preocupação às vezes chegava às últimas conseqüências, segundo alguns depoentes: *"Agora o Domingos, ele deixou uma lembrança mais profunda porque ele era aquele que forçava mais os partos. (...) E isso era muito ruim, mas era o jeito que ele tinha de trabalhar, era um jeito, eu gostava muito desse jeito."* (Dona Vânia).

Dona Amanda sabe o que isso quer dizer:

O Domingos Barbé incentivava muito a gente, padre Domingos Barbé. Ele nunca perguntava pra você: você pode fazer? Não, ele chegava assim: você tem que fazer. Às vezes a gente falava: mas eu não tenho tempo, mas não dá. Não, mas você tem tempo, você vai arrumar um tempo e vai dar. O tempo é você que vai fazer. Ele chegava e impunha pra fazer. Se ele não te ver na igreja, ele tem uma tarefa, ele pensava assim: ah, essa tarefa é boa pra fulano de tal. Ele ia lá bater na sua porta, fosse oito, nove horas, nove e meia da noite, ele ia. Chegava lá dizia: olha, trouxe aqui pra você fazer. Ele era assim. Então ele dizia assim: as pessoas têm mania de dizer assim, ai, agora não dá pra fazer que minha criança é muito pequena, ih, agora me atrapalha. Isso não existe. Eu não acredito que isso existe. Karen. Porque quando eu

comecei na comunidade eu não tinha filho, eu não tava nem grávida ainda, eu tinha três, quatro meses de casada, meu filho, meu primeiro filho tive depois de dois anos e oito meses de casada, mas eu nunca fiquei presa por causa de um filho pra não cumprir uma tarefa na comunidade, nunca.

Dona Olga chama atenção para o perigo de influenciar os posicionamentos das pessoas sem levar em consideração a vida já estabelecida do sujeito.

Só que em cada profissão as pessoas já ficam... ele tira um pouco da... às vezes não vê até pra aquilo que ele pode prejudicar, você tá entendendo. Naquela profissão, naquela coisa que ele, ele pode até prejudicar a vida do outro, não porque é a vida mas mudar e trazer alguns prejuízos, né. Por exemplo, se eu pego um ser humano, vamos dizer, eu boto meu ideal nele, eu boto meu ideal nele, ele fica assim cem por cento no meu ideal, mas muitas vezes ele pode esquecer da família, tá entendendo, né. Então, foi muito bom, mas teve um sofrimento né, nesse sentido, né. Nessa coisa não é que ele fazia isso por maldade, mas podia levar as pessoas a gostar da coisa e assumir com ele e trazer um certo prejuízo olhando assim, fazendo uma análise assim. Então nessa parte pode ser que ele cometeu algum delito porque numa meta ele quer chegar e não é que se aproveita, você entende, certos ideais que vão junto, só nessa parte ele podia se.

Dona Vânia, especialmente tocada pelas relações de gênero exemplifica o que foi colocado por Dona Olga:

É, por exemplo, a mulher dizia eu não posso ir na reunião hoje, ele (padre Domingos) forçava para que ela fosse na reunião pra ela crescer, tá entendendo. Tem que ir na reunião sim, a senhora precisa ir na reunião. Então ele forçava um pouco as coisas, tá entendendo? Ele enfrentava alguns maridos, por exemplo, dizendo que a mulher tem que

fazer isso. comprava algumas brigas. Enquanto os outros já pegavam mais... leve. E ele era o mais que forçava as coisas, né.

Após a análise crítica, Dona Vânia constata que o posicionamento do padre Domingos obedecia aos ideais em que acreditava. Ele tinha pressa em viver em uma sociedade mais justa. Sabia que o estímulo, a cobrança e a fé na transformação de uma realidade eram elementos indispensáveis nessa luta.

Mas ele era uma pessoa muito, muito difícil de se lidar com ele porque ele era de uma força incrível, de uma fé, de uma vontade de transformar essa sociedade muito rápida por coisas melhores pra tirar aquelas mulheres, daquelas casas pequenas, sujas, aquelas crianças no sofrimento, de dar condições, de dar carinhos pra aquelas mulheres. Não adianta ficar tapadas daquele jeito, elas têm que acordar pra vida. (Dona Vânia).

O migrante, personagem comum no bairro nascente, com empenho tenta construir seu espaço. Lúcia é personagem de uma das tantas histórias de migração existentes no bairro. O relato surgiu naturalmente quando falou sobre a sua chegada no bairro.

Eu cheguei com meus pais, né, a gente é do Estado de Pernambuco e viemos trabalhar, morar aqui em São Paulo. Ai meu irmão era o irmão mais velho, resolveu vir. No começo meu pai disse pra ele: é José, vai embora porque você é jovem, sua vida você vai lá, vai arriscar a sua vida, mas eu já tô velho pra ir pra São Paulo. Ai ele falou assim: olha pai, eu vou se o senhor for, se o senhor não for eu também não vou, porque acho que a vida lá em São Paulo é muito difícil e sem família é... é muito ruim, né. Ai ele mesmo ficou fazendo a cabeça de meu pai: vende isso aqui e vamos embora. Ai meu pai: não, mas eu pego vendo a única coisa que eu tenho, depois não dá certo e a gente volta? Ai meu irmão disse: olha papai, a gente vai, se der certo a gente fica, se não der a gente volta e começa a vida tudo de novo. Ai a gente veio embora. Ai ele, meu pai, já tava mais ou menos bem de idade né, nunca tinha trabalhado

registrado, sempre trabalhou em campo, ajudante de lavoura e nos canaviais... A gente veio embora. Ai vendemos a nossa casinha, né, que era uma casinha de, de... pique, uma casinha num vilarejo chamado lote, um loteamento lá, fazia parte da, da, essa... essa propriedade era dos usineiros mas... a gente morava lá, mas não era assim nosso.

Bosi, E (1987a, p. 17) descreve a situação que passam essas pessoas:

Como pensar em cultura popular num país de migrantes? O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada "código restrito" pelos lingüistas; seu jeito de viver, "carência cultural"; sua religião, credence ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão.

Nos encontros do grupo de evangelização o questionamento dos problemas cotidianos e as relações com o contexto social permitiam a descoberta da condição de migrante:

Depois ainda o padre Domingos passou uma outra idéia, mensagem assim, ele, no caso, vocês, vocês, quem é daqui de São Paulo, levanta a mão. Ai tinha pouca gente do Estado, né. Era tudo mineiro, pernambucano, cearense, cearense não gosta muito de luta, era mais mineiro e pernambucano que gosta mais de ser ativo, né. E... e aí, vocês deixaram a terra de vocês por quê? Ah, deixamos porque vinha pra São Paulo. Vocês têm certeza que foi só por isso? É. Não, vocês analisem se foi só isso. Vocês deixaram ou vocês foram expulsos pela situação? Ai a gente ia refletir, né, porque se, se a gente tivesse condição não tinha saído da nossa terra, não. A gente saiu por uma situação econômica, né,

ter que migrar para outro Estado, assim que nascem as coisas, né. Tá, então vocês foram expulsos do Estado de vocês por uma situação e vocês agora são migrantes aqui. Vocês descobriram que vocês são migrantes? Não. É, vocês são migrantes, estão em outro Estado.

É, e agora o que vocês tem que fazer? Vocês são cristãos. Ai cada um dá a sua idéia, né. Ai cada um pensava e dizia o que tinha que fazer, o que achava mesmo, o certo e o errado, né, o ponto de vista de cada um. E ali se respeitava todo mundo, não, é, foi muito trabalhado, né pra ouvir o outro, não ser agressivo, que é um trabalho mesmo, hoje tá difícil, viu. Ai, mas, trabalhando que a gente muda. Ai o que apareceu? Olhe, veja bem, vocês deixaram a terra de vocês, vocês acham que foram vocês mesmo que decidiram, mas foi uma situação que empurrou vocês aqui. Agora vocês têm que, vocês estão sem a raiz de vocês, vocês já descobriram isso? Olha como é bonito um trabalho desse, né, fala a verdade. Vocês descobriram que vocês saíram de suas raízes? E aí um trabalho também psicológico. Agora vocês estão sem as raízes, vocês têm muitas saudades, agora vocês têm que formar – eu, fico até emocionada - vocês têm que formar uma família aqui. (...) Então, tá, já que vocês estão todos numa mesma situação, fora de suas raízes, com muita saudade, fora de seus..., né, seus entes queridos, vocês agora têm que se juntar e formar uma família aqui. Se amar, se visitar, se respeitar e a coisa, e isso vai acontecer pela Palavra de Deus, né, vocês são irmãos de Cristo (Dona Olga).

Embora relate com dinamismo e entusiasmo como se deu esse trabalho Dona Olga faz questão de dizer que foi um processo longo. Muitas reuniões foram necessárias para levantar aos poucos as questões que levariam à conscientização da situação do migrante e a descoberta de formas de sobreviver.

Bosi, E (1987a, p. 41) escreve sobre a relação entre o enraizamento e a migração: “O enraizamento é um direito humano esquecido. O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas. A liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores, lembranças que dão sentido à vida.”.

A condição do negro brasileiro também foi objeto de discussão. Dona Glória, uma das primeiras negras a estabelecer residência no bairro, atuante em todas as ações firmadas na comunidade, sentiu e sente o peso do preconceito. Os padres auxiliavam a desvelar a realidade. As pessoas acostumadas às injustiças pareciam não enxergar sozinhas as situações em que estavam expostas e por isso paralisavam, sem avançar nas ações. Dona Glória já se conformava com o fato de não ser escolhida pela comunidade para assumir a frente de alguns projetos embora, como já foi dito, demonstrasse envolvimento nas questões comunitárias, até que foi instigada a pensar criticamente sobre a questão.

Eles eram muito, muito, eles não se conformavam com a injustiça. Por exemplo, por exemplo, a gente não ligar quando a pessoa era injustiçada, eles falavam, mas vocês não viram, lutam, lutam pelos direitos de vocês, porque vocês não podem fazer isso, porque vocês não podem fazer aquilo, porque vocês não são escolhidos pra isso, porque vocês não são escolhidos pra aquilo, sabe? (...) Eles perguntavam porque você não foi escolhida, eu falava porque o povo não quis que eu participasse. Você sabe que em qualquer lugar a cor também influi, né (...) A pessoa, a pessoa negra e até em muitos lugares e mesmo até em muito lugar, mesmo até por debaixo do pano, a gente sabe que tá discriminando. Não adianta dizer que não é porque é. Então eles achavam assim que é porque vocês são negro, vocês descobriram isso? Às vezes nem tinha descoberto. Por que vocês fazem, fazem, quando chega na hora vocês não assumem, vocês não aparecem, vocês não ficam em lugar nenhum? Então eles observavam coisas que nós não (Dona Glória).

A Escola da Fé, iniciação bíblico-litúrgica ministrada pelo padre Michel Cüenot, inúmeras vezes foi lembrada pelos entrevistados. Há quem guarde ainda hoje o material mimeografado utilizado. Nesse estudo foi possível, segundo Dona Olga, visualizar a história da humanidade, o percurso do povo para alcançar o objetivo final, a terra prometida.

Inicialmente Sr. Valdir não se animou em participar, mas após ver a esposa bem humorada voltando da primeira reunião com apostila mimeografada, colorida e ilustrada

nas mãos, decidiu acompanhá-la no domingo seguinte. Reconhece que a escola serviu para ampliar seus conhecimentos sobre a igreja e a vida religiosa. Pode perceber que poderia interagir nas celebrações, antes domínio restrito aos padres:

Olha Karen, foi uma coisa tão linda, tão gostosa e eu acho que foi quando eu comecei a aprender alguma coisa, sabe, alguma coisa sobre minha vida cristã, eu comecei a aprender na Escola da Fé. As encenações, o modo dele ensinar, as pessoas. Ele ensinava a gente a participar de uma missa, de uma celebração de missa que a gente não sabia como fazer. (...) Então ele ensinou muito a gente a como ler um salmo, a como fazer uma leitura bíblica, sabe. Então tudo isso a gente aprendeu. Sem contar a... a história dos...é...dos profetas e dos apóstolos, né, o Antigo Testamento e o Novo, a gente aprendeu sabe, muita coisa.

A metodologia empregada pelo padre Michel contribuiu para o sucesso da escola:

Ele pesquisava as coisas mais profundas do Evangelho. E ele transmitia pra você de uma, uma sensibilidade muito grande. E tudo aquilo que ele ensinava na Escola da Fé com gestos, ele ensinava com gestos, falava e fazia o gesto. Você, como dizia ele, você... Ele dizia assim pra gente, que a palavra de Deus tem que mergulhar nela. E você sentia que você mergulhava, sabe, porque você saia cheia da Palavra, cheia do Espírito Santo, você nunca mais esquecia. A Escola da Fé nós fazíamos seis meses da Escola da Fé, mas foi uma coisa que até hoje, que eu nunca esqueço (Dona Amanda).

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos, segundo Dona Olga, consistia em uma organização de pessoas de diferentes localidades, nível de escolaridade e religião, em geral com história de atuação comunitária. O objetivo último do centro era ser um lugar que acolhesse as reivindicações dos mais pobres para agir coletivamente e alcançar melhores resultados – “a voz do pobre”, comenta a depoente. Além disso, o grupo se mobilizava para

visitar delegacias e verificar as denúncias de maus tratos nos locais. Nem mesmo em suas casas os pobres estavam protegidos da ação de policiais desumanos.

Então a gente fazia esse trabalho. ai trabalhava nas delegacias, naquele tempo tinha muita violência aqui no bairro, muita. Mas agora tá na cidade, mas antes matavam muitos jovens, qualquer coisa.... E sempre teve meninos que roubavam, maconha era muito perseguida, hoje a maconha não é tanto. Naquele tempo matava muito filho de pobre, matava, matava muito mesmo. E era um desrespeito muito grande, às vezes por causa de um menino chegavam lá, acordavam todo mundo, derrubavam as portas das famílias, batiam em todo mundo, no filho que fez errado todo mundo ficava marcado, era muito injustiça, muita violência da parte da policia. É, nós faziamos um trabalho de, de denunciar, né, denunciar esses acontecimentos quando acontecia no bairro. Então era um negócio sério. Inclusive veio agente até na minha casa, por eu pertencer aos direitos humanos, né. Sempre perseguia os padres né, colando em mim e querendo saber da vida dos padres. Então era um trabalho assim, era um trabalho, dava muito mais, era um trabalho sério, forte, perigoso, de 24 horas (Dona Olga).

Os esforços na Pastoral Operária não fugiam a essas orientações. A preocupação voltava-se para o mundo do trabalho e o posicionamento do trabalhador enquanto cristão.

Na Pastoral Operária o trabalho era essa mesma coisa, era mostrar pra eles, discutir uma coisa do Evangelho, ler o Evangelho juntos, orar juntos, jejuar, se sentir que é cristão, como cristão, mas ao mesmo tempo mostrar pra eles como operário como eles deviam agir, né. Mostrar pra eles como operários, né, se organizar. Ah, a gente se reunia nas paróquias. Que era uma pastoral da paróquia, da diocese. Então isso ai não tinha dificuldade não. A gente se reunia com as pessoas na própria paróquia, marcava. Além disso, nós tínhamos que ir na casa deles (dos operários), levantar um pouco, caídos assim levantar, animar, vamos lá, a coisa é assim mas dá pra fazer assado, vamos lá (Dona Olga).

Em um desses encontros o grupo teve a idéia de fundar o Partido dos Trabalhadores no município. Dona Olga sugeriu que a mobilização ocorresse por meio de “mosquitinho” – minúsculos bilhetes usados na época nas fábricas para troca de informações sucintas como por exemplo dia e horário da mobilização. Os “mosquitinhos” eram passados de mão em mão durante o período de trabalho entre uma tosse e outra. A idéia era fazer a divulgação nas estações de trem, pontos de ônibus, fábricas e bairros. Na primeira reunião para organização do partido cerca de 20 pessoas compareceram. Domingos se interessou de imediato e esboçou um desenho que expressou a proposta. Criou no papel um operário em pé com as mãos em um volante que segundo Dona Olga queria transmitir “*pés firmes, idéias claras e mãos na direção*” (Anexo C).

O Clube de mães reunia mulheres para a elaboração de trabalhos manuais como o bordado, costura, pintura de tecidos. Bosi, E. (1985, p. 73) escreve: “Na preparação para a militância o trabalho manual – mais que o exercício físico – é um treinamento privilegiado. Pois a ginástica não tem outra finalidade que fortificar o corpo enquanto que o trabalho produz bens”.

As atividades eram desempenhadas de acordo com as possibilidades de cada integrante, ninguém ficava sem afazeres. O material empregado era comprado por elas e as técnicas utilizadas compartilhadas entre as companheiras.

E isso era muito gostoso porque cada um fazia aquilo que dava pra fazer. E como eu sabia sempre crochê, ensinava, ensinava crochê também. Ensinava crochê, ensinava tricô, né. E tinha umas senhorzinhas que não sabiam nada coitadinhas, mais velhinhas do que eu, elas cortavam aquelas espumas pra encher as almofadas e nós vendíamos aquelas almofadas (Dona Margarida).

A saída dos padres, as mudanças de famílias em busca de melhores oportunidades de trabalho e a debilidade da saúde de muitas integrantes são as causas apontadas por ela para o término do trabalho. Chora ao lembrar o fim do grupo: “(...) porque minha raiz tava ali no clube de mães, meu trabalho, né.”. Lendo o que Weil (1996, p. 411) escreve

sobre o enraizamento pode-se ter a real dimensão do que essa perda significou para Dona Margarida:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

O clube de mães se mostrava também como local privilegiado para o encontro e discussão de acontecimentos cotidianos. Certa vez, a morte de uma criança por atropelamento causou indignação e mobilização do grupo. Mulheres percorreram as ruas do bairro para fazer levantamento de crianças menores de seis anos e comprovar a demanda para construção de creche. Com os dados em mãos agendaram entrevista com o prefeito. Após alguns momentos de negociações a creche foi erguida, não só atendendo as crianças do bairro, como também empregando algumas de suas mães, entre elas Dona Olga.

O sucesso alcançado motivou a solicitação organizada de um centro de vivência. Todos os serviços públicos prestados eram rigorosamente observados pelas mulheres e a qualquer sinal de irregularidade, novas mobilizações eram feitas.

A luta para a construção do posto de saúde do bairro foi mais extensa, durou cerca de quinze anos. Durante esse período improvisava-se locais para atendimento aos moradores com poucos recursos. Ao ser erguido, o problema não ficou solucionado, deu início a uma disputa política quanto à nomeação dos responsáveis pelo feito. Dona Dulce lamenta:

Mas aconteceu quando nós conseguimos esse posto aí, daí chegou um monte de político no bairro. Político é um negócio sério, né (ri). Daí veio também o prefeito dizer que ele quem fez. Quer dizer, é lógico que é também, né, tem suor de cada um né, mas pra você vê como é um trabalho de um bairro, todo mundo tem que lutar pra acontecer um dia, não é verdade?

Um grupo de mulheres, curiosamente chamado de *Equipe dos doentes*, apoiado pelos religiosos, especialmente pelo Frei Manu, amparava os enfermos da comunidade.

Quer dizer, a gente começou a criar uma comunidade de verdade que a gente não conhecia, sabe. E eles sempre orientando a gente. Eles iam às vezes fazer visita e orientavam a gente, olha vocês têm que fazer isso, vocês têm que fazer aquilo. Então, aí eu fui saber o que era uma comunidade, uma coisa que começava de base. Você vai lá na favela, você ajuda, vai lá num lugar onde o doente está, você vai lá, a pessoa tá muito doente, nós íamos lá, juntava um grupo de mulheres lavavam roupa, lavavam cozinha, lavavam louça, lavavam tudo, sabe (Dona Glória).

A organização do grupo aconteceu a partir das dificuldades que apareciam. As pessoas mais sensíveis à problemática agruparam-se para criar estratégias de enfrentamento da situação. Os meios ainda não estavam claros, muito menos a sistematização das tarefas, a única certeza que se tinha era a ajuda ao próximo.

Às vezes visitava uma pessoa, tinha uma mulher que eu cuidava muito dela, ia muito na casa dela visitar. Ela morava perto do ponto de ônibus. Mas na casa dela não tinha banheiro, não tinha nada, não tinha lugar de tomar banho, não tinha nada. Então ia na casa dela, você não, você não podia fazer nada por ela, porque ela tava com câncer, parece que no útero. E a gente ia visitar ela, tinha uma sujeira e você não sabia o que ia fazer. Eu só falava ó meu Deus, o que eu vou fazer, não posso fazer nada, não tinha muito o que fazer (Dona Glória).

Como se vê, as tarefas não eram escolhidas, nas visitas aos doentes fazia-se o que era necessário sem escolhas ou indisposições. Também sobrava tempo para dar atenção ao que o enfermo queria falar. Dona Sônia compara o trabalho desempenhado com um trabalho convencional:

É porque você sabe, tudo que você faz tem um objetivo, não tem? Você tá trabalhando, seu objetivo é fazer seu trabalho bonitinho, que tudo seja de acordo com seu chefe, não é assim? Então a mesma coisa somos nós. Nós trabalhamos de acordo pra agradar a Deus no que a gente tá fazendo, ser útil né. Porque se não, não leva nada, né.

A ação não se limitava aos cuidados pessoais do enfermo e a arrecadação de alimentos e doação de *sacolas*, como são chamadas as cestas básicas, alcançava outras instâncias, as autoridades locais por exemplo, como bem salientou Dona Glória:

Então eu fui, tinha uma intuição, fui em Osasco, fui na Promoção Social, falei com o promotor social: tem uma mulher assim, assim. Ah coitada, você não pode levá-la pra sua casa? Eu falei: levar pra minha casa como? Eu tenho cinco filhos, meus filhos pequenos, eu também não tenho água, como que eu vou cuidar dela na minha casa? Não, dá um jeito naquela mulher, porque a mulher vai morrer à mingua, falei pra ele. Ai passou seis dias chegou, chegou com a ambulância na minha casa. Aonde mora a mulher? Falei: mora em tal lugar. Você vai com a gente? Falei: vou. Fui lá, mostrei pra eles, levaram e internaram a mulher. Falei graças a Deus. Ai quando chegou de noite na reunião eu disse, olha gente, eu fiz isso, isso e isso.

6. Problematização da questão de gênero

O incentivo à participação na comunidade despertou o interesse de homens e mulheres. A colaboração dessas últimas repercutiu nos relacionamentos sociais, especialmente nas relações de gênero.

O acréscimo das responsabilidades não deixou que os cuidados de mãe fossem esquecidos. Dona Sônia foi alertada sobre o assunto:

Meu filho foi jogar uma bolinha e deu mau jeito no pé e era um dia de domingo. Eu precisava ir com ele pro pronto-socorro, né. Mas como eu queria ir à missa... a vizinha aqui que era enfermeira, Dona Sônia deixa que eu levo o seu filho, vá pra igreja. Eu fui pra igreja, não fui com o menino pro pronto-socorro. Ai chegando lá ele (Frei Manu) punha, como o povo era pouco, ele punha a gente em volta do altar assim. Fazia pergunta diretamente pra você. Ai eu não sei o que ele perguntou lá como foi. Ai eu contei pra ele, eu falei pra ele essa história. Ele falou assim, a senhora não foi com o menino pro hospital, pro pronto-socorro? Eu falei não, não fui. Ele, com quem foi? Foi com minha vizinha, Dona Conceição. Ele falou, pois é, deixa falar uma coisa pra senhora, com bastante certeza, onde que a sua cabeça está? Eu estou no pronto-socorro. A senhora está vendo, a senhora precisa estar lá no pronto-socorro. Se a senhora estivesse no pronto-socorro, a sua cabeça estaria aqui na igreja, a sua missa era válida. Como a senhora está na igreja, sua cabeça no pronto-socorro, essa missa não é válida, pode ir embora. Porque a sua obrigação como mãe era estar com seu filho lá no pronto-socorro. Não deixar que a vizinha fosse. A vizinha vai ganhar a missa, a senhora vai perder. Então uma coisa ficou assim, sabe, como uma coisa que você tem que pensar o que você vai fazer. Não é porque eu tenho que ir à igreja que eu vou deixar sem ter quem olhe, ter quem olhe, mas a obrigação de mãe é minha, sabe. Foi uma passagem dele que eu nunca me esqueci.

Os filhos não impediam a freqüência às reuniões. Dona Amanda, Dona Augusta entre outras, carregavam as crianças para onde iam:

Quando os dois, a minha filha e meu filho eram pequenos, eu carregava um, meu marido carregava outro, mas nós íamos, nós dois, nós íamos, um pegava um, outro pegava outro, nós levávamos no colo. Quando eu tava grávida eu ia na catequese, pela segunda vez que eu parei de coordenar, eu tava grávida do segundo filho, ia dar catecismo com aquela barriga enorme, eu levava meus filhos pequenos, eles iam comigo. Então nada impediu, nada (Dona Amanda).

Dona Sônia pode contar com o apoio do marido e filhos em seus projetos na comunidade.

O trabalho, a pastoral que eu trabalho, você tem que trabalhar duro, não é fácil não levar pra frente, né. Eu tinha até filho pequeno, né. Meu marido nunca se incomodou, posso até hoje sair, ir e voltar sem problemas. Com ele nunca tive problemas, com os filhos também não. Mas a minha obrigação de mãe muitas vezes ficava a desejar porque Karen, ficava até dia inteirinho fora de casa. (...) É muito difícil pra mim, não tenho mais idade. Mas era muito difícil isso aí pra mim.

A situação nem sempre foi assim. Muitos maridos não aceitavam a participação das mulheres em atividades que não fossem ligadas à manutenção da casa e à criação dos filhos. Dona Augusta sofre até hoje com o descontentamento do marido: “E o meu marido ele fala: eu não sei o que você tanto faz nessa igreja! E ... daqui uns dias você vai morar na igreja.”. Faz questão de esclarecer que ao se ausentar de casa para os afazeres da Pastoral da Saúde e grupo de cânticos não está passeando, mas ajudando o próximo.

Dona Amanda menciona que após cada reunião à noite os participantes se dirigiam às casas de cada um para despedida por sugestão dos padres. Estratégia pensada para ampliar a confiança dos maridos na seriedade dos trabalhos em desenvolvimento.

Para garantir a continuidade do trabalho comunitário e amenizar as reclamações insistentes Dona Augusta encontrava horários alternativos, à noite por exemplo, para manter em dia os serviços intermináveis de casa.

Todavia, em várias ocasiões, essas mulheres afirmam que participam para “sair de casa”. Se nos lembrarmos de que entre as desvantagens de ser mulher estava a restrição da vida ao espaço doméstico, os movimentos sociais como ‘sair de casa’ oferecem uma solução legítima para a dificuldade: “para ajudar a família” (vantagem) e “sair de casa” se combinam numa nova dimensão de práticas que reformulam o próprio espaço doméstico, pois a maioria dessas mulheres, para poder participar dos movimentos sociais, desenvolveu táticas de serviço doméstico que permitem realizar as tarefas da casa e o cuidado dos filhos num tempo bem menor do que o costumeiro e que alteram a relação que mantinham

com a domesticidade que, anteriormente, as ocupava e absorvia durante todo o dia. (CHAUI, 1987, p.147)

Isso não impossibilitou as inúmeras tentativas de divisão do trabalho doméstico com o marido. Os padres já não estão mais nos arredores e as discussões ainda não cessaram. Para Bosi, E. (1985, p. 76): "O primeiro passo para a transformação deve começar nas raízes. Um militante radical lava o prato onde comeu e o copo onde bebeu abolindo ao menos ritualmente em sua vida a divisão de trabalho."

O trabalho doméstico realizado principalmente pelas mulheres é uma reclamação de Dona Glória. O trabalho que despende tempo é invisível aos olhos de quem não realiza ou não o reconhece. A sua importância só é percebida quando prejudica o andamento do dia ao não ser cumprido.

Você sabe, a casa toma muito tempo da gente. Só que você não vê o trabalho que você faz, é a mesma coisa todo dia, a mesma coisa todo dia. É lavar copo, é lavar prato, é lavar copo, é lavar prato, você lava depois quando chega tá tudo, e eu falo e eu xingo, aí, ninguém me ajuda, não sei o quê. Mas é assim, aquela rotina, né.

Os finais de semana não são destinados ao descanso para essas mulheres, utilizam o tempo para por em ordem o trabalho acumulado durante a semana – "No sábado eu dou uma limpeza mais na casa, é o único dia que eu, eu acostumei até né, fico na semana enrolando, né e aí no sábado a gente procura limpar melhor, dar uma faxina geral." (Lúcia).

Mesmo com esse cuidado Lúcia não deixa que isso se torne uma preocupação principal no seu cotidiano. O envolvimento nas questões da comunidade ensinou que coisas mais importantes são merecedoras de atenção:

Ah, é meio difícil mas a gente dá um jeito, a gente faz, né. Porque também eu sou uma pessoa que não sou muito preocupada assim com, assim com a casa, não sou muito preocupada com a casa porque tem mulher assim que fala assim, ó, tem uma loucinha na pia, mas você

precisa ir ali fazer qualquer coisa pra ajudar alguém, ah não, primeiro eu tenho que limpar minha casa, tenho que fazer tudo. Daí não dá, ou cuida, ou ajuda a comunidade ou cuida da casa, porque os dois não dá. Porque existem essas mulheres donas de casa, porque elas não deixam a casa delas por nada. Eu já não sou muito dona de casa, eu gosto mais de trabalhar fora, a casa a gente deixa pra depois, entendeu.

A participação dos padres na comunidade produziu efeitos inesperados, imprevistos que a organização bem estruturada da equipe missionária não imaginava. A beleza européia dos padres e a preocupação com a condição feminina provocaram encantamento nas mulheres: *"Era o mais bonito. Era o mais afetivo, nossa, era de uma sensibilidade assim, profunda, muitas mulheres estavam apaixonadas pelo Pedro Vautier, eu era uma delas (risos). Ele era muito lindo, muito, e a luta dele muito grande, né."* (Dona Vânia).

Pequenos gestos foram interpretados como sinais de um amor pelas mulheres desacostumadas às gentilezas, aos olhares atentos nos assuntos do dia-a-dia, à companhia nas horas difíceis como na organização da casa, cuidado com os filhos, e agradáveis, como na refeição.

E a mulher brasileira ela é muito carente, não importa a sua classe social. Eu já vi que toda mulher brasileira é carente. Porque ela tem dinheiro, mas ela é uma carente. E... a mulher da comunidade, dentro de uma carência profunda, chegam esses padres estrangeiros, sem conhecer a história da mulher brasileira, sem conhecer o machismo dos homens. Então começa a acarinhar a mulher, conversar com ela, a senhora tá descalça, melhor a senhora por um sapato, está chovendo, cobre você. Ai começou, mulher apaixonada pelos padres... (risos). Não, eu tô apaixonada, era só mulher chorando... (risos). Então trabalhar tudo isso pra nós foi muito difícil, mas trabalhamos. Não quero mais meu marido, ele é violento. Não, você tem que querer senão não vamos poder continuar o trabalho... (risos). (...) Menina, foi uma confusão, pra gente ter clareza de tudo isso (risos). Ai nós fomos trabalhando, foram se encaixando, mas até encaixar, teve muito problema (Dona Vânia).

Os padres enfrentaram a situação tentando mostrar que na verdade elas estavam apaixonadas pelas possibilidades que foram apresentadas, não por quem as apresentou. Dona Vânia cita o caso de Domingos:

Ah minha filha, tem muita coisa linda pra lembrar dele porque... a luta, a humildade, é... a perseverança dele. era uma pessoa que tinha uma fé, fé muito profunda, profunda, ele tinha uma fé. Ele não tinha medo de, Maria, Maria não que tem muita Maria na comunidade, mas Joana falava que tava gostando dele mas não como padre, sim como homem, ele abria isso para as pessoas que ele confiava, ele não fugia daquela pessoa. Ele tentava mostrar pra aquela pessoa, ele era aquela pessoa que mostrava que ele era padre, que ela tava apaixonada por ele porque ela era uma pessoa carente, porque ele chegou encostou a mão nela, porque ele mostrou pra ela que ela podia ter a vida dela. Não era a paixão por ele, que ela tinha que enxergar isso. Não era aquela coisa que as pessoas falam fulano tá apaixonada por você, padre Domingos, e ele: ah, Deus me livre, eu nem vou lá mais. Não, ele enfrentava aquilo, trabalhava aquilo, entendeu. Na casa dela ele passava, a única coisa que ele tinha era um pouco mais de cuidado. Então já não ia sozinho, ele que convidava, oi Karen, vamos lá na casa da Dona Joana.

Interessante notar, como bem observou Dona Vânia, que nenhuma mulher se apaixonou por Frei Manu. Como brasileiro, sabia do cuidado com as palavras e os gestos na aproximação das famílias. Tanto é verdade que é considerado por muitos como o mais reservado dos padres e o que menos freqüentava a casas das pessoas.

A participação ativa das mulheres na comunidade conduziu ao questionamento sobre a sexualidade do casal e a relação de dominação no casamento. Fato que desestabilizou muitas uniões e desencadeou em violência física contra as mulheres – “Por isso houve muitas separações de casais. Aconteceu muita separação, muita separação, nossa. Tinha muita mulher levando porrada, eu levei muita. Levaram porrada de seus esposos por conta disso.” (Dona Vânia).

Nesse espírito de buscar informações a própria comunidade aprendeu a importância de procurar meios de obter maiores conhecimentos a partir da demanda expressa na

comunidade. Dona Vânia relata que as mulheres se organizaram para promover palestras de médicos e sexólogas sobre a saúde da mulher, sexualidade e saneamento básico.

Então isso foi uma guerra pros homens. Meu Jesus! (...) Tivemos que enfrentar muita coisa porque os homens não aceitavam isso, né. A felicidade delas, mulheres que nunca tinham tido prazer sexual, prazer no sexo, vinham contar pra gente, aí gente do céu, e nas reuniões do grupo de mães elas iam felizes falando que elas sentiram, como era bom. Então você falava gente, que coisa mais linda. Isso era vida, entendeu, a vida entrando nas pessoas, era muito bonito (Dona Vânia).

Talvez os padres não tivessem a dimensão das conseqüências de suas intervenções e por isso mediavam as discussões e socorriam as mulheres na volta para casa depois das reuniões comunitárias.

E depois também era uma coisa porque assim, quando nós chegávamos numa reunião de evangelização, na casa de uma senhora e nós começávamos a mexer no formigueiro dentro dessa senhora, é, inclusive sobre a autonomia dela, dizendo pra ela que ela tinha autonomia, que ela podia falar não para o marido, por que não? Que ela pode falar sim a hora que quisesse, que ela podia sair pra freqüentar a comunidade, por que não? Ele não era dono dela. Imagina que a gente enfrentava aquele homem. Era problema muito sério, pessoas que, senhores que faziam denúncia da gente em delegacia, eram muitos, eram muitos problemas, entendeu (Dona Vânia).

As conquistas alcançadas com sofrimento, apoiadas na experiência de comunidade, não são motivos de arrependimentos. Mesmo assim, questiona-se a influência dos padres na vida dos cônjuges e o lugar de certa forma confortável no conflito. Ainda que na medida do possível, atendessem aos chamados à noite para socorrer as mulheres das agressões físicas dos maridos inconformados com o posicionamento crítico no relacionamento, não podiam estar em todas as casas e em todas as discussões. Mas a luta foi empenhada pelas mulheres,

que uma vez tocadas pela questão de gênero não tinham outra alternativa a não ser enfrentar a insatisfação.

A gente quando saía das reuniões do núcleo, nós iamos apanhar dos maridos em casa, eles (os padres operários) iam dormir, rezar e dormir (risos). Então tinha isso também, né, então éramos uma família diferente, né. Porque eles iam pra casa deles, nós iamos apanhar porque não que nós fossemos masoquistas, nós queríamos nascer, esse parto tinha que sair. Então sentia dor, não é porque eu apanhei que amanhã não vou voltar pra reunião, não. Opa, eu vou pra reunião, e hoje faz vinte anos que eu não apanho mais. Então eu só tenho vida, então vale a pena, né. Hoje eu tenho a minha vida, posso passar a minha experiência pra outras mulheres dizendo cuidado, se você não agüentar não faça, entendeu. Mas se você agüentar diga não pro seu marido, entendeu. Busque prazer com o seu marido, não seja esse hã, tudo bem. É bom sentir prazer com o seu marido. Então é isso daí, pra mim valeu a pena, entendeu. Espero que pras outras pessoas tenha valido a pena (Dona Vânia).

O movimento das mulheres rebatia o papel social destinado a elas. O processo sofrido para alcançar a independência fez surgir novo posicionamento diante dos acontecimentos:

As pessoas querem explorar um pouco. A comunidade de base ela abre os olhos dos cegos, dá muleta aos aleijados, dá consciência entendeu, e isso não é muito bom, né. O pessoal quer muito mais as pessoas alienadas, aquelas senhoras que são submissas aos maridos, é, molham a barriga no tanque, secam no ferro. Molham na pia, secam no fogão, né. É, pra sociedade isso aí tá ótimo. E as comunidades de base, nas comunidades de base, essa mulher vai desabrochando, né, eu fui desabrochando. Então é um botão que tá lá fechado e depois você vai se abrindo, cada pétala você vai abrindo, vai abrindo, aí você tá aberta pra vida. Aí você pode dizer um não, um sim consciente (Dona Vânia).

O enfrentamento do conflito tomou outras proporções e questionou a sexualidade vivenciada nos moldes da dominação do homem sobre a mulher:

E na comunidade de base a gente foi aprendendo e fui descobrindo que eu sou dona do meu corpo. Eu digo sim a hora que eu quero e digo não a hora que eu quero. E isso foi uma coisa ruim pra sociedade, imagina os maridos machistas, a mulher dizer não (Dona Vânia).

Foi preciso firmeza na decisão de continuar lutando por sua afirmação a despeito das agressões físicas, verbais e morais dos maridos desesperados com a transformação da relação. Estava em xeque o novo posicionamento de cada um:

Quando, a primeira vez que eu falei pro meu marido que ele disse assim, é, vamos transar, eu disse não, hoje não, eu não quero hoje, eu apanhei muito, levei muito murro, muito soco, é, palavrões, que tava transando com os padres, tudo isso. Mas o importante é você ter segurança do que você tá fazendo. Eu tava segura que eu tava dizendo não, era não mesmo. Descobri o meu corpo, aprendi a me amar, a me gostar. Então as coisas ficaram muito mais difíceis na minha casa, as brigas aumentaram, né. Porque eu tava ficando consciente das coisas e isso não é legal, mas aí depois eu fui superando porque você mesmo vai tentando buscar bagagem pra ir encaixando (Dona Vânia).

As conquistas e os sofrimentos de cada mulher eram compartilhados nos encontros do clube de mães, nas reuniões de evangelização, nas visitas informais. Os relatos serviam de incentivo para o questionamento dos relacionamentos e a insistência na mudança. A organização entre elas não se limitava a um espaço ou grupo reservado para esse tema, acontecia concomitantemente às atividades rotineiras da comunidade. As lideranças surgiam naturalmente entre elas, sem que para isso houvesse escolha.

Nós tínhamos que encontrar jeitos, meios de mostrar pra esse Seu Antônio que a esposa não era escrava dele não. Não era pra ele fazer

nada que ela não queria. Ela que era dona, dona do corpo dela. E assim a gente ia enfrentar esse homem. Foi barra pesada (Dona Vânia).

O questionamento das relações de gênero não significava que os padres direcionavam para o fim das uniões. Dona Amanda prova que havia um investimento na melhoria do relacionamento.

Domingos também conversava muito com a gente, a visão do mundo. Inclusive Domingos antes de morrer, uma semana antes de morrer ele passou na rua de casa e jantou conosco. Dai ele falou pra mim: tudo bem? Ai eu: ai Domingos eu não tô muito bem, até eu ia na psicóloga. Ele falou assim: você não precisa de psicóloga, você é uma psicóloga. Ai eu falei: por que? Ai ele falou assim: porque o Valdir salvou em você, porque Amanda, quando eu conheci vocês, dois jovens, o que eu mais tinha medo era do casamento de vocês e você salvou o Valdir. Você não precisa de psicóloga, você é uma psicóloga, Jesus já te fez uma psicóloga. Ai eu comecei a rir, eu não falei nada.

O convívio com a comunidade levou também à mudança na criação dos filhos. Como filha mais velha de uma família grande, Dona Augusta se viu obrigada a ajudar o pai na lavoura de feijão e arroz no interior de Minas Gerais. O casamento, a chegada dos filhos e a mudança para São Paulo conduziram ao conflito entre “criação da roça” e a “criação da cidade”:

Então era diferente criação da roça com a criação da cidade. Então você chega na cidade... você vê que é diferente... Então você vê que não tem condição, não tem nada direito assim, você sente vergonha das pessoas vir na sua casa e vê que você não tem nada. Mas depois, depois que eu comecei a participar da igreja, reunir e, nossa, ai eu mudei, ai eu fiquei totalmente diferente até na criação dos filhos. Eu era ignorante, eu era brava... (...) Eu era muito rígida, eu era muito nervosa, sabe. E deixava serviço pra fazer, se não fizesse apanhava. Eu era desse tipo. Então, se a gente, se eu ficasse dentro de minha casa, como algumas mulheres ficam

ai, só fazendo comida pro marido, olhando os filhos, não participando de nada, talvez essa vida minha ia continuar até hoje... Mas graças a Deus não, que eu comecei a participar, comecei a evoluir, comecei a ver que a vida não era assim... E, e hoje a minha filha às vezes é... com meu neto eu sou até mole demais. Minha filha diz assim, mas a senhora bateu em nós. Eu falo, porque era ignorante, eu não tinha experiência, hoje eu aprendi a viver.

7. Convívio familiar

As visitas domiciliares permitiram a participação dos padres nos acontecimentos cotidianos. As poucas palavras e alguns gestos eram suficientes para indicar que algo não ia bem.

Domingos era uma pessoa que se ele chegasse em casa ele visse você, conversava com você e sabia que você tava tendo algum problema, você não precisava falar nada. Parece que ele sabia ler seus pensamentos. E ele era uma pessoa muito culta e muito sábia. Não adiantava você dizer eu não tenho nada, não aconteceu nada, não adiantava. Do Domingos você não conseguia esconder nada, nada, não adiantava dizer que não tinha nada que ele, se você tá com problema ele sabia que você tava com problema. Ele dizia: não, vou te ajudar, vou procurar te ajudar, o que tá acontecendo? O que é Valdir? Se ele cismasse que tava acontecendo ele ia embora mas passava uma hora, uma hora e meia ele aparecia com qualquer coisa pra você fazer, qualquer tarefa pra ainda ver se você continuava daquele jeito. Enquanto você não falasse o que tinha ele não te deixava em paz. Uma vez ele foi em casa era umas oito e meia da noite, chovendo que estava, ele chegou no meio da chuva. Dai eu, meu marido falou: oi, tudo bem? Tudo bem. Dai ele falou: não, Amanda, tô muito preocupado com você. Valdir não tá trabalhando e eu tô preocupado com vocês dois. Ai meu marido falou: não, isso vai passar.

Não Valdir, eu estava na missa ontem e eu achei que precisava falar com você, hoje eu passei pra te visitar. Dai meu marido começou a falar, né, pôxa, já fui em tal lugar, tal lugar, estou em desespero mesmo, não arrumo. Não Valdir, você vai arrumar. E foi embora, que ele viu que meu marido tava meio nervoso ainda. Quando foi umas nove e meia da noite, batida de palma, quando fui ver, era Domingos: Valdir, vim trazer isso aqui pra fazer, isso aqui e amanhã vai lá em casa pra gente preparar junto, você vai ler, vai preparando, adiantando. Por que? Pra tá sempre perto, pra ver se a pessoa tava mais calma, se a pessoa tava diferente. Ele era assim, era uma pessoa muito... (Dona Amanda).

As visitas dos padres não tinham hora, eram imprevisíveis. No início Dona Glória estranhou ao se ver obrigada a partilhar suas condições difíceis de vida com pessoas que se interessavam em conhecê-las:

Às vezes estava assim de noite, nós não tínhamos costume dos padres ver aquela bagunça, meus filhos tudo pequeno, a gente não tinha água, pegava água, é... colocava numa bacia, tava dando banho em todo mundo, tava fazendo jantar, eles chegavam, eu ficava até... sabe quando você fica que você não sabe nem falar? Não, pode ficar calma, pode ficar calma, ficar calma. Ai fui acostumando com eles. Estava assim de noite, trabalhava de dia, eles estavam de noite e queriam saber tudo da vida da gente, queriam saber como a gente vivia, como a gente fazia pra viver, quantos filhos, quanto ganhava, sabe. Era uma família, era como uma família. Queriam saber de tudo, se a gente sabia ler, porque que não sabia, que veio da roça e porque, porque não sabia ler, e porque você não sabia, não aprendeu a ler, não ia pra escola. O pessoal da cidade ia dar aula na igreja (Dona Glória).

Dona Amanda passou por semelhante constrangimento no nascimento de seu primeiro filho:

Ah, eu lembro muita coisa. Por exemplo, quando o meu filho, é o meu primeiro filho, quando tinha três dias, que eu cheguei do hospital, ele (Barbé) foi na minha casa me visitar. Ele chegou em casa, meu filho estava chorando no berço, minha mãe tava fazendo chá pra dar pro neném. Ele falou assim: dá o chá que eu vou dar pro bebê. Pegou o bebê no colo e deu o chá na chuquinha pro bebê. Dai eu falei assim: ai Domingos! Sentou na beira da minha cama, fiquei até com vergonha, né. Ai Domingos, deixa, a mãe dá. Ele falou: não, tenho treze irmãos e eu sou o mais velho, sei fazer isso. E eu sei que não era nada disso, só pra eu não ficar com vergonha, não ficar chateada. (...) Às vezes eu chegava em casa, meu filho estava chorando, tinha as coisas caídas ali no chão, às vezes uma fagulinha de pão, alguma coisa. Ele pegava a vassoura, varria tudo e juntava e punha as coisas no lixo: ai, já varri (rimos).

Com o tempo as visitas freqüentes proporcionaram o prazer em receber. A vergonha da situação de vida foi deixada de lado.

O Domingos ele vinha aqui na minha casa direto fazer visita, sabe. Ele era uma pessoa pra mim é, é, não era, porque com padre a gente tem aquele, sabe, eu acho que não é isso é, o padre tinha que tomar a benção, né. E aqui não, convivi, aprendi a conviver e, e o padre Domingos era uma pessoa de chegar aqui e ir pra cozinha, às vezes bater um papo, beber um cafezinho, sabe. Era um padre que pra mim era uma pessoa... um pai, o padre Domingos um pai. Ele ensinou muito a gente a como viver sabe. Era uma pessoa que assim, a casa era, hoje mais ou menos, muito mal acabada, não tinha nada direito. Se você chegasse pra vir na minha casa, eu não te receberia, eu tinha vergonha da minha casa que era muito bagunçada, sabe. Então era assim, assim minha vida, né (Dona Augusta).

Como já citado a convivência permitia as visitas demoradas, a conversa amiga e a partilha de refeição. Lúcia expressa sua preocupação em preparar uma “comida de padre”, alimento digno de ser apreciado por ele.

Não, do Domingos tem mais, tem mais convivência assim, né porque ele descia aqui pra vir na casa da minha irmã, né. Então ele nos visitava, né. Ai foi quando eu me casei, passei a morar aqui no quintal aqui, então quando Domingos vinha aqui, aqui é assim, um vem, aí a gente fica sabendo, né, então ele vinha aqui na casa de minha irmã, inclusive ela morava aqui embaixo, então ele passava ai, né. Ele brincava, né: o almoço tá pronto? Ai eu dizia assim: não, eu não faço comida pra padre (risos), eu não sei cozinhar pra padre! Padre só come coisa boa! Ai ele: imagina, eu como arroz e feijão igual aos outros. Ai tinha vezes assim que minha irmã saía pra reunião, dizia assim, eu vou sair com o Domingos mas quando a gente voltar aqui a gente vai voltar pra almoçar. Eu falei assim: não, aqui não, eu não quero padre comendo aqui não (risos). Ela dizia assim: olha, Lúcia tá dizendo que não quer padre comendo aqui porque diz que padre só come coisa boa e ela não sabe fazer coisa boa. Ele dizia: não, como feijão, arroz, eu como qualquer coisa. Eu dizia: não, eu não confio não (risos). Já fiz até almoço pra ele já, mas eu fazia né. Ai ela (a irmã) falava assim: ô, você faz sempre verdura, ele como é lá da França, ele não liga muito pra carne, essas coisas, verdura cozida ou salada, nossa, ele gosta muito de verdura.

Em meio ao constrangimento de Lúcia em servir o almoço para o padre estrangeiro, pertencente a outra classe social, a irmã a socorre esclarecendo desde já que o alimento caro e raro nas mesas dessas pessoas, a carne, não é tão apreciada pelo estrangeiro. A solução encontrada de certa forma tranqüilizou Lúcia, embora não seja completamente verdade.

Dona Amanda conta que em um certo domingo preparava um prato especial para receber os parentes, lombo de porco. Barbé apareceu em sua casa como de costume e recusou a refeição, aceitou uma banana alegando estar sendo esperado por Manu para o almoço. As refeições na casa dos padres eram reservadas a conversas sobre os trabalhos nas

fábricas e na comunidade. Momentos valorizados principalmente pelo frei que se aborrecia com atrasos. Na segunda-feira de manhã Domingos bateu à sua porta com palmas fortes, sua característica. Desculpou-se por importuna-la e foi logo avisando que faria um pedido, mas não se chatearia se fosse recusado: pediu as sobras do almoço do dia anterior. Por sorte, sobrou quantidade suficiente para satisfazer a vontade do padre. O desejo de desfrutar a iguaria foi mais forte do que as determinações de recusar o que a maioria não podia adquirir. Também as frutas expostas nas casas dos amigos despertavam o apetite dos padres que não compravam alimento tão nobre nas situações em que viviam:

Não menina, outra coisa que eu lembro, quando teve jogo da seleção brasileira o Gil, não sei se jogou contra o Canadá, o Manfredo, ou a França. Eu sei que naquela época nós tínhamos um televisor branco e preto. Iam assistir televisão lá em casa pra ver o jogo, sabe. Então é assim uma coisa tão, né, interessante. Dai chegou em casa tinha uma fruteira cheia de fruta, né. Ai, posso pegar uma fruta? Pode. Pegaram uma fruta cada um, ficaram comendo e assistindo jogo. Você vê, são coisas que, sabe? (Dona Amanda).

Sr. Valdir fala do desaparecimento de uma prática que marcou os moradores da comunidade, a visita espontânea de padres e moradores:

Hoje em dia você vê, na comunidade nossa não há mais visita aqui em casa, né. Olha, há muito tempo que eu não vejo um padre vir aqui em casa, né. E naquela época os padres não saiam de casa, não passavam uma semana sem eles virem em casa. As pessoas da comunidade sempre tinham um, tinha outro vindo em casa: Valdir, onde vai ser a reunião; ó, vamos dar uma ensaiadinha na reunião? Valdir, vamos fazer uma reunião pra isso. Valdir vamos preparar a novena de Natal? Valdir vamos preparar a via sacra, né. Sempre eles vinham em casa. E quando não vinham a gente marcava encontro sabe, a gente fazia almoço junto, sabe, a gente fazia piquenique junto, né. Estava sempre junto um com o outro. Nós éramos uma só família, era todo mundo, né, todo mundo comia na mesma mesa, sabe. Todo mundo repartia o pão entre si. Hoje

em dia a gente não vê mais isso na comunidade, é individualismo, né, as pessoas estão muito individuais, muito egoístas, né Karen. É, tem pessoa que se acha melhor que os outros. Então porque eu vou comer arroz, feijão e farinha se eu posso comer um caviar na minha casa? Porque que eu vou lá na comunidade comer uma macarronada com frango se eu posso aqui na minha casa comer churrasco e tomar cerveja com meus amigos, entendeu. Então tem tudo isso.

CAPÍTULO IV

LEGADO DA COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE

1. A comunidade hoje: tentativas de apagar as marcas do passado

De fato, a igreja católica vive momento de abandono dos ideais eclesiais de base predominantes na década de 60. Os motivos são descritos por Dona Olga, segundo sua visão de militante cristã que não consegue ocultar:

A igreja católica deu uma recuada nesse nível da comunidade eclesial, ou seja, na linha da libertação, ela deu uma recuada assim, sessenta por cento. Ela deu uma recuada, não são dos padres, como se diz, não são os padres que quiseram, mas uma recuada em nível de Vaticano, né, em nível de Vaticano. E... fizeram gosto do sistema, do sistema político do país, né, que a comunidade num nível assim incomodava demais a política social do governo, do governo em si. A comunidade muito perigosa, eles tinham, viam muito perigo na igreja, numa igreja assim a nível de um comunidade eclesial de base. (...) Porque eles (os padres operários) davam formação a quem nem sabia ler, né. Então isso não é bom pra um país (risos). Você tá entendendo. Povo que começa descobrir como é o mecanismo da política social, econômica, partidária dentro de seu país não é interessante pra ele. A comunidade era essa. Levantava a gente da lama, tchiiuu, ô, você é gente, você também é gente, não é?

Sr. Valdir elege como um dos motivos da mudança, o novo direcionamento da igreja, contrário às questões sociais:

Porque hoje a igreja, a igreja não tem muita preocupação com o drogado, com o político corrupto, né, com a pessoa que não tem uma

moradia, com o favelado. A igreja hoje em dia não se preocupa Karen, com esses problemas, não quer se preocupar. E os padres operários se envolviam muito nisso. Eles lutavam muito em favor, em benefício dessas pessoas.

Esse direcionamento reflete nas atividades da comunidade, como lembra Dona Glória:

A gente tinha Pastoral dos Direitos Humanos. De primeiro ela foi tão criticada que ela nem foi pra frente. A Pastoral do Mundo do Trabalho era pastoral muito assim, dava mais com o trabalhador. Eu não, aqui eu não vejo nem mais falar dessa pastoral. Já é uma linha de trabalho já dentro das pessoas que estão na fábrica, estão trabalhando, estão fazendo isso, né, porque era a Pastoral do Trabalho. Aqui tem o trabalho da catequese, tem um monte de pastoral que criaram, mas... É outra linha de trabalho, uma linha de trabalho que é da igreja e tudo, mas...

Observa-se a presença constante e crescente da Renovação Carismática no catolicismo. Prandi (1998) faz uma completa análise sobre o assunto.

A Renovação Carismática Católica surgiu em 1967 nos EUA. Chegou ao Brasil aproximadamente no ano seguinte. De início, com o predomínio da Teologia da Libertação, foi alvo de críticas. Os poucos seguidores, em sua maioria católicos já participavam do culto mariano. Na década de 60 a Igreja proporcionou mudanças institucionais no Concílio Vaticano II, que favoreciam a Teologia da Libertação, ao mesmo tempo em que permitiu a expansão da Renovação Carismática. Após 1978 o movimento cresce na América Latina com apoio do Papa, na tentativa de conter o Pentecostalismo e a Teologia da Libertação, esta criticada por deter-se em questões políticas e econômicas e não espirituais. O cenário no Brasil era de desmobilização social e transição democrática.

A Renovação Carismática é definida pelo autor como:

(...) movimento conservador de dupla reação: primeiro, um movimento mais geral, voltado *para fora* do catolicismo, isto é, tendo como oposição

o pentecostalismo e outras religiões que vêm minando as fileiras católicas. Segundo, um movimento voltado *para dentro* da própria Igreja enfraquecendo as posições assumidas pela Igreja Católica da Teologia da Libertação e das CEBs, comprometida com transformações sociais à esquerda. Compete com o pentecostalismo, adotando concepções e práticas religiosas muito similares e, assim, constituindo-se em concorrente robusto na caça às almas: e combate as comunidades eclesiais de base, revalorizando o indivíduo e a família e deixando para trás qualquer preocupação com a sociedade e suas estruturas, especialmente no que diz respeito às questões de justiça social e mudança dessas estruturas (p. 11).

Volta-se para a família, a vida privada do indivíduo e suas obrigações espirituais, aproxima-se do sagrado e da magia, afastando-se da política. Longe do catolicismo tradicional, valoriza o milagre, o êxtase religioso, o transe do Espírito Santo, a cura pelas mãos, a unção aos enfermos, a benção do Santíssimo Sacramento e a reza do terço. Esta última, parte da tradição antiga que ao longo do tempo perdeu expressão, e na Renovação Carismática torna-se obrigação ritual para garantir a presença de católico.

Na verdade, é a própria sociedade que tem se mostrado incapaz de solucionar graves problemas de sua constituição. Tão graves que ela é obrigada a se valer dessa multiplicidade religiosa que leva para longe da vida política e para perto da magia a possibilidade de encontrar respostas para toda sorte de problemas que afligem a população. Por não termos completado a formação de uma sociabilidade capaz de instrumentalizar a participação na vida pública independentemente da construção da identidade e dos mecanismos de representação pela via religiosa de estilo tradicional, as religiões de conteúdos éticos vazios ou acanhados, mas de repertórios mágicos robustos, acabam se mostrando bastante aptas a florescer nessa sociedade problemática, atrasada e sem muitas esperanças confiáveis (p. 25).

Na comunidade estudada, Domingos Barbé já temia por esse avanço, conforme relata Jorge:

Nessa época o Jardim Aurora era visto como grupo político, a igreja do Jardim Aurora. Mas a igreja São João Batista lá em cima, apesar de ser mais nova, bem mais nova que a do Jardim Aurora, ela entrou como, ela entrou como paróquia porque ela vem lá do Parque Bom Viver, né. Então o que aconteceu, e aí era um bairro já bem formado já, assim, de gente da classe média e achava que o pessoal do Jardim Aurora era um pessoal agitador, sabe, assim, católico apostólico romano, mas agitador, sabe, essas coisas. Então nessa época havia divergências, a São João Batista com o Jardim Aurora. E o padre Domingos dizia, olha, vocês têm que assumir esse Jardim Aurora, não pode deixar esse Jardim Aurora, não pode deixar o pessoal do Parque Bom Viver dominar o Jardim Aurora. Porque o que vocês aprenderam aqui não foi coisa pouca, sabe, vocês tem bagagem pra lutar, pra não deixar esse pessoal tomar, sabe, o pensamento que vocês têm. Teve isso na época. Então ele, tanto eu como a minha esposa, ele vinha aqui falava assim, não, vocês têm que participar mais da igreja, vão participar sim. Aí eu ficava assim, não, mas não tenho esse conhecimento todo. Vocês têm. A gente sempre achava que não tinha. Ele, não, vocês têm, vocês podem. Porque nessa época era, existia lá um grupo carismático, sabe, que tava atuando, sabe. E nós éramos muito mais, é, mais liberdade, mais Teologia da Libertação, lá grupo mais de carismático. Então é, não estava batendo sabe, assim na época, não estava. E ele queria mais participação, sabe.

As previsões estavam certas. O padre atual da comunidade não foge a orientação atual da Igreja. Durante as celebrações nenhuma menção aos problemas sociais do país ou do bairro é feita. Os temas abordados voltam-se para o bom convívio familiar, a importância da oração, a frequência à missa, a conquista de novos adeptos e a valorização dos sacramentos. As raras críticas existentes recaem sobre o misticismo e a saída de católicos para outras igrejas em busca de respostas espirituais para seus problemas. A exposição parte apenas da opinião do padre, não há espaço para a discussão construtiva

sobre determinado assunto. Paira sobre o altar uma suposta neutralidade quanto aos acontecimentos da sociedade. O sacerdote prefere apoiar-se na Renovação Carismática como única saída para as mazelas do mundo.

Não por coincidência, atualmente existe uma mobilização de um pequeno grupo para substituir o nome da igreja para o santo que nomeava a antiga capela. O que parece ser uma mera troca de nomes na verdade esconde a mudança no direcionamento da comunidade. Do militante cristão, transformador de uma realidade, para espectador dos fatos. No entanto, a entrega ao movimento não é total, nem todas as práticas da Renovação Carismática são empregadas.

O bairro sofreu transformações ao longo do tempo. As casas já são numerosas, há ônibus, escolas e pequeno comércio local. Sinais que evidenciam a chegada da classe média e dos pequenos empresários como moradores e membros da igreja. O fato trouxe problemas, como diz Dona Augusta:

O que tá hoje, é hoje tá continuando, tá entrando gente nova, mas já tá pegando coisas que vem vindo de trás, e vai continuando. Só que vai evoluindo mais. Vai entrando gente nova, gente mais experiente, assim, que tem mais... não é mais experiência na religião, de jeito nenhum. Na evangelização tem gente que tá melhor na evangelização. Depois que ele entra que vai aí aprender a trabalhar bem pela comunidade. Que às vezes a pessoa vem com tudo, quer resolver, pensa que sabe tudo, mas não sabe nada. Porque comunidade é dos poucos, você tem que assim, tem que dar oportunidade para todo mundo, pro menor, pro grande, pra tudo, o, o mesmo trabalho que uma pessoa faz, um doutor faz, outra pessoa que não teve muito estudo também faz.

O saber comunitário dos antigos membros é pouco valorizado, exige-se formação específica para continuar as tarefas iniciadas no passado. Esta exigência passa a ser um artifício para diferenciar os antigos dos recém chegados, dificultando a participação dos primeiros.

Como se não bastasse, a simpatia do padre é mais uma condição para ser aceito nos trabalhos da igreja:

(A comunidade está) Abafada porque é assim, toda vez que sai um pároco e entra outro, o padre quando entra, ele não respeita aquela, aquele pessoal que tá ali já no contexto, sabe. Ele vai analisando aos poucos, ele procura fazer, é, escolher pessoas, né, que é do agrado dele, assim, é, muitas vezes, sabe, é, tem isso. Não aconteceu isso assim diretamente no bairro porque eu não acompanhei assim pra saber se foi isso mesmo, sabe. Mas é, muitas vezes é instituído, olha, vocês não servem pra fazer a catequese porque vocês estão, é, não têm um curso, né, tá meio arcaico essa questão de catequese, vamos pegar uma pessoa que tem um pouquinho de estudo mais, né, porque, essas coisas. Então é, a pessoa já é excluída dentro da própria comunidade sem perceber, sabe. Ai, quer dizer, ela não sabe, ela não percebe porque ela não tem uma certa formação, mas ela foi excluída e ela não percebeu, ela teve, ela fica com mágoa - ó, eu tava fazendo um negócio tão bom lá, de repente me tiraram, agora tem outro no meu lugar, sabe. Então, é, o que tá acontecendo agora assim, então quem pega, quem foi indicado, que pegou, que assumiu, ele tem dificuldade de colocar outro porque o outro também não quer pegar porque é uma responsabilidade muito grande, essa responsabilidade ele não quer, então nunca está preparado pra pegar essa responsabilidade, tem tudo isso (Jorge).

Para os que participaram da comunidade eclesial de base a atual postura de omissão e descompromisso social causa estranhamento e indignação. Lúcia é uma destas:

É assim porque, o jeito que ele (o padre) passa a mensagem pra gente não, não diz nada, não diz nada assim. Eles lêem o Evangelho, que nem o padre mesmo, ele lê, fala, fala, fala, fala, mas ele não, não fala muita coisa, não fala assim: e por que, qual o problema? É que ele não vê, ele não coloca o problema social, não quer. O problema social é pra lá, daqui pra fora, igreja é só pra ler a Bíblia, as coisa de Deus, problema social ninguém quer saber. Uma missa dele ele não fala assim ó, tá tendo um... Quando Domingos fazia a missa tivesse acontecendo uma coisa lá no Carandiru ele falava, ó, tá tendo um, lá quem não sabe, não assistiu, lá no Carandiru tá tendo um, uma, com é que fala quando fala quando

eles tão revoltados? Rebelião, tá acontecendo, quem escutou alguma coisa?

A depoente conclui sobre a condução atual das missas: *“Saio do mesmo jeito que entrei, ele (o padre) passa por cima das coisas que estão acontecendo”*.

Em conformidade à postura descrita, não há nenhum envolvimento do pároco em trabalhos comunitários. Limita-se a eventualmente anunciar ao final da missa, datas das reuniões de alguns grupos.

Decerto, a estrutura propicia esse afastamento. O padre não mora no bairro, divide-se entre três igrejas, por isso nem sempre está presente nas comunidades para celebração das missas e outras atividades.

A valorização da igreja enquanto espaço puramente religioso fez com que o padre providenciasse reforma no local, ainda que isso ocasionasse a interrupção de um trabalho social, como o desempenhado por Dona Glória e outras voluntárias no cuidado de adolescentes no período inverso ao de aula.

A exemplo da igreja, o centro catequético, antiga moradia dos padres operários que servia também como abrigo de famílias sem casa e como espaço para o encontro, também foi modificado. A construção simples com paredes e chão crus de cimento recebeu tintas e ladrilhos. As cores escolhidas seguem os últimos lançamentos dos fabricantes e os ladrilhos grandes e detalhados se destacam.

O salão-capela transformou-se em uma igreja luxuosa para os padrões do bairro. O chão de pedras escolhido pela durabilidade e facilidade de manutenção foi arrancado. Os membros atuais da comunidade que não participaram de sua história, desconhecedores das intenções de cada etapa do processo de construção, fazem julgamentos apressados com relação à construção da igreja e ao material utilizado, associam à pobreza e ao mau gosto. No lugar das pedras estão os ladrilhos, cujas características se assemelham as do vidro, descritas por Benjamin (1995): frios, sem aura, duros, no qual nada se fixa. O altar ganhou sacrário dourado, carpete azul no chão e em parte da parede, cadeiras confortáveis revestidas de tecido aveludado de mesma cor e mesas de pedra. O salão de celebração foi ampliado e um salão de festa criado, local dos eventos para arrecadação de dinheiro. O

espaço antes tão receptivo, de poucos objetos, com todos esses adereços parece inibir a assembléia.

A igreja ganhou outros recursos ornamentais.

Padre chegou, menina modificou tudo, tudo, tudo. Começou na paróquia que é lá onde ele mora, né, tem a paróquia. Agora ontem de noite eu fui lá, agora já falei pro meu marido, olha, agora já pegou essa modinha das flores de plástico, as modinhas das flores de plástico. Agora tá cheio de flores de plástico. Tem que ser do jeito dele (Lúcia).

A introdução de flores artificiais reflete o propósito das mudanças. O plástico, material que polui e não requer cuidado, garante um embelezamento falso, artificial, assim como deve parecer o local de celebração, alheio à vida cotidiana, às questões e interesses de seus frequentadores.

O afastamento das preocupações do povo e a postura do padre em deter-se mais à estética da igreja e menos aos seus fundamentos fazem com que a figura do padre seja questionada e associada a outra classe social, cujas preocupações passam pelo crivo da futilidade como a vaidade pessoal: “E outra, ah, que eu fiquei sabendo, disse que ele fez um curso de cosmético, diz que ele mesmo faz os perfumes dele. Ele mesmo fez o curso de cosmético, ele mesmo faz os perfumes dele (risos).” (Lúcia). E todas essas transformações levam Lúcia a seguinte opinião sobre o padre: “É, ele é simples, mas ele tem a cabeça muito do dinheiro.” (Lúcia).

O dízimo é estimulado, nas paredes internas da igreja, cartazes como “dízimo – ação transformadora” estão espalhados. Periodicamente as celebrações são em homenagem aos dizimistas (pessoas responsáveis pela arrecadação da contribuição) que recebem por sorteio Bíblias das mãos do padre. A contribuição, como se sabe, faz parte do catolicismo, no entanto o que se questiona é a utilização desse dinheiro. Pessoas declaram que a recente reforma da igreja e do centro catequético acarretou em dívida para a comunidade.

Ainda com relação ao débito, não faltam meios para arrecadação de dinheiro: quermesse, “festa do pastel e do cachorro quente”, “festa do sorvete” e taxas para participar de retiros religiosos. Muito diferente da liberdade e autonomia desfrutados no passado pelo grupo na organização de encontro sem obtenção de lucro. Atualmente todo trabalho de

preparação desses eventos conta com a participação principalmente das mulheres do bairro que com bom humor e alegria vivenciam o sentido da cooperação. O padre não acompanha os preparativos e muitas vezes não aprecia a festa. Pouco ou nenhum recurso é destinado aos trabalhos comunitários. Os grupos sobrevivem graças aos seus próprios meio de arrecadação.

Essas transformações sem consulta prévia à comunidade, decidida apenas por um pequeno grupo da igreja apoiado pelo padre deixaram marcas nos membros mais antigos. Jorge lamenta a substituição do chão de pedras por ladrilhos decorados – “*E agora de repente, é essa a crítica né, esse padre vai e coloca um piso bonito em cima, sabe, uma coisa, sabe. É, quer dizer, faz parte da modernidade agora, né, mas não sei, não sei, devia de ter um plebiscito, olha, convém fazer isso, não sei*”. A modernidade aqui citada pode ser pensada enquanto “expressão do ver e não como expressão do ser, do viver, do acontecer” como define Martins (2000, p. 27). Trata-se de uma exposição de máscara que revela a inautenticidade. Assim, a preocupação que se instala é a de “parecer moderno, mais do que ser moderno” (p. 39).

Sr. Valdir também se sentiu atingido com as mudanças. A distinção de ambiente entre o altar e a assembléia, intensificada com os adereços inseridos aos poucos como para diminuir a percepção da transformação, traz sentimento de ilegitimidade do local:

A gente mexe numa ferida que dói muito. Porque pra mim, o dia que destruíram essa capela aí, pra mim foi, olha, eu fiquei com tanta revolta que eu digo pra você se não é a minha fé eu tinha desistido da comunidade. Eu nem estava mais lá dentro. Que me dói eu entrar e ver aquela comunidade daquele jeito. Ela era tão bonita nossa igreja, sabe, tão rica, sabe, ela era rica, riquíssima a nossa igreja, mas rica de pobreza. Você entende? Era tudo humilde, tudo simples, hoje em dia você vê, a gente até tem medo de pisar no altar porque é um veludo azul, coisa mais linda, né. Não tem nem jeito, né, acho que é só pro padre subir ali, acho que o leigo não pode subir lá porque vai sujar. Você vê a diferença. É... machuca muito a gente essas coisas, sabe.

Semelhante percepção de ilegitimidade do leigo no altar passou Dona Glória ao ser convidada a ler o Evangelho durante a missa.

E outra vez, e outra vez que eu fiquei triste assim, a gente foi escolhido na igreja, cada domingo ia ler um trecho do Evangelho. Eu nunca gostei de ler porque eu tenho pouca leitura. A leitura você tem que fazer bem feita, se você ficar nervosa você gagueja. Então, uma vez fui convidada a fazer uma leitura, aí eu fiquei assim... Aí uma pessoa falou assim, aí coitada, você chama ela pra fazer leitura, é um sofrimento porque ela não sabe ler, no meio de todo mundo. Nossa... mas eu... eu fiquei assim... a gente é irmão na fé caramba! E eu já não ia mesmo porque eu sabia que além de ter pouca leitura você tem que ler bastante e na hora se você ficar com medo é pior. Mas eu falei assim Nossa Senhora, mas ela vai ler bastante o trecho na hora ela lê. Aí eu peguei o texto, eu fiz, eu preparei, eu li. Nossa Senhora, é muita humilhação, a gente que é cristão falar isso?

As mudanças não pararam por aí. A frase “A glória de Deus é o homem vivo” pintada na parede próximo ao altar, não resistiu às últimas reformas. Em seu local está a imagem do Cristo crucificado. A cada troca de padres na igreja Sr. Valdir temia pelo desaparecimento da frase. Era sempre o primeiro a explicar a sua importância e pedir por sua conservação. A destruição parecia irresistível ou, quem sabe, uma provocação. Avisados, padres, novos moradores e antigos que não participavam da comunidade eclesial de base passaram mão de tinta preta em cada letra, na seguinte reforma tinta dourada. Até que nesta última a frase foi arrancada com lixas e tinta branca. Para Dona Amanda “o padre achava velho, não era enraizado como os padres operários”.

Como se vê, os objetos da igreja antes confeccionados pelos membros da comunidade hoje são desprezados e substituídos por peças compradas, caras e requintadas. Ouvi de uma das moradoras que sua toalha de crochê feita para o altar, minuciosamente trabalhada para desenhar o cálice e a hóstia apenas com os recursos da linha e agulha, foi recusada sem explicações.

Esse posicionamento obedece à lógica capitalista na qual os objetos são fabricados para atender o consumo fácil e despropositado. Diferente do trabalho do artesão, trabalhador diretamente envolvido na criação e construção do objeto. “Não é o evocar nostálgico de outras épocas; é aprender com a simplicidade, com a união entre fazer e liberdade. Liberdade de deixar voar o pensamento à busca de solução para os impasses práticos do fazer e discernimento para traduzi-los na ação que se quer realizar.” (Oliveira, 1997, p. 28).

Bosi, A (1987, p. 37) acrescenta:

Na sociedade de massas em que nós vivemos isto ocorre a todo momento. Não que as pessoas estejam sempre diante de obras de arte, elas estão diante de obras da tecnologia, das obras que a indústria multiplica. E o fato de as pessoas não participarem da construção desses objetos, porque são obra de uma indústria muito especializada, o fato de elas se servirem e olharem esses objetos, comprarem, venderem, mas não serem capazes de entender o seu mecanismo interno, é alienante, profundamente alienante. Isto deveria produzir em nós um certo sentido de culpabilidade.

O desprezo declarado do padre atual e de alguns novos membros por tudo que ali estava, pela produção do passado, pode ser melhor entendido com as colocações de Bosi, E. (1985, p. 74):

Faz parte da estética neocapitalista o desprezo pelas coisas gastas, usadas com marcas do trabalho e da vida. Preferem-se objetos novos, frios, protocolares.

No entanto, os velhos objetos estão impregnados de biografia e de memória.

Os depoentes concordam que hoje não há uma interação entre o padre e a comunidade. Como bem disse Dona Margarida, o incentivo vibrante para as atividades

comunitárias, as visitas às casas, são ações cada vez menos praticadas pelos padres. As pessoas tornaram-se invisíveis na assembleia: *"Parece que não é muito visto que nem antes, né. Acho que os padres operários eram muito, eles... observavam muito quem estava, quem que não estava."*

Esta não foi a única imposição à comunidade. Os membros antigos sempre se orgulharam de usar a Bíblia nas celebrações e repentinamente o padre informa sem levantar discussão sobre o assunto, que passariam a adotar a partir daquele momento os semanários dominicais confeccionados por uma editora a um certo custo, folhetos que reproduzem as leituras, cânticos e comentários de cada missa. Acreditava que a medida facilitaria as repostas das pessoas em cada etapa da missa e o conhecimento das orações.

Na prática o recurso traz algumas inconveniências. Desestimula a leitura do livro sagrado, a consulta espontânea e a interpretação pessoal. Torna-se material de utilização instantânea, apenas para o momento daquela missa, não há atrativos, até por seu objetivo, em retomá-lo posteriormente. Sobre esses impressos Bosi, E. (1987a, p. 33/4) apresenta uma rica análise que merece ser lida:

Examinando um folheto das missas católicas encontrei letra miúda e uma saturação de palavras. Quem imprime tais folhetos deve desconhecer a situação de saúde e integridade corporal do trabalhador, que se sentirá, até no local em que deseja louvar seu Deus, humilhado e marginalizado por esses impressos.

O problema da letra grande, pelo enorme contingente de leitores idosos e populares, deveria merecer atenção dos editores. Os idosos são leitores especialmente atentos e vibrantes.

Eles já não lêem para alcançar *status* ou competir numa carreira, mas lêem procurando compreender a própria substância da vida, confrontar memória com memória, experiência com experiência.

A autora também critica a falta de liberdade dos leitores na interpretação do texto. Os comentários acerca das leituras estão prontos, basta ler. São sempre os mesmos leitores, os mais escolarizados e de maior fluência oral. Não há espaço para a discussão e reflexão coletivas das palavras. O mesmo pode-se dizer das ilustrações presentes no folheto.

Induzem uma certa percepção dos trechos, desenhos de um Jesus crucificado, sofredor, diferente do Cristo vivo, transformador. Na Bíblia não há utilização desse recurso porque as palavras bastam para a compreensão.

Nos folhetos religiosos, antes da leitura do Antigo e Novo Testamento, há várias linhas de explicação prévia para o leitor. Aquela clareza e simplicidade que atravessaram séculos de comunicação eficaz encontram uma parede: o comentador distorce, simplifica, tira conotações de natureza política e moral a seu bel-prazer. (...)

O comentarista se considera melhor comunicador que Isaías ou João Batista, cuja mensagem resistiu aos séculos, inspirando gerações.

Certas comparações tiradas da natureza, as metáforas, não são obscuras como pensa o divulgador; são o que há de mais concreto na linguagem.

Isaías houve por bem falar com figuras simbólicas. Cristo houve por bem falar em parábolas. A mensagem poética metafórica é altamente informativa e concisa. Rimas e ritmo são elementos musicais que conservam o seu calor e a defendem da entropia.

As interpretações constituem:

- Um dano religioso, pois impedem que a interioridade suplicante do fiel receba o alimento puro que ele espera
- Um dano estético, pois condenam ao fechamento uma obra aberta. (Obra aberta para o semiólogo Umberto Eco é um campo de estímulos dotado de substancial indeterminação. É o dom de uma mensagem que, resistindo ao tempo, desperta no receptor sempre uma nova leitura. O comentário turva essa fonte de significações infinitas. Impede a livre de codificação. Fecha a obra aberta e ancora o texto. Amarrando apenas um significado conveniente, para o qual dirige a atenção, impede a misteriosa, imprevisível síntese pessoal.
- Um dano físico também, porque a proliferação de palavras escritas saturadas a página, fatigando o leitor.

O feixe de luz da mensagem sofre refração ao passar pela fresta da compreensão parcial do intérprete e, assim diminuído, chega a seu destino.

A divulgação arranca da obra original aquela centelha de ouro puro que ela continha: o momento platônico em que a Verdade e a Beleza se abraçam.

Não raro a veemente substância da arte reduz a uma série monótona de imposições morais (p. 35/6).

A missa torna-se diretiva, pré-estabelecida, guiada por folheto que visa a homogeneização e despreza as particularidades de cada comunidade católica. Não há surpresas na sua condução. O celebrante em vários momentos diz em que parte do impresso as pessoas devem seguir, pede para que todos leiam juntos orações determinadas. Até mesmo na oração da assembléia os pedidos já estão prontos, os pedidos a Deus, momento de intimidade e expressão da religiosidade são padronizados.

Semelhante uniformização ocorre nos batismos. O padre e o ministro do batismo (leigo preparado em curso de formação para orientar pais, padrinhos e criança para o sacramento e realizá-lo na ausência ou em companhia do sacerdote) perdem a espontaneidade e emoção das falas em um momento de extrema importância no catolicismo. Lêem seus *scripts* em folha de papel previamente preparados e usados em todos os batismos da comunidade. O mesmo ocorre com os pais, crianças, padrinhos e assembléia. Nas perguntas feitas pelo padre, lêem as respostas projetadas na parede.

Antes da adoção de folhetos duas pessoas ficavam à porta para nos recepcionar com aperto de mão, uma conversa amigável. Agora as mãos estão ocupadas com os papéis. Enquanto uma mão entrega, a outra segura o monte de folhetos. Não há tempo para o cumprimento demorado, logo atrás está mais uma pessoa e o material terá que ser entregue com rapidez. Felizmente nem todos resistem ao encontro entre conhecidos e passam algum tempo conversando, atrapalhando a fila que se forma.

Os cânticos também sofreram alterações. As músicas antecipadamente estabelecidas e uniformizadas entre as igrejas encobrem o poder de escolha e criatividade das pessoas. A cada mês, novos cânticos constam no folheto, semelhantes a vitrines de lojas que periodicamente devem apresentar as novidades aos seus consumidores. Bosi, E. (1987a, p. 39/40) escreve:

As músicas religiosas estão vinculadas a um tempo de estações que se renovam. Não podem ser tratadas como objetos de consumo que se deterioram. Devem voltar periodicamente nas estações propícias, portadoras da significação que renasce. Por sua própria natureza, não se assemelham a objetos-mercadoria, descartáveis. A liturgia não pode refletir o consumismo, cuja norma é a velocidade da inovação pela inovação, desvalorizando o já usado. Assim fazendo, desvaloriza-se também a memória do idoso, que guarda entre as lembranças mais caras os hinos de sua infância e juventude. O velho, na comunidade, quer aprender os novos cantos e ensinar os cantos de outrora. Sua identidade precisa ser reconhecida: sua memória, preservada. Sentimento enraizador e portador de esperança é cantar de novo os cânticos das festas comunais. Um dos atrativos desses hinos é a convicção de que os homens de outros tempos assim os cantaram. Por que substituir hinos amados por melodias banais e encomendadas em série, como se vê fazer em certas igrejas? São penosamente aprendidos e logo esquecidos. A inovação só se justifica pela criação de obras significantes para o povo, a partir de uma prática de transformação do mundo.

Os novos cânticos causam constrangimentos aos velhos com dificuldade de ler e acompanhar. Tentam, sem sucesso até que optam por permanecer com as bocas fechadas, não é oferecido tempo para a apreciação e aprendizagem das músicas.

Dona Sônia não participa mais do grupo de cântico por achar que sua voz não está adequada, mas o gosto pelo canto ainda preserva. Como ministra da eucaristia (responsável pela preparação e entrega da hóstia na missa e em visitas aos doentes) reclama da condução atual:

Mas no geral é tudo cânticos novos, diferentes, muitas vezes eu nem sei. Não porque, eu não posso mais, não sei se te falei, acho que te falei, que eu tenho probleminha de voz também, né. E não vou mais aos ensaios, eu sei que não sou mais útil praquilo, entendeu, então eu não vou mais, pro ensaio. E como eu fico mais no altar, passa no retroprojeto mas eu estou ali em cima, não estou vendo. E eles não se dão ao trabalho de pôr

uma folhinha de cântico pra cada um de nós lá em cima, né, os ministros, né. Que às vezes eles põe, maioria das vezes eles não põe. Então se eu sei, eu sei, se eu não sei fico de boca fechada. Porque eu não posso descer, fica no retroprojeto, certo.

As marcas deixadas pela comunidade eclesial de base estão sendo suplantadas aos poucos com pequenas modificações. Talvez porque "(...) o cristão realmente evangelizado é um indivíduo perigoso. De fato, se fosse o céu que queria transformar, não seria ele muito perigoso..., mas é a terra que é o objeto de suas preocupações." (BARBÉ, 1977, p. 167).

Ainda que a dinâmica da missa caminhe em direção ao tempo acelerado, sem reflexão, simples cumprimento de uma obrigação religiosa, e o espaço físico dificulte o acolhimento e a despedida como acontecia no antigo salão-capela, as pessoas procuram manter o hábito do encontro antes e após a missa. Na área aberta, embaixo de uma árvore, Cláudio monta sua banca de verduras orgânicas, cultivada em seu pequeno sítio no interior de São Paulo. O convite partiu da Pastoral da Saúde, uma iniciativa para promover a saúde da comunidade e garantir as vendas do pequeno agricultor a preço acessível. Antes da missa as pessoas escolhem suas verduras e aproveitam para saber um pouco do dia de cada um. A pastoral não só auxilia na venda como também providencia o café da manhã de Cláudio que para estar ali às oito horas precisa sair cedo de sua cidade.

Após o canto final as luzes são apagadas, janelas e portas fechadas mesmo que existam pequenos grupos conversando no local. As pessoas expulsas continuam a conversa na área de fora, nas escadas, na rua da igreja ou no caminho de casa.

Dona Sônia e Dona Amanda estão presentes no altar como ministras da eucaristia, forma encontrada para manter-se como referência do passado diante de um cenário tão modificado. Oferecem a hóstia de maneira especial, fazem questão de dizer os nomes de cada conhecido antes da entrega.

Nas missas Dona Amanda continua preferindo a Bíblia ao invés do folheto imposto pelo padre. É uma das saídas descobertas para expressar sua insatisfação ao estabelecido. Traz para igreja sua velha Bíblia, revestida de couro, com folhas visivelmente gastas, cheia de trechos grifados e observações escritas, sinais de uma leitora assídua. Quando alguém a oferece o folheto recusa com delicadeza e mostra seu livro sagrado, sem dizer uma palavra.

O grupo de cântico, do qual Dona Augusta faz parte, também encontrou meios de contornar as determinações. Não deixa por completo de executar as músicas pré-estabelecidas, mas insere outras mais conhecidas do grupo. O envolvimento da assembléia nesses momentos é surpreendente, muitas vezes nem o acompanhamento do violão é necessário, a melodia flui com naturalidade.

Também os ministros da Palavra conseguem sair algumas vezes da neutralidade recomendada de quem está no altar para fazer ligações interessantes entre a leitura do dia e problemas enfrentados na comunidade como omissão de pessoas no trabalho comunitário, o desemprego, a violência nas ruas e nas escolas locais.

No centro catequético, ex-casa dos padres operários, felizmente o caráter de encontro e discussão permanece, lá são realizadas as reuniões da catequese, da Pastoral Fé e Política, do grupo de cânticos, entre outras. Também abriga família de um integrante da comunidade a preço compatível com suas condições de vida.

2. Adversidades e enfrentamentos

A sobrecarga de atividades domésticas não é suficiente para que o trabalho comunitário seja esquecido pelas mulheres. Algumas pessoas passam mais tempo com a comunidade do que em casa e conseguem a compreensão da família. Mesmo com essa dedicação, ainda são alvos de críticas daqueles que desconhecem o sentido do trabalho: são taxadas de "donas do bairro", acusadas de buscarem promoção pessoal.

A situação econômica da maioria dos entrevistados não é nada boa. Há casos de mulheres que complementam a renda familiar com pequenos trabalhos como a venda de cosméticos, "geladinhos" (sorvete caseiro em pequena embalagem plástica), cocada, crochês, panos de prato pintados. Uns recebem uma pequena aposentadoria ou pensão, outros estão desempregados. Sr. Valdir, Jorge e Lúcia enfrentam o desemprego com serviços temporários de baixa remuneração.

A problemática toma nova dimensão quando a situação de desemprego e subemprego de um chefe de família não suprime a vontade de estudar. O que deveria ser

algo de satisfação pessoal torna-se um problema quando as condições de vida não são favoráveis ao tempo para a leitura, escrita e discussão. Jorge passa por isso. Desempregado há alguns anos, encontrou como meio de sobrevivência o trabalho de pedreiro aprendido com seu pai na infância. Atividade que exige sobrecarga de esforço físico, contato com materiais e ferramentas que destroem as mãos. O esforço de estudar teologia e ao mesmo tempo dedicar-se à tarefa exaustiva de erguer paredes acarretaram transformações em seu corpo e estado de saúde. A postura inclina-se, dores nas costas aparecem, as mãos estão ásperas e rachadas. O cansaço, tormento das classes populares, é comentado por ele:

E eu não tô conseguindo manter o programa. O programa antes meu era esse, eu tinha que estudar das, da meia noite até as duas e das cinco às sete e depois das sete meia sair pro serviço. Ai terminar o serviço quatro horas da tarde ai cinco horas tá indo pra escola. Então tá, não tô conseguindo porque o cansaço tá deixando o que, é, eu chegar em casa jantar e dormir, sabe. Igualzinho ontem mesmo aconteceu de eu pegar o livro pra ler mas quem falou que eu li, sabe? Cochilei, sabe.

O mesmo cansaço que tomou conta do padre Domingos:

Ele já carregava um cansaço na época e esse cansaço ele não sabia como tirar esse cansaço, né, e eu nessa época fazia atletismo. Ele vinha em casa visitar, ele entrava assim na casa assim, ele deitava, sabe. Deitava assim (aponta para o sofá da sala). faça uma massagem aqui nas costas. Ele deitava assim. Eu passava um óleo, naquele tempo eu tinha óleo pra passar nas pernas, é confrei com... com essa coisa que cheira, que arde o nariz... cânfora, cânfora com óleo, então eu passava, fazia massagem nele, né. Ele falava pra mim que tava aliviado. Quer dizer, tirava o cansaço mas o peso que ele tinha era na cabeça, era uma coisa que, eu não conseguia captar o que ele tinha, sabe. Eu não sabia, eu não sabia, sabe. E eu fazia massagem nele, tentava procurar onde estava o ponto crítico assim do músculo né, mas não tinha, sabe. Eu falei, não tem mais o que fazer em você, tá... sabe. Tá, mas tá bom (Jorge).

Weil (1996 p. 123) não só pôde vivenciar o que Jorge menciona como também escreve sobre o assunto:

O cansaço deprimente, amargo, por vezes doloroso a tal ponto que se deseja a morte. Todo mundo, em todas as situações, sabe o que é estar cansado, mas este cansaço precisaria de um nome à parte. Homens vigorosos, na força da idade, adormecem de cansaço no banco do metrô. Não depois de um dia de trabalho "quente", mas depois de um dia de trabalho normal. Um dia como virá outro no dia seguinte, e outro, sempre.

Dona Ione terminou o ensino fundamental e médio quando adulta e ingressou em faculdade particular para cursar serviço social no período noturno. Não conseguiu se manter por muito tempo, os reajustes constantes das mensalidades eram superiores a sua renda. Com sofrimento abandonou o curso que sempre desejou por estar diretamente relacionado à sua atuação profissional. Enquanto estudante era confundida com professora universitária tamanha participação nas aulas e experiência acumulada.

O empenho em estudar e trabalhar foi encontrado na pesquisa de Bosi, E. (1996, p. 22) sobre leituras operárias:

De todas as operárias que trabalhavam na seção de enlatamento de óleo, margarina e sabão, numa grande indústria, só uma persistia em conciliar trabalho e estudo mas estava em vias de abandonar o esforço. Uma queixa constante do operário jovem é de que os períodos de trabalho ora diurnos, ora noturnos, impedem qualquer projeto de estudo, fechando-lhe para sempre o acesso à universidade.

Jorge e Dona Ione são vítimas do desenraizamento: "Entre os mais fortes motivos desenraizadores está a separação entre a formação pessoal, biográfica mesmo, e a natureza da tarefa, entre a vida no trabalho e a vida familiar, de vizinhança e cidadania." (BOSI, E, 1987a, p. 21).

As iniciativas dessas pessoas nos remete aos planos de Domingos de construir uma universidade para os pobres, conforme depoimento de Dona Olga. Para isso, com ajuda de amigos o padre comprou terrenos em um bairro de periferia do município e no litoral paulista. Os convites de professores universitários já estavam em andamento.

A idade constitui mais um obstáculo na vida desses sujeitos. As dificuldades impostas pelo tempo agravam-se com a inadequação do espaço público para essa população sujeita a acidentes graves, quedas e tropeços. As calçadas mal acabadas, a velocidade com que os carros passam nas ruas estreitas e sinuosas do bairro, o lixo nas vias públicas, o resto de materiais de construção espalhados, a falta de sinalização que favoreça o pedestre, as construções desordenadas com descidas e subidas íngremes sem apoio. Essas são algumas barreiras observadas durante o percurso a pé com essas senhoras no acompanhamento de algumas de suas atribuições.

Dona Sônia relata sua dificuldade na locomoção de sua casa à creche:

Olha, minha ajuda é pessoal, né, voluntária, voluntária, sempre voluntária. Todas as vezes que precisa, qualquer coisa, não tanto lá embaixo porque pra mim fica difícil (do salão da igreja as crianças passaram para sede própria da entidade situada em rua bem abaixo de onde Dona Sônia mora) porque, você já foi lá embaixo, já? Você viu que é difícil descer ali. Pra mim que já sou de idade não é fácil, né. Então quando mudou pra lá fui muitas poucas vezes lá embaixo, pra mim fica difícil. Então Karen, vem de ônibus Dona Sônia, dizem. Pra eu ir de ônibus, tenho que subir (sua rua) pra tomar ônibus lá. E de lá tenho que andar bastante pra chegar em casa. Então dá na mesma pra mim. Ir ou não ir à pé dá na mesma.

Dona Vânia se esforça para aproximar os familiares de seu trabalho nas conversas informais sobre as histórias pessoais dos jovens, nos convites para ir ao sítio onde os abriga e aos acampamentos de férias. Mesmo assim sofre com a proteção dos filhos que idealizam uma velhice sem preocupações, longe dos problemas sociais que sempre a tocaram.

Embora tento fazer a conciliação entre família e trabalho social, mas o ciúme existe, né. Então os meus filhos têm muito ciúmes do meu trabalho, querem mais a mãe pra eles, a minha mãe, querem mais que eu, por exemplo, vá pra uma hidroginástica, entre pra um grupo de senhoras da terceira idade. Eu não sei, não tô nem na primeira que dirá a terceira... Então, minha mãe, entre no grupo da terceira idade. Meu filho é professor de educação física, trabalha com a terceira idade, então quer me integrar na terceira idade, pra fazer viagens, passeios.

A sociedade pautada na produtividade tende a desprezar o velho. Bosí, E. (1987b, p. 35/6) elucida a questão:

Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. (...) O velho não participa da produção, não *faz* nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim o *seu* próprio futuro.

No entanto, contrariando as expectativas, Dona Vânia, Dona Dulce, Dona Margarida, Dona Sônia, Dona Augusta e Dona Glória não abandonam suas atividades, continuam participando de grupos da comunidade.

É comum ouvir das entrevistadas a preocupação de não se manter por muito tempo em um único grupo. Talvez pensando na oportunidade que devem criar para que os mais novos conheçam os diferentes trabalhos ou agindo segundo as idéias em voga que valorizam o jovem desprezando os velhos - "*Você também tem que dar oportunidade para os outros fazer, não é só você fazer e achar que tá bom, tá bom, tá bom. As outras pessoas lá na frente... Sei lá, mais nova, com mais coisas novas, sabe.*" (Dona Sônia).

Nos cuidados com a criança o adulto "investe" para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má fé. A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo. Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos,

em imobilizá-los com cuidados para "seu próprio bem" (BOSI, E., 1987b, p. 36).

Dona Sônia se aborrece com pessoas que partem de uma dificuldade real e criam outras tantas imaginárias. Ainda que caminhe e enxergue com dificuldade não perdeu a destreza na cozinha.

A minha idade já não permite muito, sabe. Eu tava ajudando lá (refere-se à festa do pastel e do cachorro quente na creche) mas eu não ajudei como eu ajudo, você viu que eu só tava abrindo plásticos (plásticos que envolvem as massas de pastéis), não é aquilo que eu faço, não é aquilo. Mas ninguém me quer lá no fogão, sabe, porque acha que eu já não posso mais, que fazer ali traz resfriado. Naquele dia você viu o que eu tava fazendo ali, ajudei no que pude, mas...

É comum entre as idosas entrevistadas o desconhecimento da dimensão que o trabalho realizado exerce sobre a comunidade. O que fazem é entendido como uma pequena contribuição: "Ah, Karen, pra te dizer a verdade, com toda sinceridade... Não faço quase nada, faço de tudo um pouco, entendeu. É, a verdade é essa, não faço quase nada, de tudo faço um pouco. Na medida que é possível, né. (...) Hoje, se eu fosse mais nova um pouco, talvez até pudesse mais." (Dona Sônia).

A escolha em participar de um determinado grupo depende da atenção despendida às dificuldades individuais.

Estou pensando um pouco na minha saúde, nas reuniões, não por que a reunião às vezes acarreta qualquer coisa pra gente, às vezes você não está bem de saúde, às vezes tá chovendo, às vezes tá, então por isso que eu digo pra você que é mais difícil, né. Só o que me segura um pouco são as reuniões (Dona Sônia).

Para Sr. Valdir a problemática maior é o poder de dominação de um pequeno grupo nas decisões da igreja:

Olha, uma das maiores dificuldades que a gente encontra é a própria política, né. Não a política, política, né, é a política dentro da igreja, né. Porque a pessoa às vezes Karen, ela quer te criticar, mas ela não sabe fazer aquilo. Então ela procura fazer aquela crítica pra te destruir, né. A gente não sabe se é por inveja, a gente não sabe se é por inocência da pessoa. Mas, quantas vezes eu fui criticado dentro da igreja? E se eu trabalhasse assim pra ter recompensa, né, sei lá, ganhar alguma coisa, lucrar, ter algum lucro naquilo, mas eu nunca trabalhei pra lucrar, né, fins lucrativos. (...) Existe panelinha dentro da igreja e se você não for firme na fé você desiste, você abandona, mesmo porque tem pessoas assim que sobe ali naquele altar pra se mostrar lá na frente, o pessoal que tá lá dentro.

As pessoas são motivadas a continuar seus trabalhos com base na crença em Deus, em Jesus Cristo, no apoio da família, amigos e experiência vivida com os padres-operários. Como bem salientou Sr. Valdir, as dificuldades são superadas pela fé existente. Compartilha da mesma idéia Dona Amanda, que passou por inúmeras situações desfavoráveis mas não esmoreceu:

Cada um tem uma cabeça, um modo de pensar. Mas se você tiver muito amor no coração você trabalha. Tenho trinta anos de comunidade, você acha que eu nunca fui ferida na comunidade? Eu nunca passei a noite chorando aqui em casa? Passei. Mas por causa do amor de Cristo que é maior que tudo isso, dá, dá. Porque a gente tem que pensar assim, o amor de Jesus na vida da gente é maior do que tudo. Se você ama de verdade, sabe, nada abala esse amor que você tem no seu coração, né, nada, nada separa você. A raiva, tristeza, você não pode conservar essa tristeza, que Jesus é alegria, entendeu? Então você não pode, e uma pessoa cristã tem que ser uma pessoa transparente, né. Tem que ser transparente, tem que ser uma pessoa de verdade (Dona Amanda).

O mesmo pode ser dito de Dona Glória, que até certo ponto respeita as diferenças individuais, desde que também as suas sejam respeitadas:

Mas quando a gente abraça uma fê, quando a gente reconhece o Cristo a gente tira de letra. Mesmo com muito sofrimento, às vezes a gente fica com raiva mesmo, né. Porque às vezes é uma pessoa que você gosta muito pisa em cima e a gente fica assim com muita, muita raiva porque a gente é ser humano, né. Mas mesmo assim a gente tem fê. Porque eu acho, eu penso assim, se a gente tá na comunidade não é pra seguir ninguém, é que se você, na verdade, numa comunidade cada um é muito bonzinho, outros mais bravinhos, né. Eu mesma fico calada, mas se pisar no meu calo aí eu falo.

Dona Sônia orgulha-se por seu trabalho na comunidade ser exemplo para os filhos:

Pensa bem Karen, eu abro aquele livro (Cüenot, 1976) e meu nome tá escrito ali, né. Então alguma coisa de útil eu fiz, né, porque meu nome está ali. Não só o meu como do povo que participava na época aqui tá tudo ali gravado no primeiro livro. Então pra você não é orgulho, é mérito, eu acho sabe, Karen. A gente fica assim feliz da vida, os filhos da gente pode, pôxa, mamãe, minha mamãe fazia alguma coisa, tá aqui (no livro), certo. Não é orgulho, acho que é um... sei lá, uma dádiva que trouxe pra gente, não sei.

Surpreende ao desejar partilhar sua experiência e ensinamentos com os demais

Porque eu achei que a gente tem que fazer algo. O que eu aprendi não posso ficar com isso só pra mim, eu tenho que passar pros outros. Tem o Evangelho que diz, aí de mim se não faço o que falo, aí de mim se não faço. Eu tenho que ditar, eu tenho que falar. Porque Karen, o Evangelho é uma coisa não é só pra você, se você aprende só pra você não adiante, você tem que passar a mensagem. Então o que fizeram comigo, eu não sabia, através das pessoas que sabiam foram passando a mensagem pra mim, foram explicando o Evangelho, e eu fui capitando uma coisa, outra, vendo. Então fui tirando da minha própria vontade o entendimento e daí

Porque eu achei que a gente tem que fazer algo. O que eu aprendi não posso ficar com isso só pra mim, eu tenho que passar pros outros. Tem o Evangelho que diz, ai de mim se não faço o que falo, ai de mim se não faço. Eu tenho que ditar, eu tenho que falar. Porque Karen, o Evangelho é uma coisa não é só pra você, se você aprende só pra você não adiante, você tem que passar a mensagem. Então o que fizeram comigo, eu não sabia, através das pessoas que sabiam foram passando a mensagem pra mim, foram explicando o Evangelho, e eu fui capitando uma coisa, outra, vendo. Então fui tirando da minha própria vontade o entendimento e dai pra frente comecei a explicar melhor, né. Porque ai eu já entendo como é o Evangelho, eu não entendia. Eu via lá, mas não entendia.

Sr. Valdir menciona que o envolvimento com a comunidade traz benefícios imediatos sem qualquer intenção prévia:

Ai meu Deus, e não sei, eu acho que é um trabalho que você está prosperando, também, você tá crescendo, né. Você ajudando seu próximo você tá, é, construindo o Reino de Deus pra você mesmo, né. E, você vê que numa comunidade, você vivendo numa comunidade, você jamais você vai sentir necessidade. Olha, eu e a Amanda tivemos uma vida sempre regular, Karen. Nós nunca dizemos assim um pro outro: hoje faltou pão na nossa mesa. Nunca, sempre tivemos o pão. E essa é uma das grandes recompensas você trabalhar para o Reino de Deus, trabalhar dentro de uma comunidade. É tão gostoso sabe, eu não sei, a coisa vem tudo pra gente, sabe. Vem assim, Deus é muito bom pra gente nesse sentido, sabe. Você trabalhando em uma comunidade, você tem a sua recompensa. Não é pra isso que a gente trabalha, né. A gente trabalha porque olha, a gente quer ver uma pessoa que está infeliz, a gente quer ver aquela pessoa feliz, quer ver aquela pessoa sorrindo. E a gente vendo aquela pessoa sorrindo, a gente sorri também, a gente é feliz.

Como uma pessoa evangelizada que é, Sr. Benedito explica o porquê do seu trabalho incansável na comunidade: *“Acho que a pessoa humana por menos favorecida,*

3. Caminhos de preservação da memória: fragmentos de continuidade

Uma comunidade de luta não se resigna diante das adversidades. Mesmo nessas condições duras e difíceis as pessoas continuam lutando e acumulam mais de trinta anos de dedicação.

A arte de esconder os ovos de Páscoa descrita por Benjamin (1995, p.237/9) pode ser relacionada às estratégias adotadas pelos antigos seguidores dos padres operários para reagir contra as ações que visam destruir sinais da experiência vivenciada. Os mecanismos são criados de forma silenciosa, mas eficientes e provocadores.

Esconder significa: deixar rastros. Porém, invisíveis. É a arte da prestidigitação. Rastelli sabia esconder coisas no ar.

Quanto mais aéreo um esconderijo, tanto mais engenhoso. Quanto mais livremente estiver exposto a todos os olhares, tanto melhor.

Portanto, de modo algum colocar em gavetas, armários, debaixo da cama ou dentro do piano.

Jogo honesto na manhã de Páscoa: esconder tudo de modo que tudo possa ser descoberto sem que nada tenha de ser removido do lugar.

Não precisa por isso estar a descoberto: uma dobra na toalha da mesa, um tufo na cortina pode já denunciar o lugar onde se deve procurar.(...)

E por falar em cidade grande, deve haver também uma palavra de conforto para os que moram entre paredes lisas como espelho, em móveis de aço, e que racionalizaram a existência absolutamente sem levar em conta o calendário de festas. Que olhem com atenção, apenas uma vez, para seu gramofone ou máquina de escrever e não de ver que, em espaço reduzidíssimo, têm tantos buracos e esconderijos como se estivessem morando numa residência de sete peças no estilo Makart.

Durante o período de convivência na comunidade já foi possível perceber o quanto a memória dos padres operários está viva, resistindo às mudanças. Boa parte dos livros editados no Brasil por eles foram encontrados nas estantes das salas de alguns moradores que participaram do nascimento da comunidade de base, ao alcance das mãos, em bom estado de conservação. Aliás, é importante ressaltar que a generosidade dessas pessoas

tornou possível a leitura das obras dos padres operários, livros esgotados e dificilmente encontrados nas bibliotecas.

Antes de cada lançamento de seus livros os padres visitavam os mais próximos com exemplares autografados para presenteá-los. No livro "Firmeza permanente" padre Domingos escreveu para Jorge: "A meu irmão Jorge, sinal de uma velha e antiga amizade bem profunda.". E Frei Manu: "A Jorge, irmão de luta na busca de justiça. Ajude-nos!".

Apostilas mimeografadas da iniciação bíblico-litúrgica da década de 70 ainda são usadas e guardadas com estima. O mesmo acontece com objetos do salão-capela confeccionados pelos moradores (livro de cânticos, candelabro e bancos de madeira) e com correspondência e fotos mandadas pelos padres quando viajavam para discutir sobre os trabalhos da comunidade.

Dona Amanda e Sr. Valdir transformaram o inquilino em hóspede. Desempregado, o jovem Ricardo não tinha mais como cobrir as despesas e anunciou a mudança para casa de amigos. Voltou atrás na decisão após a recusa do casal em aceitar o desligamento. Sr. Valdir mencionou: "*Que espécie de cristão eu sou se te deixar ir?*". O valor do aluguel cobrado era parte importante na renda da família, mas prevaleceu o sentimento de solidariedade que cultivam e praticam.

Não só na preservação dos objetos verifica-se a presença de uma época, também nas atitudes. Sabe-se hoje, a partir da convivência com o grupo, que as pessoas, ainda que em menor número, continuam o trabalho iniciado na comunidade eclesial de base e respondem às novas modificações locais. Encontram-se para discutir os problemas do bairro e atender a algumas necessidades dos moradores mesmo com inúmeras dificuldades e sem o apoio de lideranças religiosas.

A partir da experiência vivida e da descoberta de seus interesses comunitários, os antigos membros procuram manter as atividades em andamento na companhia dos novos integrantes. Dona Amanda é ministra da eucaristia e junto com Dona Glória conseguiu erguer e manter uma creche concretizando um projeto germinado pelos padres e pela comunidade. Dona Sônia é ministra da Eucaristia e catequista. Dona Vânia dirige uma instituição de auxílio ao jovem dependente químico e morador de rua. Dona Augusta participa da Pastoral da Saúde e do grupo de cânticos. Dona Margarida e Dona Dulce da Pastoral da Saúde, Jorge da Pastoral Fé Política e do Conselho Gestor de Saúde, Sr.

Benedito do Conselho Gestor de Saúde. Lúcia participa da Pastoral Fé e Política, do Conselho Gestor de Saúde e da catequese de criança. Dona Olga, embora seguidora da igreja evangélica, está atenta aos acontecimentos da comunidade. Acolhe em sua casa aqueles que gostam de uma prazerosa discussão sobre os fatos.

Vale mencionar os trabalhos da creche, Pastoral da Saúde, Conselho Gestor de Saúde e a Pastoral Fé e Política, citados acima.

A instituição fundada por Dona Glória funciona como creche que atende crianças da comunidade. E não por acaso tem o padre Domingos Barbé como fonte de inspiração e motivação para os trabalhos atuais. Dona Amanda esclarece:

Era um sonho do Domingos, que o Domingos ele tinha muita vontade de ter um lugar para dar comida pras crianças das ruas, pra ter um lugar pra gente olhar as crianças pras mães trabalharem, entendeu? A gente tem que trabalhar, né. Tem mãe que tinha três, quatro, mas não podia trabalhar porque tinha crianças. Creche não tinha, agora é que tem, antes não tinha, né. Então, era um sonho dele. Só que ele foi embora daqui. Então Dona Glória, ela abraçou isso. Dona Glória conheceu muito ele, sabia que era a vontade dele, por isso que ela fez essa creche. Como diz, igual ela fala, do que adiantou então a gente ter tanta lição de vida e não por nada em prática? Então a gente tem que por alguma coisa em prática, né. Então a comunidade, a, a creche é uma das coisas que a gente continua, que ainda tá em pé.

A creche sobrevive por meio de doações espontâneas dos pais das crianças, da comunidade e verba da prefeitura. Frequentemente são organizadas festas no próprio local para venda de lanches como forma de arrecadação de dinheiro. Nessas ocasiões conta-se com a participação de alguns membros da comunidade, fiéis ao trabalho desenvolvido. O caráter ecumênico pode ser verificado na composição da diretoria e nas crianças que frequentam o local.

Como muitas casas do bairro, a construção da creche está inacabada. Dispondo de terreno pequeno, a idéia inicial era construir dois andares e aproveitar todo espaço

possível. O projeto não chegou ao seu final, apenas a parte térrea está construída. Toda área é tomada pelo cimento. As paredes externas esperam por tintas, a calçada de nivelamento. Ao entrar no estabelecimento percebe-se a falta de iluminação e ventilação adequada. O único espaço reservado às crianças é dentro da casa, não há área aberta para a recreação.

Pilhas de tijolos, resíduos da última reforma, estão colocados num canto da creche, mas não esquecidos. O dinheiro arrecadado não é suficiente para dar prosseguimento à obra, se perde nos gastos com alimentação e funcionárias. A sustentação da casa é a própria Dona Glória, presente nos momentos difíceis com seu otimismo e envolvimento que empolga a todos que a cercam:

Então (suspira) é difícil, se eu fosse olhar o serviço, assim, dedicar mesmo à família, eu não teria tempo de fazer nada na creche.... né. Só que eu não consigo ficar dentro de casa trancada, eu tenho um trabalho, eu tenho um trabalho aqui em casa mas também tenho um trabalho na creche. Um trabalho que foi com muita luta, foi com muito sacrifício. A gente se reuniu muito pra conseguir fazer esse trabalho. Então, quando, foi uma coisa que eu senti muita força de vontade e... tá sempre dando uns cutucões nos outros, vamos fazer isso, vamos fazer isso. Se eu deixar, a gente não pode deixar muito só por conta dos outros, né. Eu falo, ó você, a gente luta por uma coisa depois vai jogar nas costas dos outros, não. Eu sei que enquanto eu tiver vida eu tenho que lutar por esse trabalho como eu luto por minha família. São duas famílias que eu tenho, diferente uma da outra, né. Mas são duas famílias, porque lá também é uma família, porque é filho dos outro que a gente tá tomando conta, né. E é uma creche assim muito pobre assim, a gente e luta com muita dificuldade. Então eu acho assim que... é, é difícil. Mas eu consigo é... por as coisas no lugar.

E ela é quem mais sofre com as condições físicas precárias do estabelecimento e as críticas ao seu trabalho:

Agora, hoje, hoje nós temos a nossa creche muito pobrezinha. Eu tenho fê em Deus que a gente vai conseguir deixar pelo menos aquela creche bonitinha. Ela tá assim tão má acabada e a gente não consegue. Mas eu tenho fê em Deus que a gente vai deixar ela bonitinha assim... um lugar assim bonitinho, que todo mundo chegue e fale, ah que bonitinho, que ela só tá feinha. Mas é o local, aqui (na igreja) tinha muita cobrança, eles criticavam muito. Nossa Senhora, eu sofri muito. Dentro da comunidade ajudaram muito a gente, mas outras pessoas...

As deficiências da construção são contornadas pelo recurso humano disponível. Pessoas com baixo salário, o que os recursos financeiros permitem pagar, se dedicam aos cuidados das crianças. Mesmo assim, houve falsas e maldosas acusações de desvio de verbas e favorecimento de parentes de Dona Glória. Até mesmo um simples gesto de solidariedade como a doação de alimentos excedentes à comunidade é visto com maus olhos, sinal de que a creche não precisa de auxílio como parecia.

A relação de amizade entre Dona Glória, diretora, e Dona Amanda, cozinheira, fruto da convivência comunitária, traz outra dimensão para a relação de trabalho. Não há distinção hierárquica entre as funções. A pouca remuneração não compromete a qualidade das tarefas feitas. Dona Amanda, mesmo ciente de seus direitos trabalhistas, cede parte de sua hora de almoço e de saída para auxiliar sua colega de trabalho na cozinha.

Olha (sorri), esse trabalho é, é muito pesado. Só que a gente trabalha muito assim, mais por amor ao trabalho, por amor às crianças, por amor às pessoas. Porque quem tem as crianças lá na creche tenho certeza que precisa muito, são poucas pessoas ali que não tem muita necessidade... Então, é muito difícil você dizer: não, eu não vou, né. Então, o que a gente ganha na creche é uma quantia irrisória, não é um salário (ênfatiza), assim que você fala assim: não, eu ganho, eu ganho (ênfatiza) pra fazer aquilo. Não, a gente trabalha mais é por amor às crianças. Mas eu principalmente, você vê, eu tenho direito uma hora de almoço. Dona Glória fala, vê se você descansa uma hora de almoço. Eu nunca sai uma hora de almoço. Não, porque é muito serviço, né. Uma hora que eu ficar parada faz falta, então eu não fico. Eu entro às nove. Dona

Glória falou, você pode entrar a hora que você quiser, mais tarde. Mas eu procuro sempre entrar nove horas, oito e meia, nove horas e venho embora quatro e meia. Eu posso sair quatro horas, se eu quiser, posso dar o lanche e vir embora, ainda eu fico meia hora mais. Porque eu fico muito preocupada com a moça que me auxilia porque é bastante serviço pra ela. Então eu, sabe, eu fico com dó de deixar ela e ainda tem a, tem muito serviço por fazer, né. Então eu fico um pouco mais, né. É mais assim uma doação, vou falar bem a verdade pra você, é mais uma doação, apesar de tá sendo muito difícil pra mim, muito difícil por causa da casa, né, a minha casa tem muito serviço.

A Pastoral da Saúde é formada por mulheres entre 40 e 70 anos, e apenas um homem. Sobrevivem com pouco recurso, são pensionistas, aposentadas ou donas de casa que complementam a renda familiar com costuras ou confecção de bolos. Algumas apresentam problemas de saúde, andam com dificuldade.

A atuação do grupo é silenciosa e persistente. Fazem suas atividades a passos lentos e curtos nos intervalos da vida corrida. Reuniões periódicas são feitas para discutir o estado de saúde dos doentes assistidos e a descoberta de novos casos.

Pessoas pobres do bairro com receitas nas mãos ao sair do posto de saúde dirigem-se à casa de Dona Dulce, certas de que serão atendidas. Se for encontrado, o remédio, recebem imediatamente, caso contrário inicia-se uma busca de arrecadação de dinheiro entre seus membros para não deixá-las sem medicação. Ouvi relatos de membros da Pastoral da Saúde que ao se beneficiarem da isenção das tarifas dos ônibus em função da idade, se dispõem a ficar nas enormes filas dos centros de saúde do município em busca de medicação necessária para os enfermos da comunidade. É preciso disposição para acordar cedo, caminhar e enfrentar horas de espera sem a garantia de encontrar a medicação desejada.

O contato com o assistido é freqüente e duradouro como devem ser as relações entre membros de uma mesma comunidade. Não paira a desconfiança entre eles, sabem da necessidade real de cada um. Fazem visitas aos doentes a qualquer hora do dia, levando a comunhão e uma palavra de conforto – “*A gente tá vendo que a pessoa tá lá embaixo, mas a gente ergue lá em cima, né.*” (Dona Margarida). Nas visitas aos doentes que pude

acompanhar, presenciei situação precária, e fui surpreendida pela desenvoltura de seus membros em dar mensagens otimistas e ter conversas amenas diante de situações lamentáveis. O constrangimento ficou por minha conta por não encontrar palavras adequadas.

Não raro acompanham em consultas médicas, executam os serviços domésticos e de higiene pessoal dos doentes que não contam com o apoio dos parentes. Quando internados vão ao hospital visitá-los. Nos casos de falecimento assistem o luto da família. Para tanto, há uma preocupação do grupo na formação de leigos, existem ministras das exéquias (substituem o padre nas celebrações fúnebres) e da eucaristia entre eles.

De dois em dois meses realizam a "missa da saúde", de curta duração, respeitando as condições dos enfermos. Escolhem as leituras e os cânticos mais antigos. As preces são feitas por todos. Ao final é servido o lanche no salão ao lado do local de celebração. Segundo Dona Dulce: "*é o verdadeiro milagre dos peixes*". Ninguém combina o que trazer, mas no dia esperado comem, bebem e conversam satisfeitos. Dona Margarida nunca esquece dos bolinhos de arroz e da garrafa térmica de café com leite.

A chegada e partida dos convidados à missa é acompanhada por membros do grupo e familiares que se mobilizam na locomoção de pessoas, na sua maioria idosas, com rigidez nas pernas que fazem uso de bengalas e de óculos de grau elevado.

O acompanhamento do trabalho realizado pelos vicentinos se deu através de participação das reuniões, visitas às casas de famílias pobres e entrega mensal de cestas básicas, roupas, móveis, cadeiras de rodas e calçados, atividades anteriormente efetuadas pela Pastoral da Saúde. O grupo compreende casais com maior poder aquisitivo. O período de assistência obedece a certo rigor porque busca atender maior número de famílias em situação de risco. Os mais antigos questionam essa postura, acostumados a um menor número de assistidos e a vínculo fortemente estabelecido, acompanham famílias por anos e fazem parte de suas vidas.

A manutenção do grupo depende de doações espontâneas da comunidade e arrecadação de dinheiro em festas beneficentes. A procura dos assistidos é cada vez maior, para atender aos pedidos são feitos plantões aos sábados para cadastramento das famílias e triagem. Há preocupação com sacramentos e vida religiosa de seus integrantes e assistidos.

Nas reuniões semanais do grupo são comentadas partes do Evangelho e debatidas as possibilidades de beneficiar novas famílias e excluir outras que encontraram alguma fonte de renda. As visitas aos assistidos são iniciadas sempre com oração e leitura do Evangelho. Depois de ouvir do assistido sua situação econômica e familiar tentam passar uma mensagem positiva.

Os vicentinos vivem um drama ao se depararem com as doações insuficientes para atender a demanda existente. Às vezes a única saída torna-se desligar famílias que saíram da situação de risco e acolher outras em piores condições de vida.

O Conselho Gestor de Saúde é formado, ou deveria ser, por membros da comunidade, eleitos pelos moradores que fiscalizam o atendimento no posto de saúde local. O primeiro conselheiro indicado pela igreja e pela comunidade, Sr. Benedito defende a participação de todos cidadãos como forma de fiscalizar o emprego da verba destinada à saúde, evitando assim o mau uso do dinheiro público e a corrupção.

Descreve a situação do sistema de saúde que fiscaliza – *“É a coisa mais difícil é fazer médico cumprir horário, até hoje, a coisa mais difícil é fazer médico cumprir horário. Porque sempre tem o consultório dele, trabalha em dois, três lugares, né. Então quando é pra repartição pública, é a área que eles mais castigam o pessoal”*. O interesse pela saúde é assim esclarecido: *“porque o que mais sacrifica o pobre é o sistema de saúde, né. Se não tem hospital, não tem médico, pronto socorro às vezes não atende bem, né, essas coisas todas”*.

Os membros fazem visitas periódicas ao posto, nem sempre são bem-vindos. Em conversa com funcionários e usuários questionam como estão os atendimentos e as condições de trabalho, a frequência dos médicos, tratamento do usuário, relação estoque de medicamento e demanda. Fazem reuniões com a coordenação do posto para atender suas reivindicações. Organização de abaixo-assinado contra a saída de uma ginecologista apreciada por todos, pedido de criação de farmácia, aquisição de aparelhos médicos, criação de caixa de sugestões, afastamento de médicos que não cumpriam horários, agilidade nos agendamentos de consultas médicas, aumento do número de leitos em hospitais entre outras, são algumas ações desempenhadas. O que dá a exata dimensão de ser cidadão:

Que tem posto de saúde por aí que, que os pessoal reclamam muito. funcionário acha que é dono, trata mal, grita com os pessoal. Não, e aqui no posto não, pelo menos não tem esse problema, né. Eu não sei se é porque aqui tem esse trabalho, mas nem todos bairros têm o conselho gestor, nem todos bairros têm (Lúcia).

As conquistas foram muitas, porém Jorge queixa-se do descomprometimento dos usuários:

Só que os usuários ainda são pessoas medrosas, sabe, eles têm um monte de coisa pra comentar mas eles não querem se comprometer, sabe. Eles querem assim, dizer que tá faltando isso, tá faltando aquilo, que o médico isso, que o médico aquilo, mas eles, vamos fazer um relatório, vamos fazer um boletim, eles, não, aí sabe... Aí então não dá pra gente tá levando esse caso pra frente porque não tem como fundamentar depois, sabe.

Infelizmente são constantes as tentativas de usar o grupo como instrumento para promoção de vereadores locais ou de pessoas que se inserem a fim de galgar posições profissionais sem identificação com a proposta de trabalho. Houve casos de moradores que entraram no conselho a serviço de um político. Ao tomar conhecimento de algum problema do posto, comunicavam-se com o vereador para que tomasse providências e recebesse sozinho os méritos do desfecho. Uma das dificuldades enfrentada pelo grupo é desmontar o *slogan* do município segundo o qual seu sistema de saúde é o melhor do país.

Dona Dulce sabe do interesse político que desperta o conselho, mas consciente de sua possibilidade de ação como membro da Pastoral da Saúde, não se deixou enganar com as falsas homenagens no final de seu mandato como conselheira de saúde na cerimônia realizada na prefeitura:

Fui até homenageada pelo secretário (da saúde) no último dia lá. Quando foi passada a, pra outra turminha, né. Por que eu fui, eu sempre sou uma pessoa Karen que gosta de ajudar o povo. Então quando eu, quantos dias eu cheguei lá no posto de saúde que eu tinha muita

novalgina aqui em casa que eu ganhava, levava pro posto, porque você não pode desperdiçar as coisas, né, entende. Você vai lá vê que tá faltando, uma farmacinha que tinha lá, né. Pois teve um dia que eu cheguei com xarope lá, com novalgina, não tinha no posto. Então na mesma hora foi dado pra criança levar pra casa pra beber, certo. Então você vê que é isso que eu vejo assim, você entende, em (Pastoral) Fé e Política, tá entendendo? Eu vejo assim, que nós, nós temos, devemos lógico, fazer o projeto, pedir pros governos, exigir dos governos que é direito deles, mas enquanto eles não resolvem pra nós, nós temos que ir ajudando, dá pra entender? Acho que nós temos que fazer assim. Então foram essas coisinhas aí entende, ele (o secretário da saúde) resolveu me homenagear no dia lá, que eu era modelo pra, que me conhecia de nome, claro que alguém foi lá falar, né, que me conhecia de nome, que sabia que eu, que eu ajudava o, o bairro, que eu ajudava até o posto de saúde, né. Papo furado Karen, né (risos).

O Conselho Gestor de Saúde enfrenta impedimentos no exercício de suas funções criados pelo prefeito. Uma série de ações conduz para o fim de mais esse direito. De acordo com relatos dos moradores, nas últimas eleições para novos conselheiros duas chapas foram apresentadas, a da comunidade e a dos funcionários da prefeitura. O prefeito dribla o regulamento e escala alguns funcionários para integrar o conselho. O objetivo é estar em todo lugar que o povo tenha o direito de observar e reivindicar os serviços prestados. Entretanto, membros da comunidade não desanimam, aproximam-se de outras organizações comunitárias para garantir o exercício da cidadania.

No grupo de oração em que participam Lúcia, Jorge, Dona Dulce, Dona Augusta e Dona Margarida, é feita a leitura do Evangelho aos olhos dos acontecimentos atuais, a reza do terço e orações. São grupos compostos por famílias residentes nas proximidades que semanalmente se encontram em uma das casas de seus integrantes. Para os membros da Pastoral da Saúde os encontros facilitam a localização de doentes da comunidade de forma a ampliar sua atuação e observação das necessidades. Lúcia salienta:

Só que o nosso coordenador, ele fala, olha gente, vamos discutir esse Evangelho assim pra não fugir do fio da meada, né. Então ele estabelece uma regra pra o Evangelho ser discutido, mas sem fugir. Porque dá a entender que ele não quer que entre assim, a parte política do Evangelho, ele não quer que entre, né.

E ela consegue desviar desta orientação e pontuar sempre que necessário às relações com a vida diária.

A maioria dos integrantes da Pastoral Fé e Política é composta por homens, apenas uma mulher, Lúcia, pertence ao grupo. Este fato aparentemente insignificante traz problemas em uma sociedade que vincula a participação política ao homem:

Bom, meu trabalho lá foi, eu fui uma vez no encontro, gostei né e fiquei gostando e participando. O grupo era pequeno, era muito pequeno, mas... O único problema maior também de eu ter me afastado é que não tinha mulher, era mais homem. E eu achei, eu falei pro Rafael, Rafael (um dos coordenadores do grupo), mas só tem homem! Não, mas você precisa convidar as mulheres. Mas não tinha ninguém pra convidar, a mulher não quer ir porque não sei o porquê, negócio de fé e política, acha que é negócio que é pra homem, fica aquele negócio meio. Sabe, pra mim eu via que era pra mulher também, eu não via assim. Agora o problema é que só tinha homem, é chato você tá no meio só de homem. Não por ser homem, ser mulher, eu me sentir inferior, me senti igual também. Mas aí ficava difícil pra eu ficar só homem, só eu de mulher? Aconteceu caso de meu marido não poder ir e eu ficar, eu ficava assim chateada. Aí eu não tinha vontade de falar porque quando tem uma mulher você sente perto dela, né, eu comecei a ficar com vergonha.

O conflito entre o desejo e as normas sociais fez com que em algum momento deixasse de participar. Atualmente é uma das mais frequentes.

Membros da pastoral sofrem ao participar de um grupo pouco aceito na comunidade. Não encontram espaço para falar de suas reuniões e ações com alguns

moradores. A palavra política é suficiente para causar mal estar, e a insistência no assunto pode colocar em risco uma amizade de anos. A recusa pode ser compreendida ao considerar que o termo política é imediatamente associado aos partidos políticos desacreditados pela população.

As reuniões mensais ocorrem à noite. A previsão de uma hora e meia nunca foi cumprida. As discussões são calorosas, estimulam a participação de todos e o tema não se esgota com o tempo. Em seguida o café com biscoito prolonga o encontro, agora para outros assuntos. Vale lembrar que a maioria é composta por trabalhadores com horários rígidos de trabalho e que moram longe de seus empregos.

O encontro divide-se em duas partes complementares. Em um primeiro momento costuma-se ler o Evangelho e discutir de acordo com o momento social e político do país. No outro a discussão segue o tema inspirado na leitura e demais assuntos referentes às dificuldades apresentadas no cotidiano do bairro. Às vezes o grupo sente a necessidade de convidar alguns vereadores da região para esclarecimentos e cobranças. Ainda que a melhoria do bairro seja evidente, muitos problemas se apresentam: má iluminação pública, escassez de linhas de ônibus, ausência de espaço público para o lazer, presença de animais nas ruas.

Algumas vezes observei cenas que sugerem palanque político, nem sempre o grupo consegue impedir a fuga dos vereadores quanto ao objetivo do encontro e o debate toma outro direcionamento. Os vereadores em questão são moradores do próprio bairro, suas famílias conhecidas. A simpatia e a lembrança da juventude por vezes embaraçam a percepção do foco em questão. Ao final desses encontros sempre há um plano de trabalho entre os membros e convidados que incluem reuniões, visitas à prefeitura, à câmara de vereadores e às empresas de ônibus.

A exemplo do Conselho Gestor de Saúde, a Pastoral Fé e Política enquanto organização de pessoas que se encontram sistematicamente, sofre infinitas tentativas de infiltrações de políticos que visam prestígio pessoal. As reuniões despertam o interesse de políticos mal intencionados em busca de influências na comunidade, sem a contribuição significativa na discussão.

Não é justo que órgãos sindicais e partidários usem e abusem das pastorais como seu instrumento político; seria inverter a ordem das perspectivas e fazer das comunidades de base, que são eminentemente evangélicas, meros estribos eleitorais sem conteúdo nem projeto próprio. Na luta pelo Reino universal os olhos do cristão devem ser os que vêem mais longe e mais fundo: nada de ilusões fáceis, nada de novos mitos, nada de novos cativeiros (BOSI, A, 1983, p. 16).

No encontro anual promovido pelo grupo no centro catequético há organização e empenho em sua organização. Palestrantes são convidados a participar do encontro, padres, religiosas e leigos contribuem no debate sobre fé e compromisso social. Os participantes são membros da comunidade e de bairros vizinhos, passam o dia no local. O almoço é uma grande festa. Mulheres da comunidade dividem-se na preparação do almoço comunitário numa cozinha improvisada. Preparam macarronada, frango e salada, ingredientes arrecadados espontaneamente por seus membros. É comum nessa hora aparecer os demais integrantes da família que não participaram do encontro, como filhos, irmãs e cunhados para a confraternização.

A instituição da qual Dona Vânia faz parte apóia crianças e adolescentes usuárias de drogas que vivem na rua e perderam o vínculo familiar. No local encontram refeição, banheiro e lavanderia para higiene pessoal, além de educadores disponíveis a acolhe-los. A procura é espontânea, sabem da entidade por meio dos amigos ou pelos profissionais que circulam pelos bairros e conversam sobre a proposta de trabalho.

Existe uma aproximação entre a Pastoral Fé e Política, o Conselho Gestor e a Pastoral da Saúde, muitos integram mais de um grupo. Há um clima de cooperação entre eles. Por vezes o problema vivenciado por um grupo é tema de discussão dos demais. A amizade também é mantida entre eles, todos os grupos acima citados constituem laços de solidariedade.

As pastorais preservam a prática quase desaparecida nos dias atuais, a visita demorada e solidária.

O cansaço, as horas extras de labuta sugam o alento, fragmentam o mundo, separam os amigos. Mas, em algumas datas, as visitas retornam, os amigos se encontram, os fragmentos se religam. A especulação urbana criou rupturas e abismos entre os que se querem ver, mas os pontos distanciados se aproximam, e o mapa afetivo da cidade se reconstitui então.

Os crentes populares entendem a visita às casas do bairro, em especial às casas dos doentes, como uma missão, um prolongamento do culto.

Nada na sociedade atual favorece tais encontros: a estafa diária, a jornada intensa de trabalho, a televisão, tudo procura impedir a visitação dos pobres. A visitação que age em sentido contrário do isolamento e desenraizamento.

No entanto, como no Evangelho de Lucas, Maria visita Isabel, os vizinhos visitam Isabel e Zacarias, os pastores visitam José e Maria, e Maria sobe a Jerusalém (BOSI, E. 1987a, p.38/9).

Enfim, são pessoas que não gozam de muita saúde ou sofrem com o desemprego mas são “militantes cristãos, semente e fermento”, como nos ensina Bosi, A, (1983, p. 11), “(...) presença discreta, mas firme e operosa, em todas as estruturas do mundo onde as injustiças fez o seu assento (...)”. Ocupam-se quase sempre em mais de uma tarefa, em horários que para a maioria são reservados ao descanso. Até membros de uma mesma família se engajam em projetos comunitários não sem muita dificuldade, cansaço e às vezes desânimo.

4. Resistência ao esquecimento de uma prática

A vontade de continuar, de “*não esfriar*” como disse Dona Sônia, faz com que os depoentes estejam presentes nas posições da comunidade e dialoguem com o estabelecido, provocando comparações das épocas, mal estar e desentendimentos. Essas pessoas não se cansam de afirmar a experiência de comunidade eclesial de base.

O convívio na comunidade e o desenvolvimento dos trabalhos não ocorrem de forma pacífica. As diferentes formas de pensar e agir em grupo, as críticas destrutivas, a formação de grupos discordantes, são exemplos dessa convivência conflituosa.

Você vê, depois que os padres operários foram embora, foi muito difícil as pessoas aceitar a gente, até agora, você pensa? Assim, a gente não tem assim, é, oportunidade, de expor alguma coisa, não pode. Precisa sempre tá com aquilo sufocado. Porque hoje tem ministério na igreja. Mas há trinta anos, trinta e dois anos atrás só na comunidade que tinha, entendeu? Todos os ministérios quem exerciam eram os padres. Você pode ver que agora que tem ministro da Palavra, de uns dez anos pra cá, não tem? Mas naquela época não tinha. Os padres diziam assim pra nós, a gente dizia: ai padre, mas eles nunca vão aceitar nós. Eles diziam assim: mas eu não tô preparando vocês pra agora, eu tô preparando você pra daqui uns vinte anos, vinte e cinco anos. Ó, chegou a época, chegou a época (Dona Amanda).

Continuar na comunidade com as transformações atuais requer habilidade e persistência para não deixar de lado suas referências iniciais.

Que eu vivo até hoje na comunidade só que eu aceitei o trabalho de hoje como ele é feito hoje, mas o trabalho que eu fazia antigamente era muito mais gratificante, era muito mais... Hoje em dia a gente trabalha, faz uns trabalhos na comunidade, mas não é como antigamente, não é de jeito nenhum (Lúcia).

Conforme a opinião de Chauí (1987, p. 157)

Poderíamos dizer que a crítica do novo e a defesa do velho se inscreve no espaço definido pela opressão: diante da impotência presente e da falta de esperança num futuro melhor, o passado opera como referencial para o imaginário elaborar a diferença temporal, fazendo do passado um outro tempo possível.

Dona Glória não nega a experiência vivida e reconhece os esforços dos novos integrantes em trabalhar pela comunidade.

Acho que eles (padres operários) deixaram a gente com uma bagagem. Acho que se a gente não usa muita coisa que eles deixaram, também, por exemplo, a comunidade aí cresceu bastante. A gente também não vai ficar falando, porque muitas vezes até eles nem gostam, porque a gente até atrapalha o trabalho deles. Porque a gente fica falando, ah porque no tempo dos padres operários... eles sabem que a gente fica lembrando muito das coisas passadas, né. O que a gente aprendeu, bem, só que a comunidade tá caminhando bem, tem muita gente participando, também não adianta remoer aquilo que já passou. A gente aprendeu bastante, muito bem, vou fazer, vamos tá ajudando aquilo que a gente pode fazer e deixando pros outros trabalhos, que os outros façam o trabalho deles.

Nota-se o empenho dos sujeitos em conciliar o presente e passado, a vivência anterior com os direcionamentos atuais da comunidade. Como disse Bosi, A (1992a, p. 29): “O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo. Ouvir a voz do outro é caminhar para a constituição de uma subjetividade própria.”.

Os sujeitos reconhecem as formas de atuação em andamento sem esquecer as diferenças com o trabalho anteriormente desenvolvido.

Então a gente não pode viver só do passado. A gente vai viver daquelas coisas boas que a gente aprendeu que a gente nunca vai esquecer. Quando tiver oportunidade a gente tá falando, porque foi coisa muito boa que plantou uma semente, que plantou e jamais a gente vai esquecer. Mas acho que agora eles tão em outro lugar. Eles fazem a mesma coisa, vão embora, mas a linha dos outros padres é outra linha, outra... (Dona Glória).

Sr. Valdir conclui sobre a diferença de duas épocas: “Só que dos padres operários hoje em dia não tem aquele, aquele pique, sabe. Não tem aquele entusiasmo, sabe Karen.”.

Os antigos membros da comunidade teimam em estar presentes no altar como prova viva de que a experiência não foi em vão, de que existe uma história da comunidade construída por eles que muitos desconhecem. Esta presença incomoda especialmente quando o direito de voz é permitido. Sr. Valdir foi ministro da Palavra na comunidade de base e recentemente fez curso de atualização que permite o exercício de sua habilidade nos dias atuais. Depois disso não chegou a celebrar uma única vez. Em reunião com outros ministros da comunidade questionou a escala de trabalho dos ministros e do padre. Sendo o padre responsável por três igrejas não é possível celebrar todas as missas na comunidade. Entretanto, as datas nem sempre eram obedecidas. Sr. Valdir não entendia porque teria que aceitar o chamado de última hora para substituir o padre sem consulta prévia e ao mesmo tempo ceder o seu dia de celebração quando o padre assim quisesse. O resultado de seu posicionamento foi a recusa do pároco em reconhecer o seu ministério.

A decisão foi tomada de forma nada democrática. Sr. Valdir acostumado às visitas dos padres operários em sua casa para uma conversa amigável e companhia nas refeições, teve a princípio a ilusão de que o aparecimento do padre no seu trabalho, anexo da casa, teria a mesma finalidade. Convidou o padre para entrar e ver seu plano para a primeira celebração. O convite foi negado e o engano confirmado quando o padre comunicou sua decisão, embasada em comentários de terceiros e sem qualquer possibilidade de diálogo, em afastá-lo do ministério.

Sr. Valdir, abalado com os acontecimentos, deixou de frequentar a igreja da comunidade, passou a participar das missas na catedral. Eventualmente participa de reuniões nas casas de amigos para oração, leitura e discussão do Evangelho. Tempo é o que Sr. Valdir precisa para superar os acontecimentos humilhantes e voltar às atividades comunitárias. Os amigos se solidarizaram, mas não a ponto de problematizar o acontecido com o padre.

A saída de Dona Glória da igreja católica para a evangélica foi motivo de tristeza para uns e de crítica para outros. Os parceiros de comunidade de base fazem parte do primeiro grupo. O sentimento desolador era tão predominante que nada com relação ao fato era dito. Dona Amanda soube por outras pessoas e disse não ter coragem de tocar no assunto em respeito à decisão nada fácil de Dona Glória, o mesmo pensou Dona Sônia. Felizmente a amizade e a colaboração nos trabalhos da creche continuam.

Ela que resistiu até recentemente à frente da catequese de crianças. Prática comum nas igrejas, a preparação para a Primeira Comunhão com Dona Glória seguia abordagem diferenciada. Não bastava o conhecimento da Bíblia, a associação com a vida cotidiana era uma constante.

Eu quando ia dar na minha catequese eu falava pras crianças o que acontecia no mundo. Por exemplo, tinha um lá naquele lugar, você viu aquelas crianças que estão, que passou na televisão, aquelas crianças barrigudinhas, tudo morrendo de fome, tal? Eu colocava pra eles saber que enquanto eles tinham tudo, eles tinham que dar valor naquilo que eles tinham, tinha pessoa que passava fome no mundo. Tinha que, falava muito das pessoas, dos meninos que estavam ai fora que iam fumar droga, que estavam na rua, os meninos que tava na rua que os pais... Então eu, eu tinha mais aquela visão que a gente não pode só falar assim rezar o Pai Nosso, Ave Maria, ler o Evangelho, falar tá tudo legal, não. Ensinar a criança que em volta delas tem problema, tem muitos problemas e elas precisam conviver com os problemas e saber que enquanto elas têm tudo, tem outro que passa fome. E que a gente precisa saber disso.

Agora, naquele tempo eu era, e eu falava mesmo, não tinha dúvida. Fiquei 20 anos na catequese, não queria nem saber, eu falava. Eu sabia que às vezes eu estava lá na sala dando a catequese e tinha gente em volta vendo o que eu estava dando pras crianças, né, o que essa mulher tá ensinando pras crianças. Eu, eu sabia disso.

É pertinente salientar que a decisão foi tomada tempos depois da entrevista. Em um fragmento de seu depoimento gravado pode-se dizer que a idéia já estava em pauta, mas encontrava uma boa resposta para acalmar a inquietação:

Muita gente não gosta de mim por causa desse meu trabalho. Porque me chamava (para criticar e convencer a desistir do trabalho) e eu, eu falava assim, afinal de contas vocês não são cristãos? Então eu sei que muita gente não gosta de mim. Mas eu falo pra você, se a gente falar

assim eu não vou na comunidade, não vou na igreja porque esse povo... Então a gente não tá, não tá seguindo a Deus. Porque se você olhar de verdade só quem não tem defeito nenhum é o Cristo. E assim mesmo foi apedrejado, foi morto, porque alguém achou defeito nele. Imagina nós. Fala assim, ah eu não vou nessa igreja, vou em outra porque ali tem defeito. Não é assim não, acho que se a gente tá seguindo Cristo, a gente tem que seguir a ele. Porque só nele você não vai achar defeito, mas no lugar que só tenha gente, o homem feito de carne e osso, é difícil.

É preciso deixar claro que o afastamento se deu em função da hostilidade de alguns membros da comunidade e padres. Dona Glória poderia listar os motivos que levaram a esta decisão. O descontentamento vem de muito tempo. O trabalho com crianças iniciado na época da comunidade de base sofreu duras críticas de alguns membros, embora pondo em prática os ideais cristãos com a ajuda de voluntárias, abrigando crianças e adolescentes em período inverso ao de aula com atividades recreativas e pedagógicas, além de alimentação. O trabalho resistiu a várias trocas de padres, mas não a última. Alegando necessidade de reforma da igreja e construção de salão de festa para aluguel e arrecadação de fundos, o padre, apoiado por alguns membros da comunidade, estabeleceu prazo para a retirada das crianças – *“Ele, é, a gente quer arrumar o salão, porque a gente precisa de um salão bonito porque o salão era feio mesmo, os meninos sujaram tudo a parede. Eu falei... quando foi o fim do ano que Deus tenha misericórdia, que nós vamos conseguir.”* (Dona Glória).

Dona Glória poderia desistir, mas recorreu à prefeitura do município para solicitação de terreno e construção da instituição. E mais, não se deixou levar pela recusa do novo, tentou se aproximar do padre convidando-o para participar do trabalho, sem sucesso:

O padre, esse padre que chegou aí agora, logo que ele chegou nós convidamos ele pra visitar nossas crianças no salão. Ele nunca visitou, nunca visitou, já é diferente, né. (...) Eu falei pro padre, pôxa padre, eu falei pra ele, convidei o senhor pra visitar o nosso trabalho aqui dentro da igreja como o senhor não visitou nosso trabalho? Ficou calado.

Fiquei muito triste com o senhor, falei, fiquei muito triste porque o senhor deu valor a conversa de uns poucos que já, quer dizer, que já metia o pau na gente, né. E ele ficou com, e não foi visitar nossas crianças, e até hoje ele não visitou nossas crianças. Ah, não sei, tenho muito trabalho. Falei tudo, falei com ele, mas falei.

Como foi dito, a decisão do padre partiu de opiniões de pequeno grupo da igreja, não houve disponibilidade em observar com atenção e ouvir outros depoimentos sobre o que estava sendo realizado.

Ah, criticavam demais o trabalho. Tudo que parecia de errado na comunidade eram minhas crianças, crianças de Dona Glória, tudo que aparecia de errado na comunidade era minhas crianças. Tudo que aparecia. Não ajudavam, sabe, não ajudavam. Mesmos o padre que estava aí era o padre Sérgio, estava na diretoria, ele não ajudava a gente. Ajudava os outros, cacetava a gente. Eu também cacetava ele. Porque eu falei não adianta viver com o Evangelho na mão e quando é na hora do vamos ver ninguém quer nada, só critica, só critica. Porque você não chega, ó, vou ajudar vocês, o que que vocês estão precisando? Tudo, nossa se critica. (...) Teve uns que deu muito a mão pra nós. Mas tiveram outros que deixaram a desejar.

Lúcia conta que os jovens assistidos por Dona Glória na igreja eram chamados de *barbezinhos* por pessoas que discordavam de sua atuação, alusão pejorativa ao idealizador do trabalho, Domingos Barbé.

Assim, o padre não está sozinho na opção de silêncio com relação aos problemas sociais existentes, encontra adeptos na comunidade.

São sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano; quatro ou cinco que lhe conservam o país inteiro em servidão. Sempre foi assim: cinco ou seis obtiveram o ouvido do tirano e por si mesmos dele se aproximaram; ou então por ele foram chamados para serem os cúmplices de suas crueldades, os companheiros de seus prazeres, os proxenetas de suas

volúpias, e sócios dos bens de suas pilhagens. Tão bem esses seis domam seu chefe, que ele deve ser mau para a sociedade não só com suas próprias maldades, mas também com as deles. Esses seis têm seiscentos que crescem debaixo deles e fazem de seus seiscentos o que os seis fazem ao tirano. Esses seiscentos conservam debaixo deles seis mil, cuja posição elevaram: aos quais fazem dar o governo das províncias ou o manejo dos dinheiros para que tenham na mão sua avareza e crueldade e que as exerçam no momento oportuno; e, aliás, façam tantos males que só possam durar à sua sombra e isentar-se das leis e da pena por seu intermédio (La Boétie, 1999, p. 31/2).

Dona Glória lembra que o trabalho também encontrou defensor, o padre Miro apoiou como deveria – *“Mas de outro lado também eu agradeço a Deus por ter enviado naquela época o padre Miro, que ele foi quem abriu as portas pra nós, porque se fosse hoje ele não deixava a gente nunca sair daquele salão”*. Lembrado por muitos como alguém que mais se aproximou dos ideais comunitários, quando integrou a comunidade, conta Jorge, a primeira decisão foi visitar cada morador das proximidades da igreja e se apresentar. Além disso, tomou o cuidado de auxiliar as atividades em desenvolvimento, respeitando a trajetória de cada grupo.

Frente ao choque entre a experiência de comunidade eclesial de base e as direções carismáticas atuais da Igreja católica, Dona Olga encontrou como única saída para o impasse a adesão a uma igreja que se define apolítica.

(...) porque você não volta atrás, eu não ia mais voltar a uma igreja conservadora dessa, não ia, pra eu rezava o terço, eu não tinha imagem mas também não tinha nada contra ela, você tá entendendo. E todo o costume de uma igreja católica tradicional, de repente fico com o Evangelho na mão me falando dos dois lados. De um lado eu aprendia a parte política, do outro, pelo Evangelho eu aprendia a política da Igreja Católica. Quer dizer, então eu fiquei nesse meio termo que não dá, você sabe você sabe, não dá mais pra você dizer que não sabe, né. Então foi isso que houve porque eu sempre fui uma pessoa, mesmo sendo católica, uma pessoa religiosa, vamos dizer, do meu jeito dentro das igrejas

católica eu era religiosa. Ai fiquei e aprendi a ficar uma pessoa evangélica. De repente ter que voltar pra uma igreja que voltou pra procissão, voltou pra romaria, voltou pro terço, voltou pras imagens, eu não posso ficar numa coisa dessa porque eu aprendi que isso não leva a nada, você tá entendendo. Então eu aprendi essas duas coisas e tô aqui no meio, meio termo (risos).

Dona Glória admite que por ter visto a comunidade nascer e fazer parte de sua história esperou muito dos amigos e padres no trabalho que desenvolve e acredita: “*É Deus no céu e essas crianças na terra.*”. Na nova igreja as expectativas e cobranças são menores já que desconhecem sua luta.

Dona Olga não consegue se livrar de suas inclinações. Visita os doentes de sua comunidade religiosa, acompanha nas consultas médicas. Também integra um grupo de costureiras que reforma roupas doadas e oferece aos mais pobres. Desrespeita as recomendações da igreja e se inteira das discussões políticas. Assiste aos noticiários da TV, lê jornais e livros. Recentemente estava entretida na leitura de um livro que a nora universitária emprestou sobre globalização. Vive um conflito: como abdicar de sua vida de militante? Ainda reclama seus direitos quando se sente lesada nos transportes coletivos e atendimentos públicos de saúde. Como não pode atuar politicamente é voz solitária, incapaz de mobilizar e organizar pessoas. Resta comentar a atuação do passado e esperar que com isso provoque e incentive os mais próximos na participação comunitária que integrava. Dona Olga conclui: “*Karen, uma pessoa como eu que viveu tudo isso, não pode ficar parada, tem que arranjar alguma coisa pra dar ânimo.*”.

Nas decisões de Sr. Valdir, Dona Olga e Dona Glória, o apego ao direcionamento oposto às idéias de comunidade de base revela descompromisso, covardia, conformismo? Ou será manifestação de decepção? Trata-se na verdade da mais profunda coragem, clareza de seus objetivos, sinal de resistência? A postura radical na escolha de uma religião que bane sua prática política marca o descontentamento frente aos direcionamentos da igreja, reação pouco esperada de militantes cristãos que sempre defenderam e praticaram a mobilização das pessoas, as reivindicações e as discussões? A convivência com a despolitização gradual da Igreja Católica não poderia ser suportada sem antes causar sofrimento psicológico? A mudança significou a busca por outras formas de preservar o

que se aprendeu com a experiência da comunidade eclesial de base, os ideais construídos? Certamente as indagações permanecerão sem respostas.

O contato com alguns padres ainda vivos no país e na Europa permanece com parte dos moradores como Sr. Valdir, Lúcia, Jorge e Dona Amanda. Ela mesma conta: "*Não entendo como eu, uma pessoa insignificante aqui no bairro*", pode ser lembrada ainda hoje. O contato restringe-se a trocas de correspondências e informativos sobre a MOP. As cartas são endereçadas a estas pessoas e logo percorrem as casas dos conhecidos, todos querem saber notícias dos padres.

Há notícias de visitas esporádicas de Frei Manu e padre Gaspar. Ambos continuam escrevendo para alguns membros da comunidade. Dona Olga, Sr. Benedito e Dona Amanda guardam correspondências dos padres acumuladas ao longo do tempo. Cartas de valor inestimável e talvez por isso de acesso restrito. Mais de uma vez foi solicitada a leitura do material com a finalidade de obter maiores informações sobre o período de convivência dos padres com a comunidade. Apenas Dona Olga aceitou ceder algumas das que possui e faz questão de dizer que mesmo longe e saudoso, Domingos ao viajar escrevia sobre tarefas em andamento pelo grupo. Em consideração às pessoas que participaram da pesquisa, a decisão de não compartilhar os escritos é aceita. Não cabe a insistência e o convencimento quando as ações sugerem a preservação de algo íntimo e valioso.

A experiência vivenciada deixou marcas profundas em seus participantes, padres e moradores. Diante disso, poderia se esperar uma ligação mais próxima e pessoal entre eles, já que alguns permanecem no país. Talvez a opção pelo afastamento seja para evitar o confronto entre as orientações da igreja e do padre atual. Cabe questionar a responsabilidade dos padres nas transformações das vidas desses sujeitos e a manutenção dos vínculos formados.

As dificuldades não são poucas. As pessoas que mantêm princípios comunitários recebem críticas, convivem com a ausência de liderança religiosa e a descrença do mundo atual. Por que continuam a lutar? Essa pergunta será aprofundada nas páginas a seguir.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Ensinaamentos enraizados

Ao pensar sobre a influência da experiência de comunidade eclesial de base para a vida de cada um, as palavras semente, raiz e broto foram citadas por mais de um entrevistado, todos elementos indicadores de um processo de crescimento e perpetuação. Etapas cíclicas e intermináveis que podem sofrer com mudanças bruscas externas e falta de cuidados, sem impedir a possibilidade de permanência e germinação, como La Boétie (1999, p. 21) menciona:

As sementes do bem que a natureza põe em nós são tão miúdas e escorregadias que não podem suportar o menor choque do alimento contrário: abastardam-se mais facilmente do que se mantêm, dissolvem-se e se anulam tanto quanto as árvores frutíferas que têm um natural próprio que conservam se as deixam crescer, mas logo abandonam para dar outros frutos estranhos e não os seus próprios se as enxertam. Cada erva tem sua propriedade, seu natural e singularidade; todavia o gelo, o tempo, a terra ou a mão do jardineiro nela aumentam ou diminuem muito de sua virtude: a planta que se viu num lugar, noutros não se consegue reconhecer.

Semente que para se constituir precisa que grãos de pólen cheguem ao útero da planta. Uma vez formada, a semente dificilmente germina no local onde foi produzida. Precisa se dispersar para outros lugares e encontrar solo e clima favoráveis a sua germinação. Só assim a raiz delicada penetra no chão e discretamente pequenas folhas começam a brotar. A partir daí restam apenas duas possibilidades, ou segue o crescimento esperado, ou morre.

Os padres operários foram polens vindos de longe que ao encontrar ambiente de pessoas acolhedoras e inquietas puderam juntos gerar sementes. A maioria delas precisou sair do seio da igreja para vingar em outros campos.

Dona Vânia revela uma dessas sementes – “*A semente da luta pela justiça, pra que haja justiça. Essa foi uma semente que não apagou no bairro.*”. As poucas sementes que germinaram brotam nos trabalhos sociais escolhidos de acordo com a experiência vivida e área de interesse. Lúcia lembra:

Uma raiz muito forte... Os padres operários deixaram uma raiz muito profunda. E olha o que essa comunidade existe até hoje, né, é, existem poucas pessoas, né, mas ainda estão firmes, né. Existem eu e a Amanda, Dona Glória, Dona Conceição, mãe de Dona Glória, o Sr. Benedito, Dona Márcia, né, Dona Olga, só que Dona Olga hoje em dia é crente, né, a Vânia né.

O desenvolvimento da semente nem sempre ocorre da maneira esperada. Dona Vânia reconhece a lentidão deste processo:

Isso é, essa rosa tão linda que você via, ela estacionou, entendeu, ela não morreu, mas ela estacionou. Não teve mais aquele crescimento, se tivesse tido o crescimento da forma que nós estávamos caminhando tinha muita coisa hoje. Mas aí ela estacionou.

A semente encontrou dificuldades em germinar no local onde foi gerada, na igreja:

Olha, eles deixaram uma semente plantada nas pessoas, uma semente que até hoje não morreu. Mas como uma comunidade, mudou muito, não tem muita coisa mais deles não, deles não, né, eles deixaram a semente, mas na comunidade não ficou não porque veio uma outra maneira de trabalho, veio outros padres, veio com seu jeito diferente deles que não vai apoiar muito (Dona Olga).

Foi preciso encontrar outros terrenos propícios à germinação:

... Olha, atualmente, atualmente, atualmente aqui na igreja, tudo aqui que eu falo, não aparece aquilo que eles deixavam quase. Porque como eu falei pra você, é outro sistema. É outra formação, né. Então a gente já ficou pra trás, né. Igual Dona Sônia, eu, Dona Glória, mas aquela boa semente ela continua dando frutos. Igual a creche mesmo, a gente tem a creche por causa de quê? Era um sonho do Domingos (Dona Amanda).

Dona Vânia aponta como resultado da comunidade eclesial de base a fundação do Partido dos Trabalhadores, PT, em Osasco, que hoje vê crescer o número de adeptos, entre eles, pessoas que anteriormente criticavam o trabalho da comunidade. Outra consequência descrita é a ampliação da escolaridade dos seus integrantes e filhos. Estimulados pelas atividades desenvolvidas na época, muitos membros concluíram o ensino fundamental e médio e alguns dos seus filhos chegaram ao nível superior e trabalham com questões sociais. Como é o caso do filho de Dona Vânia que trabalha com o Movimento dos Sem Terra, motivo de orgulho para a mãe.

Jorge revela certa indignação com os resultados alcançados na história da comunidade sem no entanto optar pelo conformismo: *“A semente plantada pelos padres já deveria ter virado árvore e não é isso que se vê. Se não lutar não vem. Até hoje esperamos o fruto cair do céu.”*

Outra semente deixada e que não sofre influências externas é a amizade solidificada entre aqueles que participavam juntos na comunidade. A amizade e a solidariedade, hoje sentimentos raros em uma sociedade competitiva e individualista, impregnam as relações dos entrevistados.

Ah, se não fosse pelo que aprendi, pelo que aprendi, pela doutrina que eu recebi deles... né, pela semente que eles colocaram, que eles conseguiram colocar, talvez eu nem participasse da comunidade, né. Talvez, eu fosse assim um católico de missa, eu não via a, como é necessário a gente trabalhar na comunidade e como é bom, como faz bem. Então essa visão foram eles que deixaram pra nós, né. Porque você vê, tem pessoa que vai na missa, vai à missa dez anos, vinte anos, trinta anos, morre de velho, vai só à missa e ele não conhece nem a pessoa que

tá do lado dele dentro da igreja. Não sabe se a pessoa tá bem, se tá mal, como é o nome, se precisa de alguma coisa, se não precisa. Não procura fazer amizade. Então, essa amizade que eles ensinaram, nós temos, é muito importante, sabe, muito importante, perdura até hoje, né. Essa fraternidade, né, pessoa fraterna um com o outro, é com eles que a gente aprendeu, né. Então eu vejo assim, que a base de tudo que eu faço hoje, que eu vivo hoje ainda é na base que eles ensinaram pra mim, a minha família, o meu lar, tudo, tudo ainda reflete aquilo que eu aprendi, tá. Eu não esqueço deles nem um dia. Às vezes a gente tá conversando eu lembro das frases engraçadas, daquilo que eles falavam, né, das brincadeiras, daquilo que eles gostavam, daquilo que eles não gostavam, tá, ainda... (Sr. Valdir).

O mesmo pensa Dona Amanda:

Então o bairro pra mim, a comunidade do bairro pra mim é a minha família, sabe, pra mim é tudo. Às vezes meu marido fala pra mim que a gente vai vender a casa, que a gente vai mudar daqui (para fugir do desemprego). E depois ele fala pra mim: eu sei que você não quer ir embora por causa da comunidade. Porque esse pessoal pra mim, sabe, Dona Glória mesmo da creche, a Dona Glória pra mim é minha irmã, é minha mãe. Dona Cleide que faleceu é minha mãe, minha irmã, aquela que você pode, né. Seu Benedito, sabe, a Dona Sônia, sabe, a gente tem um amor muito especial. Eu sei que eu também sou especial pra eles, sabe. É uma amizade assim, que você pode confiar, que você sabe. Você tá doente, agora não que eu tava doente, não ia domingo na missa, quando era segunda tava batendo na porta pra saber o que estava acontecendo: porque você não foi? E até hoje. Se eu vou pra igreja sozinha, todo mundo: cadê o Valdir? (rimos). Ou perguntam de mim: porque a Amanda não veio? Quer dizer que é um povo que dá importância pra você. Então isso Karen, é muito importante na vida da gente, muito, muito mesmo.

Em carta escrita ao Frei Manu², Ecléa Bosi menciona que a comunidade de base fez florescer os padres operários e “(...) outros homens e mulheres que constituíram na cidade da mercadoria, no seu tecido morto e reificado, um tecido vivo, alguma coisa em flor, que vivificava tudo a seu redor.” São manifestações da firmeza permanente não tão evidentes para quem desconhece as transformações que sofrem a comunidade e a vida de seus membros. Em uma investigação mais apurada, um olhar mais atento, vê-se que elas estão lá.

No relato e nas práticas dos entrevistados se observa momentos de conformismo e resistência, por vezes cedem e outras reagem às mudanças. Em algumas falas é possível identificar lamentos de uma situação. Soam como vozes desanimadas e isoladas, abafadas pela dominação de um pequeno grupo na comunidade. Prova de que os sujeitos seguem a dinâmica inconstante da vida.

Oliveira (2001, p. 22) ajuda a compreender a observação citada, quando escreve que as práticas solidárias em uma cultura solidária não implicam em inexistência de conflitos:

Quando há interações sociais e solidárias, espera-se, isto sim, que as pessoas se respeitem entre si e se vejam como iguais nos seus direitos. Mas também que saibam ou que se proponham a aprender a trabalhar as diferenças. Não parece ser tarefa fácil nem de rápida resolução e, muito menos, sujeita a fórmulas esquemáticas, aplicáveis a toda situação conflituosa. No entanto, a manifestação das diferenças é importante porque garante que as individualidades possam aflorar. As diferenças permitem também – quando trabalhadas em contexto de mútuo respeito das pessoas entre si – que cada um divise na contribuição do outro o seu inacabamento. Quer dizer, quando não há um modelo a ser copiado ou seguido literalmente por todos, ninguém pode ter, de antemão, a fórmula da solução dos impasses e divergências.

A Pastoral da Saúde, os vicentinos, o Conselho Gestor de Saúde e a creche de certa forma prosseguem os trabalhos iniciados anteriormente com antigos e atuais membros da

² Material gentilmente cedido pela professora Ecléa Bosi no exame de qualificação para a obtenção do grau de mestre em Psicologia.

comunidade que aprendem a conviver em nome de um interesse humanitário comum. Dados que revelam a convivência de duas épocas, antes e depois dos padres operários.

Não se pode negar que as cestas básicas hoje doadas pelos vicentinos são as *sacolas* entregues anteriormente pela equipe dos doentes. A Pastoral Fé e Política se aproxima das discussões na casa dos padres operários entre o Frei Manu, os jovens e os trabalhadores das fábricas. A atenção voltada para o bom andamento do serviço público de saúde, a conscientização do usuário e reivindicação às autoridades competentes iniciou com a equipe dos doentes e a equipe missionária. Experiências que integram antigos e novos membros não sem conflito, mal entendidos e estranhamento. Bosi, A (1992a, p. 30) mais uma vez contribui para a reflexão:

O reencontro do tempo antigo pelo moderno faz pensar em um fenômeno que tende a aprofundar-se e a estender-se em nossos dias: o do convívio dos tempos. Muitos consideram peculiar à pós-modernidade a coabitação de estilos de vida e de pensamentos distintos. Essa convivência pode ser forçada, artificial, promovida pelo mercado cultural, moda parente da morte. Mas pode acontecer espontaneamente, sinal de que o tempo que se vive não é homogêneo. Senha de riqueza e contradição que instiga a nossa mente e exige deciframento.

Agradecida pela experiência vivida, a generosidade de Dona Amanda é tanta que lamenta não haver meios de repeti-la com a comunidade de hoje, composta por um maior número de pessoas:

O que eu sinto é que tem tanta gente na igreja agora, naquele tempo tinha pouquinho gente, a capela era tão pequena. bairro muito pobre, sempre pouca gente, né, e... O que eu sinto agora, agora que tem bastante gente, que a igreja tá cheia, que eu gostaria de ter os padres operários na capela pra falar de Jesus e pregar esse Evangelho no dia-a-dia, na vivência do povo, isso de ficar no meio de nós, na fábrica, na condição, né, entendeu? Que às vezes a pessoa... e depois que sai da igreja esqueceu de ser cristã lá fora.

Resta a saudade de uma época: *“Eu tenho muita saudade de tudo que eles ensinaram pra nós, muito. Eles deram exemplo de vida, sabe, de vida.”* (Dona Amanda).

Arendt (2001, p. 217/8) ressalta:

O que normalmente permanece intacto nas épocas de petrificação e de ruína inevitável é a faculdade da própria liberdade, a pura capacidade de começar, que anima e inspira todas as atividades humanas e que constitui a fonte oculta de todas as coisas grandes e belas. Mas enquanto essa fonte permanece oculta, a liberdade não é uma realidade tangível e concreta; isto é, não é política. É porque a fonte da liberdade permanece presente mesmo quando a vida política se tornou petrificada e a ação política, impotente para interromper processos automáticos, que a liberdade pode ser confundida tão facilmente com um fenômeno essencialmente não-político; em tais circunstâncias, a liberdade não é vivenciada como um modo de ser com sua própria espécie de “virtude” e virtuosidade, mas como um dom supremo que somente o homem, dentre todas as criaturas terrenas, parece ter recebido, e cujos sinais e vestígios podemos encontrar em quase todas as suas atividades, mas que, não obstante, só se desenvolve com plenitude onde a ação tiver criado seu próprio espaço concreto onde possa, por assim dizer, sair de seu esconderijo e fazer sua aparição.

Mesmo com todas as tentativas de apagar as marcas do passado os antigos membros da comunidade agem, muitas vezes sem serem notados, na preservação da memória de convivência. Os ideais dos padres operários estão vivos entre os depoentes, no padre Miro, em toda parte em que resta a esperança e a firmeza permanente. A partir da prática comunitária a conservação da memória e a manutenção de uma cultura comunitária são viáveis. Tarefa nada fácil, conta Oliveira (1997, p. 28):

É certo que uma sociedade cindida pela fragmentação, seccionando o fazer e o tempo das pessoas, não poderia restituir de uma hora para outra a totalidade que ela mesma esfacelou, ao se constituir desta maneira.

Ocorre, contudo, que o movimento pelo qual se pulverizam práticas e consciências produz, simultaneamente, necessidade nos sujeitos sociais de recompor aquilo que está se perdendo. E não é pouco o que está em jogo. É nossa capacidade de nos reconhecermos nas práticas que realizamos; é, enfim, a oportunidade de redescobrir viva dentro de nós a seiva que nos liga a raízes comunitárias de uma vida em comum, na qual os outros homens são iguais a nós em direitos e, ao mesmo tempo, diferentes no jeito de ser.

Bosi, A (1987, p. 42/3) ao relatar a mobilização dos moradores da periferia de Cotia-SP confirma o que foi citado:

Em geral, quando começamos a entender mais fundamente as coisas ficamos desesperados, mas a política é uma arte que pratica a virtude da esperança. Os militantes percebem afinal que o que eles estão fazendo é cultura: eles estão vinculando intimamente duas instâncias tão diversas que parecem até disparatadas: as leis do Estado e o conhecimento do meio ambiente. Eles fazem a união e produzem cultura.

O trabalho de recuperação da memória daqueles que fizeram parte da comunidade de base revelou algo inesperado. É possível verificar nas práticas cotidianas dos depoentes a cultura solidária e a militância. Oliveira (2001, p. 16/7) é quem escreve:

Uma cultura solidária emerge à medida que as interações sociais se fundam numa base comum, na qual os participantes se voltam um para o outro, compondo um campo mutuamente compartilhado. Estabelece-se uma rede de influências, em que direitos e responsabilidades são construídos, acertados e cultivados por meio de práticas, costumes, crenças e auto-regulamentações comuns, inspirados em bases igualitárias. Nesta teia, forçosamente também dinâmica e contraditória, cada qual tende a interiorizar a idéia de que a liberdade de ação individual não pode ser ilimitada e irrestrita se, para além, existe um projeto mais generoso, visualizando a possibilidade de que todos possam crescer na

solidariedade. Aos poucos, sedimenta-se no interior de cada membro que a afirmação individual das pessoas é um direito, mas não pode realizar-se à custa da servidão, ainda que voluntária, nem do abafamento ou da exclusão do outro.

Neste momento é interessante resgatar as diversas contribuições que a comunidade eclesial de base proporcionou. A maneira como cada entrevistado se apropriou da experiência traz uma interpretação genuína do vivenciado. As lembranças colocaram em pauta princípios em desuso na sociedade atual como o fortalecimento dos laços de convivência, o desprendimento, a não-violência-ativa, a organização de pessoas para a luta do bem comum, a análise social dos acontecimentos cotidianos, o lúdico nas interações, o desenvolvimento da autonomia, a partilha, a aquisição e a construção de conhecimento, a preocupação com o outro.

Desde o nascimento do grupo o sentido de coletividade predominou. As ações voltaram-se para isso. Os espaços físicos foram construídos nesta direção e os que já existiam adaptaram-se a esta natureza. O salão-capela é a prova viva da preocupação por um ambiente comum a todos. O mesmo pode-se dizer da casa dos padres operários, pensada para receber as pessoas que ali chegavam. Nas casas dos moradores as portas passaram a ficar mais tempo abertas, a espera das palmas que anunciavam as visitas sem cerimônia, sem preparativos, sem hora marcada, sem período de permanência estabelecido.

O trabalho manual sempre foi valorizado. A habilidade para erguer o salão-capela, garantir o mínimo de proteção nas casas frágeis dos mais pobres, preparar o alimento durante o trabalho em mutirão. Com as mãos o consumismo desmedido foi freado, elas mesmas produziram aquilo que precisavam, passo a passo, no tempo possível. A expressão da criatividade pode se manifestar na confecção dos objetos utilizados na igreja – bancos, candelabros, apostilas, livro de cânticos – e nas peças elaboradas pelas mulheres do clube de mães.

A crença na coletividade era tamanha que o desprendimento, sentimento desprezível na sociedade capitalista, toma proporções impensadas. O dinheiro de diferentes fontes era unido, e logo em seguida repartido. Isso aconteceu na caixa comum, na herança familiar e nos salários dos padres. O alimento passava pelo mesmo processo da divisão. As “sacolas” (cestas básicas) doadas aos pobres eram mantimentos arrecadados nos arredores do bairro.

No Dia da Comunidade cada participante levava o melhor prato que podia ofertar. As refeições nas casas dos amigos e dos padres dispensavam combinações prévias.

A comunidade nascente criou condutas da boa convivência. Gentilezas fizeram parte das ações rotineiras. Passar entre os vizinhos e permitir ver e ser visto, parar para cumprimentar, conversar, procurar o amigo quando sentir falta de sua presença, buscar os motivos do afastamento, são alguns exemplos das atitudes adotadas. O acolhimento, as visitas, a escuta e a partilha dos problemas diários demonstram a pura amizade. A preocupação com o outro possibilitava a busca de soluções para os problemas compartilhados. O que dizer do auxílio às vítimas de deslizamento de terra, aos desempregos, à viúva que voltou para a Bahia com a finalidade de reconstruir a vida após o assassinato do marido? Ações colocadas em prática graças a certeza de que as soluções são encontradas em conjunto e quando as pessoas são capazes de compartilhar sofrimentos e sentimentos, com toda a carga do que isso significa.

Na conscientização das dificuldades presentes os problemas tomam dimensões sociais relacionadas e problematizadas. A discussão de temas delicados traz mudança de postura. Resgata-se a dignidade, os direitos humanos vivenciados dia-a-dia. Um dos primeiros trabalhos foi a construção de uma identidade do grupo, em sua maioria migrante a procura de melhores meios para sobreviver. É estabelecida uma irmandade entre eles e a certeza de que a chegada a uma terra estranha não é fruto de um acaso. Os recém-moradores são levados a deixar de lado a visão ingênua da livre escolha e adotar uma postura crítica. Processo que traz desconforto porque todos os acontecimentos deste momento em diante perdem a roupagem enganadora e ilusória. As evidências da mais profunda trama de relações e implicações são expostas, percebem que foram expulsos de sua terra natal.

Também foi possível desvelar o mais difícil, o preconceito entre os seus. A participação dos negros nos trabalhos comunitários é permitida desde que não assumam posição de liderança. Há um incômodo generalizado na posição de destaque que o negro pode obter. Coube fazer emergir nas discussões o que é desagradável reconhecer e falar. O mesmo aconteceu entre maridos e esposas quando revelada a relação de poder existente em seus relacionamentos. A consequência não poderia ser outra, desestabilizou uma situação de submissão da mulher à cultura machista perpetuada há anos. Pequenas e grandes

situações naturalizadas passam a objeto de crítica das mulheres que parecem ter descoberto algo antes não pensado, a igualdade de direitos. Tudo isso as custas de enfrentamentos, indisposições, dor e até agressões físicas.

As preocupações voltam-se para os desprezados pela sociedade: usuários de drogas, velhos, crianças pobres, mulheres, negros, migrantes, presos e doentes. Pessoas que normalmente são culpabilizadas pelas condições em que vivem.

As pessoas despertaram para o poder de decisão, as iniciativas em prol de um bem-estar integrado. Para tanto, aprenderam a se autorizarem. A organização de diferentes grupos de trabalho – núcleo, equipe dos doentes, clube de mães – levaram a decisão coletiva e planejamento das ações. Os esforços somados resultaram em conquistas concretas inicialmente no miúdo e depois alcançaram proporções maiores, da casa para o bairro e deste para o município, como posto de saúde, centro de vivência, creche. A experiência fez nascer e fortalecer a autonomia e independência de pessoas que abandonaram a posição de exclusão destinada a elas.

A riqueza da experiência não pára por aí. O direito a uma profissão propiciado no curso profissionalizante do Senai no salão-capela. O direito à voz na leitura em voz alta e estudo dos textos sagrados na Escola da fé, encontros e celebrações. O direito ao conhecimento e às letras garantido no grupo de alfabetização de adultos, nos livros disponíveis na casa dos padres operários e nas palestras de convidados de diferentes áreas organizadas pela comunidade.

Bosi, A (2002) considera o excluído não como objeto da escrita, mas como sujeito do processo simbólico. Neste sentido, é possível encontrar no contexto de pobreza motivações para a atividade social da leitura e da escrita, ingresso no “(...) circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de fôrma.” (p. 261). A escrita e leitura passam a ser importantes ferramentas na educação para a cidadania.

A experiência comunitária do trabalhador dificilmente escapa da situação-de-classe, do destino de classe. O lugar social, o *status* de cidadãos e a participação na cultura não sofrem alterações significativas. No entanto, continua o autor, pode levar:

(...) a esferas de cidadania e de convívio político que, sem dúvida, acordaram a sua consciência e a sua vontade de interferir na vida pública.

O que resultou em inclusão, no mais nobre sentido da palavra; não a inclusão passiva no mercado, onde cada um entra na qualidade de um consumidor a mais, mas o ingresso voluntário no âmbito, em geral restrito, dos que debatem, projetam, decidem e agem (p. 266).

Assim, se não foi possível instaurar a sociedade de partilha tão sonhada, ao menos promoveu aos que vivenciaram intensamente a comunidade de base, uma forma diferenciada no enfrentamento das dificuldades da vida. De alguma forma puderam colocar em prática os princípios do militante cristão, transformador da situação de injustiça e de opressão.

Encerro com a seguinte colocação de Sr. Valdir: *“Se fosse resumir em uma só frase tudo que aconteceu para nós aqui eu diria: nunca fomos tão felizes”*.

ANEXOS

Anexo A

Roteiro de observação

Caracterização do bairro

Observar:

- as condições de moradia (tipo de material utilizado na construção das casas, casa própria ou alugada);
- serviços de atendimento à saúde, à segurança, ao ensino, ao lazer;
- características do comércio local;
- situação do abastecimento de água, energia elétrica, sistema de esgoto e transporte coletivo;
- locais de encontro dos grupos.

Convivência

Observar:

- experiência de partilha ou gestos de desprendimento;
- relacionamento com familiares e vizinhança;
- participação das pessoas nas pastorais, grupos e eventos comunitários;
- disponibilidade das pessoas;
- organização por lutas comunitárias.

*Anexo B**Roteiro de entrevista*

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora no bairro? Com quem chegou aqui? Como o(a) senhor(a) chegou aqui? Por que veio para cá?
2. Como era o bairro naquela época? (características das casas, dos serviços disponíveis).
3. O(a) senhor(a) poderia falar como passa o seu dia durante a semana? Que o (a) senhor(a) faz de segunda a sexta de manhã? E de segunda a sexta à tarde? E de segunda a sexta à noite? O(a) senhor(a) lembra de mais alguma coisa? E nos finais de semana? O que o(a) senhor(a) faz no sábado de manhã? E à tarde? E à noite? E no domingo de manhã? E à tarde? E à noite?
4. O(a) senhor(a) faz algum trabalho na comunidade? Quais?
5. O(a) senhor(a) poderia contar em detalhes como é o seu trabalho no(a) ...(retomar individualmente as atividades na(s) pastoral(is) ou grupo(s) que faz parte).
6. O(a) senhor(a) com tanta coisa para fazer ainda encontra tempo para participar da comunidade? Como consegue se dividir entre a sua família e o seu trabalho com a comunidade? Quando começou a participar da comunidade? Por que decidiu colaborar? Como começou? O que fazia? Desde lá, quantas coisas já fez?
7. O que significa para o(a) senhor(a) o trabalho na comunidade?
8. Existem dificuldades em trabalhar na comunidade? (Se houver dificuldade perguntar: Quais são as dificuldades que o(a) senhor(a) enfrenta? Mesmo com todas essas dificuldades o(a) senhor(a) continua trabalhando, onde encontra forças para continuar? Como assim?). Existe alguém que no passado incentivou o(a) senhor(a) a trabalhar na comunidade? Existiu alguém que no passado incentivou o(a) senhor(a) a trabalhar na comunidade? Como ele(a) fez? O que ele(a) dizia? Existe mais alguém que te dá forças para continuar trabalhando?
9. O que é para o(a) senhor(a) viver em comunidade, trabalhar para ela?
10. O(a) senhor(a) se lembra do tempo em que aqui viviam os padres operários, os padres que trabalhavam nas fábricas? Que lembranças o(a) senhor(a) tem dessa época? Que mais? Quais os padres operários que o(a) senhor(a) conheceu? O que o(a) senhor(a)

Anexo D

Foto do padre Domingos Barbé gentilmente cedida por D. Olga.



Referências:

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BARBÉ, Domingos. *Fé e ação: catecismo para os cristãos das comunidades de base*. São Paulo: Loyola, 1976.
- _____. Cristo e política: a não-violência de Jesus. In: FRAGOSO, Antônio et al. *A firmeza-permanente: a força da não-violência*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 183-202.
- _____. *A graça e o poder: as comunidades eclesiais de base no Brasil*. Tradução de Domingos Barbé. São Paulo: Paulinas, 1983a.
- _____. *Teologia da pastoral operária: experiência de Osasco, S.P.* Prefácio de Alfredo Bosi. Petrópolis: Vozes, 1983b.
- _____. *Uma teologia do conflito: a não-violência ativa*. São Paulo: Loyola, 1985.
- _____. Nota sobre o debate: participação dos cristãos na política partidária. In: BOFF, Clovis et al. *Cristãos: como fazer política*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 131-148.
- BARBÉ, Domingos; RETUMBA, Emmanuel. *Retrato de uma comunidade de base: prática e teologia da comunidade de base*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BENJAIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 2000.
- BOSI, Alfredo. Prefácio. In: BARBÉ, Domingos. *Teologia da pastoral operária: experiência de Osasco, S.P.* Petrópolis: Vozes, 1983. p. 7-29.
- _____. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 31-58.

lembra do padre...(citar cada padre lembrado). O(a) senhor(a) se lembra de mais algum outro padre que era operário?

11. O que cada um desses padres operários fazia para os moradores? (citar cada padre). Como eram as missas celebradas por eles? E os encontros?
12. Como era antes dos padres chegarem aqui?
13. O que o(a) senhor(a) acha que o trabalho deles deixou para a comunidade?
14. Existe alguma coisa que os padres diziam que o(a) senhor(a) ainda leva em consideração hoje em dia? Existe alguma coisa que os padres operários faziam que o(a) senhor(a) ainda leva em consideração hoje em dia?
15. Os padres de hoje continuam o trabalho deixado pelos padres operários? (Se a resposta for negativa perguntar os motivos. Se for positiva perguntar: Que tipo de trabalho? Como fazem? Por que fazem?)

Anexo C

Desenho idealizado pelo padre Domingos Barbé para representar o Partido dos Trabalhadores em Osasco, gentilmente cedido por D. Olga.

PARA ANDAR NA VIDA



- ____. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. p. 7-15.
- ____. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal da Cultura, 1992a. p. 19-32.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1992b.
- ____. A escrita e os excluídos. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 257-269.
- BOSI, Ecléa. O trabalho manual. In: SZMRECSANYI, Maria Irene de Q. F. (Org.). *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano*. São Paulo: FAU/USP, 1985. p. 73-6.
- ____. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987a. p. 16-41.
- ____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987b.
- ____. [Carta] 16 fev. 1988, São Paulo [para] RETUMBA, Emanuel, São Paulo. 3 f. Morte do padre Domingos Barbé.
- ____. Entre a opinião e o estereótipo. *Novos estudos Cebrap*, n. 32, p. 111-118, mar./1992.
- ____. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 9. ed. Apresentação de Dante Moreira Leite; prefácio de Otto Maria Carpeaux. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHAUI, Marilena Sousa. *Conformismo e resistência: aspecto da cultura popular no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CÜENOT, Michel. *Escuta, meu povo*. São Paulo: Paulinas, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ____. *Pedagogia do oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GONÇALVES FILHO, José Moura. O bairro operário e a hospitalidade. *Boletim de Psicologia*, v. 48, n. 108, p. 27-47.

LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. Comentários de Pierre Clastres, Claude Lefort, Marilena Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LIVRO DE CÂNTICOS DA COMUNIDADE. s.d. [Datilografado]

MARTINS, José de Souza. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. In: _____. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 17-54.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. O lúdico na vida cotidiana. In: Bruhns, Heloisa Turini (Org.). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997. p. 11-32.

_____. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.

_____. (Org.). *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. 2. ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1998.

RETUMBA, Emanuel. Prefácio. In: CÜENOT, Michel. *Escuta, meu povo*. São Paulo: Paulinas, 1976.

_____. *Domingos Barbé por Emanuel Retumba*. [Fita cassete]. s.d. 1 fita cassete.

SALMAR, Eduardo. Uma arquitetura ao alcance de todos? In: FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (Orgs.). *Fazer escola conhecendo a vida*. 6. ed. Campinas: Papirus, 1995. p. 77-78.

SECRETARIADO JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA. O que é a não-violência. FRAGOSO, Antônio et al. *A firmeza-permanente: a força da não-violência*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 15-32.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Tradução de Therezinha Gomes Garcia Langlada. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Bibliografia consultada

BOFF, Clovis et al. *Cristãos: como fazer política*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. *E a igreja se fez povo: eclesiogênese, a Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CESBRON, Gilbert. *Os santos vão para o inferno*. 3. ed. Porto: Tavares Martins, 1958.

CHAUI, Marilena Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. Práxis da libertação. In: _____. *Conscientização: uma teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980. p. 57-95.

GOLDMANN, Lucien. A reificação. In: _____. *Dialética e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Passagem para a vila Joanisa: uma introdução ao problema da humilhação social*. 1995. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Humilhação social: um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 11-67, 1998.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro. *Comunidades de base no Brasil: uma nova maneira de ser em Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1978.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

MARTINS, José de Souza. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. *Tempo Social*, São Paulo, 5 (1-2), p. 1-29, 1993.

OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Semana santa cabocla*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.